

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
METODOLOGIA DE ENSINO**

**“CANÇÕES, DIÁLOGOS E EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA EM BUSCA DE
UMA PRÁTICA ESCOLAR HUMANIZADORA”**

Keila de Mello Targas

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ilza Zenker Leme Joly

São Carlos
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
METODOLOGIA DE ENSINO

**“CANÇÕES, DIÁLOGOS E EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA EM BUSCA DE
UMA PRÁTICA ESCOLAR HUMANIZADORA”**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em
Educação, do Centro de Educação e Ciências Humanas
da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos
requisitos para a obtenção do título de Doutor em
Educação, área de Metodologia de Ensino

Keila de Mello Targas

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ilza Zenker Leme Joly

São Carlos
2009

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

T185cd

Targas, Keila de Mello.

Canções, diálogos e educação : uma experiência em busca de uma prática escolar humanizadora / Keila de Mello Targas. -- São Carlos : UFSCar, 2009.
120 f.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2009.

1. Educação musical. 2. Canções e música. 3. Práticas sociais e processos educativos. I. Título.

CDD: 370.193 (20^a)

BANCA EXAMINADORA


Profª Drª Ilza Zenker Leme Joly

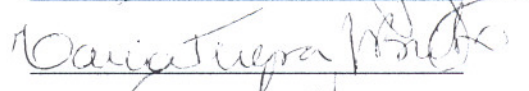
Profª Drª Maria Teresa Alencar de Brito

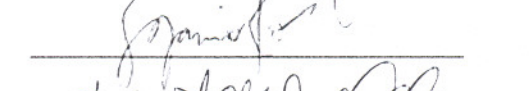
Prof. Dr. Leandro Osni Zaniolo

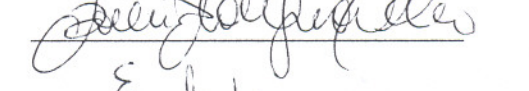
Profª Drª Roseli Rodrigues de Mello

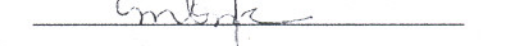
Profª Drª Elenice Maria Cammarosano Onofre











Este trabalho foi desenvolvido nos grupos de pesquisa: “Práticas Sociais e Processos Educativos” e “Educação Musical, Cultura e Comunidade”

Dedico este trabalho ao meu marido, Marcelo, e aos meus filhos, Thatiana, Gabriel e Lucas,
que com muito carinho e paciência me incentivaram nessa jornada.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me dar forças, mesmo em meio às turbulências no decorrer deste projeto acadêmico.

À Profª Drª Ilza Zenker Leme Joly, amiga e orientadora, pelo apoio, incentivo e paciência no decorrer dessa caminhada.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) pelo auxílio na realização deste estudo.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo apoio financeiro que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

À diretora Rose, professora Patrícia e seus alunos, da EMEB “Janete Martinelli Lia”, os quais me agradeceram com sua participação nesta pesquisa e aos quais devo meu entusiasmo por este estudo.

À Moniele, co-pesquisadora desse trabalho, pela dedicação contínua.

Ao meu esposo, Marcelo, meus filhos Thatiana, Gabriel e Lucas que participaram de todas as etapas deste trabalho dando apoio pacientemente aguardando a “mamãe estudar”.

Aos meus pais e sogros, pelo carinho e estímulo.

Aos amigos do Grupo de Pesquisa em Educação Musical, junto aos quais muitas reflexões foram desenvolvidas e contribuíram para a construção deste estudo.

Aos professores e colegas da Linha de Pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos”, linha de pesquisa da UFSCar à qual este trabalho se encontra relacionado.

A todos os familiares e amigos que, de alguma forma contribuíram para que mais essa etapa acadêmica se tornasse possível.

LISTA DE QUADROS

QUADRO I – Atividade com a música “Bambu”, desenvolvida em 28/06/2006.....	43
QUADRO II Atividade com a música “Boa Tarde”, desenvolvida em 29/08/2006.....	46
QUADRO III Atividade com a música “Pulguinha”, desenvolvida em 05/09/2006.....	51
QUADRO IV Atividade com a música “Passa, passa gavião”, desenvolvida em 12/09/2006.....	55
QUADRO V Atividade com a música “A Roda”, desenvolvida em 12/09/2006.....	56
QUADRO VI Atividade com a música “Ciranda, cirandinha”, desenvolvida em 19/09/2006.....	59
QUADRO VII Atividade com a música “A serpente”, desenvolvida em 26/09/2006.....	62
QUADRO VIII Atividade com as músicas “O elefante” e “Carneirinho, carneirão”, desenvolvida em 03/10/2006.....	66
QUADRO XIX Atividade com a música “Acalanto para você”, desenvolvida em 24/10/2006.....	84
QUADRO X Atividade com a música “Uma estória”, desenvolvida em 31/10/2006.....	87
QUADRO XI Atividade com a música “Tá na hora de mamar”, desenvolvida em 14/11/2006.....	96

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Grupo participando da brincadeira com a música “A serpente”	62
FIGURA 2 – Grupo participando de uma atividade musical.....	76
FIGURA 3 – Aluno do 1º ano dançando “ <i>break</i> ”.....	93
FIGURA 4 – As crianças no parquinho da escola.....	100
FIGURA 5 – Grupo reunido no parquinho da escola.....	107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
-------------------------	----------

CAPÍTULO 1

Cultura, Diversidade cultural e Educação.....	7
1.1 Música e canção, educação e cultura.....	18

CAPÍTULO 2

Cantando e conversando na escola: procedimentos metodológicos da pesquisa	25
2.1 Escolhendo o método.....	25
2.2 Escolhendo os participantes.....	29
2.2.1 A escola e seu entorno.....	30
2.2.2 Minhas impressões sobre a escola e seu entorno.....	31
2.2.3 Iniciando o contato.....	32
3.2.4 Os participantes.....	34
• A professora.....	33
• Os alunos e alunas.....	36
• A colaboradora	37
• A pesquisadora.....	38

CAPÍTULO 3

Convivendo com o grupo: compartilhando experiências.....	43
3.1 Encontro 29/08/2006: Quem eu sou?	45
3.2 Encontro 05/09/2006 Como “quem eu sou” se relaciona com “onde estou”.....	50
3.3 Encontro 12/09/2006 Como vejo minha família?	54
3.4 Encontro 19/09/2006 Como vejo minha família? (ParteII).....	59
3.5 Encontro 26/09/2006 Minhas escolhas podem ser diferentes da sua?.....	62
3.6 Encontro 03/10/2006 Minhas escolhas podem ser diferentes da sua? (Parte II).....	68
3.7 Encontro 10/10/2006 Eu posso conviver com quem pensa diferente de mim?.....	72
3.8 Encontro 17/10/2006 Eu posso conviver com quem pensa diferente de mim? (Parte II).....	79
3.9 Encontro 24/10/2006 Eu posso dar sugestões?.....	84
3.10 Encontro 31/10/2006 Como eu me vejo?.....	87
3.11 Encontro 07/11/2006 Eu posso contribuir mostrando o que eu sei?.....	91
3.12 Encontro 14/11/2006 Eu posso contribuir mostrando o que eu sei? (Parte II)	95
3.13 Encontro 06/12/2006: Eu fiz diferença ao participar no grupo?.....	96
3.14 O que pensa a professora Patrícia sobre o processo vivenciado?.....	98
3.15 O que pensa a pesquisadora Moniele sobre o processo vivenciado?	101
3.16 Processos educativos: o que eu aprendi em nossa roda de conversa musical?.....	105
3.16.1 Valorização da auto-estima.....	102
3.16.2 Transformação da visão de mundo.....	103
3.16.3 Aprendendo a dialogar.....	103
3.16.4 Aprendendo a compartilhar experiências de vida.....	104
3.16.5 Contribuições da música no processo vivenciado.....	104

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....109

FONTES CONSULTADAS.....114

RESUMO

A questão de pesquisa proposta por este estudo foi: de que maneira a escuta de canções pode contribuir para a valorização da singularidade de crianças no cotidiano da prática escolar humanizadora? Que processos educativos são gerados a partir da convivência de uma professora de ensino fundamental, seus alunos e pesquisadoras numa roda de conversa em que a música atue como elemento propulsor do diálogo? Os objetivos do estudo foram observar, descrever e analisar os processos educativos decorrentes da convivência com o grupo, bem como analisar de que maneira a música contribuiu neste processo. A pesquisa, de inspiração qualitativa foi desenvolvida em uma escola da rede municipal de ensino, em um bairro da periferia de São Carlos, interior de São Paulo. Com encontros semanais, a comunicação se dava a partir de canções, conversas em roda, atividades relacionadas com a voz, movimento e expressão corporal. Os resultados mostram que a música, através do recorte das canções, contribuiu no sentido de favorecer o diálogo entre as diferentes referências culturais e musicais presentes no grupo, numa perspectiva de valorização e respeito à diversidade e singularidade.

Palavras chaves: Educação Musical, Canções e Prática Escolar, Humanização.

ABSTRACT

The research question proposed by this study was: how can songs contribute to the appreciation of the cultural singularity in the school? What educative processes are generated from the contact of a teacher, her pupils and researchers? The objectives of the study were to observe, to describe and analyze the educative processes originated from the contact with the group, as well as to analyze how music contributed in this process. The research, of qualitative methodological ground, was developed in a public community school. With weekly meetings, the communication was done through music with songs, movements and body expression. The results show that music contributed to favor the dialogue between the different cultural and musical references in the group, in a perspective of appreciation and respect for the diversity and singularity.

Key words: Music Education, Songs and School Practice, Humanization.

INTRODUÇÃO

Nasci e fui criada em São Carlos, interior de São Paulo, na zona rural, numa chácara localizada no subdistrito de Água Vermelha. Lá eu aprendi a subir em árvores, comer frutos do pomar, brincar com terra, de “esconde-esconde”, “pega-pega” e “polícia e ladrão”. Aos sete anos aprendi a dividir meu tempo entre as brincadeiras e a escola, passando a freqüentar a então “EEPG Prof. Adail Malmegrim Gonçalves”, escola municipal localizada bem perto de minha casa. Todo o dia, pela manhã, acompanhada de minha mãe, para lá me dirigia à pé apreciando a paisagem e os animais no pasto das chácaras vizinhas. Eram momentos tão bons que permanecem na lembrança. Lá tive minhas primeiras experiências como aluna: aprendi a ler, escrever, cantar os Hinos Pátrios, fiz amigos.

Quando terminei a 3ª série, fui transferida, juntamente com meu irmão, para um colégio particular em São Carlos em virtude do recebimento de uma bolsa de estudo. Lá fiz novos amigos e estudei até à 8ª série, passando então para novamente para o ensino público, cursando o Ensino Médio na escola estadual “Álvaro Guião”. Após o Ensino Médio, ingressei no curso de Pedagogia da UFSCar. A UFSCar já fazia parte da minha vida antes mesmo de eu ingressar na instituição, uma vez que meu pai foi funcionário da UFSCar durante 20 anos.

Paralelamente a todos esses momentos, a música sempre esteve presente. Meus pais sempre cantaram para nós – eu e meus irmãos – e conosco. À medida que fui crescendo, meu interesse por música e instrumentos musicais foi aumentando. Na época, o instrumento mais cogitado para meninas estudarem era o piano. Aos dez anos meus pais conseguiram uma bolsa de estudos com uma professora particular e tive a oportunidade de aprender piano clássico. Desde então o piano se tornou meu companheiro de alegrias e frustrações: quando estava feliz, tocava piano para extravasar minha alegria; quando estava triste, tocava piano para espantar minha tristeza. Interrompi o curso de Piano Clássico quando houve incompatibilidade de horários entre o Piano e o curso de Pedagogia. Mas, ainda assim, continuava a estar em contato com a música de alguma forma: tocando para

corais da minha igreja, cantando com meus irmãos, procurando – no próprio curso de graduação – disciplinas relacionadas à música.

Após a graduação, tive oportunidade de atuar como professora de Educação Musical para o Ensino Fundamental no mesmo colégio particular em que estudei quando criança e foi uma experiência importante tanto na vida profissional como na vida pessoal. Conquanto houvesse estudado sobre os fundamentos teóricos e metodológicos da educação, foi atuando que me redescobri, inclusive, como pesquisadora¹. Convivendo com os alunos, refletindo sobre o cotidiano na sala de aula, foi que me despertei novamente para a pesquisa e tive motivação para ingressar no mestrado.

Assim, ingressei no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar, em 2001, pronta para dois desafios: começar uma nova etapa estudantil e, grávida de minha primeira filha, conhecer a experiência de ser mãe. De fato, foram experiências marcantes, ainda mais por estarem relacionadas. Ao final, completar o mestrado ao lado de minha família foi motivador e gratificante.

No Mestrado tive oportunidade de pesquisar sobre a relação entre música e sala de aula com o olhar voltado para a formação continuada de professores. Buscava investigar possíveis contribuições de um programa de formação continuada em educação musical, para professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no sentido de desenvolver habilidades musicais e a reflexão como parte da prática pedagógica. Também buscava analisar de que maneira o programa possibilitaria um contato com a música por parte do professor unidocente e o quanto isso representaria em termos de redirecionamento da prática pedagógica. Assim, desenvolvi uma oficina musical com professoras de uma EMEB da periferia de São Carlos, com duração de 23 semanas, cujo objetivo estava em possibilitar às participantes a aquisição de conhecimentos musicais básicos por meio da vivência de atividades práticas e reflexões teórico-metodológicas. Ao mesmo tempo em que eram vivenciados jogos e brincadeiras musicais, havia espaço para discussão das atividades, leituras e reflexões.

¹ Na graduação tive oportunidade de desenvolver projetos de Iniciação Científica, na área de Fundamentos da Educação que contemplaram a arte¹ de alguma forma (trabalhei com alguns teóricos da Escola de Frankfurt – Theodor Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin – no grupo “Teoria Crítica e Educação” coordenado pelo Prof. Dr. Bruno Pucci e Prof. Dr. Antonio Zuin). Sobretudo na terceira monografia, meus estudos estiveram voltados para a produção musical contemporânea sob o ponto de vista de Adorno, na qual discuti as relações entre “música séria”, “música popular” e o ouvinte sob o ponto de vista do referido autor.

O processo possibilitou às professoras a experimentação de novas possibilidades de trabalho com a música em sala de aula, com a inclusão de inovações e adaptações a partir das experiências vivenciadas na oficina, assim como a aplicação dessas inovações em sala de aula e a reflexão sobre o processo vivenciado. Ao final, foi possível verificar que, ao participar do programa de formação continuada em música, as professoras puderam desenvolver novas habilidades na área musical, tais como: diferenciar andamentos musicais, timbres, variações de intensidade e altura do som. Também ampliaram as possibilidades de trabalho com a música em sala de aula adaptando e adequando conteúdos de acordo com suas necessidades. O programa mostrou ser um importante instrumento para o incentivo de novas aprendizagens docentes, desenvolvimento da prática reflexiva e uma nova maneira de perceber a educação musical.

Após o término do Mestrado, em 2003, lecionei por um semestre numa escola de Educação Infantil de São Carlos e, nessa vivência, me despertei para novas questões que me levaram a elaborar um novo projeto, o qual foi submetido à Seleção de Doutorado do Programa de Pós-Graduação da UFSCar em 2004. Tendo sido aprovada, ingressei no Programa em 2005. Naquele momento tinha em mãos um projeto promissor, no entanto ainda frágil em termos de referencial teórico. Já havia realizado algumas leituras de Paulo Freire, Ernani Fiori, quando ainda cursava graduação em Pedagogia na UFSCar. Porém, não foram leituras aprofundadas. Tinha idéia do que defendiam os autores mas não profundidade para entender seus pressupostos. Não conhecia trabalhos do autor Enrique Dussel e pude ter contato com leituras do mesmo nas disciplinas “Práticas Sociais e Processos Educativos 1” e “Práticas Sociais e Processos Educativos 2”, respectivamente no 1º semestre de 2005 e 2º semestre de 2006.

Realizar a inserção no referencial teórico da Linha de Pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos” não foi uma tarefa muito fácil. Foram leituras densas e muitas vezes me senti à margem do processo. Tinha ainda um detalhe: grávida de meu 3º filho, não pude cursar a disciplina “Práticas Sociais e Processos Educativos 2” no 2º semestre de 2005, quando estaria afastada por conta do nascimento do bebê. Assim, nas disciplinas Seminários de Teses, desenvolvidas no 1º, 2º e 3º semestres do Programa de Doutorado em Educação, tive algumas dificuldades para me encontrar.

Meu trabalho foi se modificando ao longo desse período, assim como minhas leituras foram me indicando caminhos a serem percorridos. As dificuldades enfrentadas nos primeiros semestres me estimularam buscar cada vez mais conhecer o referencial teórico da Linha da Pesquisa na qual estava inserida minha pesquisa. Assim, busquei embasar meu referencial específico da linha “Práticas Sociais e Processos Educativos”, num primeiro momento, em Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão. Sendo meu objetivo central analisar os processos educativos decorrentes da convivência com um grupo formado por uma professora de ensino fundamental, seus alunos e as duas pesquisadoras, bem como analisar de que maneira a música contribuiu nesse processo, esses autores me deram subsídios para defender esse meu objetivo, assim como para começar a compreender como se daria o processo. Ao ler Paulo Freire, compreendi, entre outras coisas, o quanto o diálogo é importante. Ao cursar a disciplina “Práticas Sociais e Processos Educativos 2”, ampliei meus caminhos teóricos. Além de Paulo Freire e Brandão, também pude realizar leituras mais cuidadosas de Fiori, Dussel, que também passaram a representar autores centrais para meu referencial teórico.

Minha pesquisa procura discutir a questão da importância da coerência, do “conviver com”, da cultura popular, da conscientização, temas abordados por Fiori. Nesse sentido, Dussel também oferece suporte para a discussão da valorização da diversidade cultural, bem como para a discussão em torno da relação com o outro, construção da identidade, importância do diálogo e da cultura popular.

Tendo cursado a disciplina num momento diferente dos demais colegas (como mencionei no início, eu deveria ter cursado a disciplina um ano antes, portanto em seguida à disciplina Práticas Sociais e Processos Educativos 1), também me encontrava num momento diferente da pesquisa. Paralelamente aos estudos teóricos da disciplina, também desenvolvi meu trabalho de campo junto a uma EMEB da periferia da cidade de São Carlos. O que pensei que seria um obstáculo, tornou-se um aliado. As leituras desenvolvidas no decorrer da disciplina foram me ajudando a elucidar questões de ordem prática que surgiam no trabalho de campo. A cada leitura realizada, conseguia compreender melhor alguns conceitos centrais para a linha de pesquisa, os quais me ajudavam a melhor conviver com o grupo de alunos e professora da EMEB.

Assim, o projeto foi se delineando quanto à questão de pesquisa, objetivos, referencial teórico e metodologia. Inserido na linha de pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos”, conscientização, dialogicidade, humanização e libertação, formação humana e alteridade foram se configurando enquanto conceitos centrais para esta pesquisa, que procura interligar as áreas educacional e musical acreditando nas possibilidades da música para a construção de uma sociedade mais plural. A relevância deste estudo está em ampliar o debate sobre o papel da música no cotidiano escolar, contribuindo para a discussão da relação entre música, educação e cultura, representando, assim, uma análise importante para a área da educação bem como da música.

A questão de pesquisa proposta por este estudo é: de que maneira a escuta de canções pode contribuir para a valorização da singularidade de crianças no cotidiano da prática escolar humanizadora? Que processos educativos são gerados a partir da convivência de uma professora de ensino fundamental, seus alunos, uma pesquisadora e uma colaboradora² numa roda de conversa em que a música atue como elemento propulsor do diálogo?

Os objetivos da pesquisa foram observar, descrever e analisar os processos educativos decorrentes da convivência com o grupo formado pela professora, seus alunos e as pesquisadoras, bem como analisar de que maneira a música contribuiu nesse processo. Os objetivos da intervenção foram: possibilitar o diálogo entre culturas musicais diferentes, valorizando a interação entre essas diferenças; estimular a interação entre os participantes do grupo e a troca de experiências de vida, bem como experiências musicais.

A partir desses pressupostos iniciais apresento, nas páginas seguintes, a trajetória desta pesquisa: sua base teórica, metodológica, procedimentos metodológicos, apresentação dos dados, discussão e análise dos resultados, e considerações finais.

No capítulo 1 – “Cultura, diversidade cultural e educação”, apresento o referencial teórico elaborado a partir da leitura de autores que se tornaram “norteadores” para esta pesquisa ao elucidar conceitos e apontar caminhos. O capítulo subdivide-se em duas partes. Na primeira, me reporto à questão da relação entre cultura, diversidade cultural

² Conheci Moniele de Rocha Souza ao realizar estágio numa disciplina da graduação em Educação Musical. Moniele (aluna do 1º ano de graduação em Educação Musical) estava cursando a disciplina e tinha vontade de participar de uma pesquisa de campo. Formamos então uma parceria: eu, como pesquisadora de Doutorado e Moniele, como colaboradora.

e educação de uma maneira mais ampla. Paulo Freire, Ecléa Bosi, Enrique Dussel, Merleau Ponty, Ernani Maria Fiori, foram alguns dos autores que me deram subsídios para construção dessa parte do capítulo. Na segunda parte, procuro discutir um pouco sobre o papel da música num contexto de valorização da diversidade étnica e cultural no ambiente escolar. Para esse capítulo autores como Maura Penna, Jusamara Souza, Ilza Joly, Keith Swanwick, Alicia Loureiro, entre outros, foram fundamentais para levantar questões sobre a relação entre música, educação e cultura.

No capítulo 2 – “Método: a trajetória da pesquisa” – apresento o método de pesquisa, a direção que segui para analisar a questão proposta por este estudo, descrevendo como se deu a escolha do o método de pesquisa e como foi a trajetória da escolha do método ao primeiro contato com os(as) participantes da pesquisa.

No capítulo 3 – “Convivendo com o grupo: compartilhando experiências, modificando olhares” – apresento os dados da pesquisa (descrevendo a dinâmica dos encontros realizados com o grupo participante) discutindo-os e analisando-os.

Por último, coloco minhas “Considerações Finais”, parte na qual sintetizo o que foi abordado no estudo e aponto a necessidade de multiplicarmos trabalhos em torno da relação entre música, educação e cultura.

Nesse momento, apresento o resultado dessa trajetória, minha tese, com a qual espero contribuir para as áreas educacional e musical, ao propor uma discussão em torno da importância do diálogo, do respeito à diversidade cultural, do papel da música como estímulo para esse diálogo e essa valorização, entre outros temas.

CAPÍTULO 1

CULTURA, DIVERSIDADE CULTURAL E EDUCAÇÃO

Na Introdução do trabalho, delineei minha trajetória como pessoa e como pesquisadora até este estudo, colocando minha questão de pesquisa, objetivos e apresentando ao leitor(a) os capítulos seguintes. Neste capítulo apresento o Referencial Teórico da Linha de Pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos” discutindo questões relativas à cultura, diversidade cultural e educação.

Segundo Veiga-Neto (2003), atualmente há um crescente interesse pelas questões culturais, tanto nas esferas acadêmicas quanto nas esferas políticas ou da vida cotidiana. A cultura se torna importante não porque ocupe um centro, uma posição única e privilegiada, mas porque perpassa tudo o que acontece em nossas vidas e todas as representações que fazemos desses acontecimentos.

Gomes (2003) afirma que a cultura, na educação ou nas ciências sociais, é mais do que um conceito acadêmico. Cultura diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos humanos ao longo do processo histórico e social (Gomes, 2003: 75).

Contextualizando o termo *Cultura*, Veiga-Neto (2003) menciona que no século XVII alguns intelectuais alemães passaram a chamar de *Kultur* a sua própria contribuição para a humanidade em termos de maneiras de estar no mundo, de produzir e apreciar obras de arte e literatura, de pensar e organizar sistemas religiosos e políticos, enfim, tudo aquilo que consideravam superior e que os diferenciava dos demais. A *Cultura* passou então a ser escrita com letra maiúscula e no singular: maiúscula porque era vista como ocupando um status mais elevado e no singular porque era entendida como única. Única porque se referia àquilo que de melhor havia sido produzido e universal porque se referia à humanidade. Considerada elevada e única, logo foi tomada como modelo a ser atingido pelas outras sociedades. Nesse contexto, a educação era entendida como o

caminho para atingir as formas mais elevadas da *Cultura*, tendo como modelo as conquistas já realizadas pelos grupos sociais considerados mais educados e, por isso, mais cultos.

Um mundo mais limpo seria aquele em que (...) se desenvolvesse uma cultura universalista, em relação à qual as demais manifestações e produções culturais dos outros povos não passariam de casos particulares. (...) Em outras palavras, isso significa o rebatimento de tudo e de todos a um Mesmo; em termos culturais, significa uma identidade única e a rejeição de toda e qualquer diferença (Veiga-Neto, 2003, p.10).

Fiori (1986) define cultura como sendo o mesmo processo histórico em que o homem se constitui e se reconstitui através da “mediação humanizadora do mundo”. Dessa maneira

“O processo de cultura (...) implica dialeticamente, aperfeiçoamento pessoal e domínio do mundo: ao separar cultura e civilização, formação do homem e transformação do mundo, o homem se divide internamente e o mundo deixa de ser mediação humanizadora” (Fiori, 1986: p.7).

Segundo Silva (2005), a dominação colonial impunha conhecimentos que nem sempre eram úteis para que os colonizados conhecessem a si mesmos e ao seu próprio mundo: “era-lhes ensinado que não tinham história, que sua história começava com a chegada do europeu com a missão de civilizá-los” (Silva, 2005: p.33).

Dussel (s/d), ao se colocar perante a questão, menciona que

Aceita-se como evidente que a cultura européia é a cultura universal. Esse universalismo não é mais do que o universalismo abstrato de uma particularidade que abusivamente se arroga a universalidade, e que com isso nega todos os outros particularismos e exterioridade das outras culturas. Surge assim o mecanismo pedagógico da dominação cultural. No centro está a cultura que se pode chamar imperial (...) aquele que impõe (...) o que é seu (Dussel, s/d: p.263).

Fiori (1986) demonstra concordar com Dussel (s/d) ao afirmar que cultura sem autonomia é, na verdade, *anti-cultura*, porque ao invés de libertar o sujeito, o *coisifica* como objeto de dominação. Por isso, o autor defende que valores que não foram descobertos, conquistados, reelaborados e assumidos livremente pelo sujeito do processo histórico devem ser repudiados. Isso porque cultura, segundo ele, é um processo vivo de permanente criação. Só se cultiva, de fato, quem participa deste processo ao refazê-lo e refazer-se nele: “a transmissão do já feito é cultura morta” (Fiori, 1986: p.9).

Segundo Veiga-Neto (2003), no século passado, nos anos 20, começaram a surgir rachaduras no conceito moderno de *Cultura* e o termo *culturas* passou a ser mais valorizado no sentido de privilegiar uma visão multicultural. Como afirma

Qualquer pedagogia multicultural não pretende dizer, aos que estão entrando no mundo, o que é o mundo; o que no máximo ela pode fazer é mostrar como o mundo é constituído nos jogos de poder/saber por aqueles que falam nele e dele, e como se pode criar outras formas de estar nele (Veiga-Neto, 2003: p.13).

Gonçalves & Silva (1998) colocam que o multiculturalismo, desde sua origem, aparece como princípio ético que tem orientado a ação de grupos culturalmente dominados, aos quais foi negado o direito de preservarem suas características culturais, o que, por sua vez, favoreceu a emergência de movimentos multiculturalistas. No início, esses movimentos expressavam exclusivamente a reivindicação de grupos étnicos. A partir da segunda metade do século XX passam a abarcar um universo cultural mais amplo, contando com a aliança de outras minorias ou de outros grupos culturalmente dominados e, juntos, reagem para serem reconhecidos e respeitados no que se refere aos seus direitos civis.

No Brasil, como destacam Gonçalves & Silva (2003) em outro momento, os confrontos no interior da cultura tiveram os movimentos negros urbanos como importantes protagonistas. Suas lutas datam do início do século XX. Naquele momento, as reivindicações seguiam na direção da integração da população negra à sociedade de classes. Na metade do século XX, é que a rebelião cultural de fato emerge:

...o teatro popular dirigido por Solano Trindade, no Recife, e o Teatro Experimental do Negro, no Rio de Janeiro, são exemplos marcantes de um questionamento em relação à hegemonia da cultura euro-ocidental no país (Gonçalves & Silva, 2003: p.115).

No final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, com os protestos contra o regime militar, novas reivindicações apareceram e apontaram para a necessidade de se produzir imagens e significados novos e próprios, combatendo os preconceitos e estereótipos que justificavam a inferiorização dos grupos feministas, negros, índios, homossexuais e outros.

Ainda de acordo com Gonçalves & Silva (1998), a idéia de repensar a educação em uma perspectiva multiculturalista nasce da reflexão de professores doutores afro-americanos, docentes na área de Estudos Sociais: Gwedolyn C. Baker, James A. Banks, Geneva Gay, Carl A. Grant. Segundo os autores, esses docentes têm contribuído no desenvolvimento de pesquisas e práticas pedagógicas, principalmente para o ensino de estudos étnicos, e importantes reformulações de currículo e ambientes escolares, articulando cultura e identidade, bilingüismo e desempenho escolar, formação de professores e diversidade cultural (Cf. Gonçalves & Silva, 1998: p.54). A educação multicultural instaura a importância do reconhecimento e valorização da diversidade étnica e cultural (Baptiste *apud* Gonçalves & Silva, 1998: p.55). Como destaca Silva (2005), em outro momento,

Não basta tomar conhecimento da diversidade que compõe as sociedades, nem incluir discurso multiculturalista ou interculturalista para se referir à educação. É preciso que as diferentes visões de mundo³ se façam presentes e dialoguem. Não se trata de somar, mas de estarem juntas em pé de igualdade. Para tanto, aprender a ouvir e compreender os pontos de vista, os jeitos de ser e de pensar dos outros é fundamental (Silva, 2005: p.48).

Como menciona Bosi (1992), “o reconhecimento plural é essencial” (Bosi, 1992: p.309). A cultura popular implica modos de viver, ou seja, o alimento, o vestuário, a habitação, hábitos de limpeza, crenças, cantos, danças, jogos, os provérbios, o modo de olhar, modo de andar, as romarias, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e consolar, entre outros exemplos citados pelo autor. Também Freire (2006a) afirma que a maneira de andar, de falar, de cumprimentar, de se vestir, os gostos são culturais, assim como é cultural também a visão que “tem ou estão tendo os homens da sua própria cultura, da sua realidade” (Freire, 2006a: p.57).

Todos os produtos que resultam da atividade do homem, todo o conjunto de suas obras, materiais ou espirituais, por serem produtos humanos que se desprendem do homem, voltam-se para ele e o marcam, impondo-lhe formas de ser e de se comportar também culturais (Freire, 2006a:57)

³ A autora coloca que “visão de mundo não é uma moldura onde tudo e todos devem se encaixar, mas referência primordial, sempre avaliada e refeita para entender a vida, as pessoas, a sociedade” (Silva, 2005:38)

Nesse sentido, Silva (2005) coloca que processos educativos devem questionar relações pedagógicas, obrigando sua recriação, com compromisso de justiça e de defesa de direitos: “implica quebrar hierarquias classificatórias e excludentes. Implica fazer do ato pedagógico um face-a-face em que aprendiz e mestre se revelam um ao outro, construindo novas e renovadas significações” (Silva, 2005: p.40).

Concordando com Silva (2005), Gomes (2006) ressalta que um educador politicamente engajado deve considerar que aqueles que participam do processo educativo se diferenciam quanto às formas de aprender, às trajetórias de vida, ao sexo, à classe, à idade, à cultura, às crenças, etc. Também Bosi (1992), atenta para o fato de que “o reconhecimento do plural é essencial” (Bosi, 1992: p.309). Ainda sobre esse aspecto, Abramowicz et. al. (2006) mencionam que ainda hoje o padrão predominante de cultura, estética, é eurocêntrico, ou seja, prioriza a cultura européia e o homem branco como padrão e modelo de civilização em detrimento de outras culturas. Esse quadro deve ser questionado porque valoriza os que nele se enquadram e marginaliza os que dele se diferenciam. Como coloca Dussel (s/d), “o bárbaro é somente um rude, como uma criança que é preciso educar, ao qual se deve dar o dom da civilização européia” (Dussel, s/d: p.182).

Porém, como o autor assegura em outro momento, a escola precisa ser modificada e a cultura popular é a noção chave para uma “pedagógica da libertação⁴”. Somente “a cultura popular⁵ é o fundamento do pro-jeto de libertação, pro-jeto eticamente justo, humano, alterativo” (Dussel, s/d: p.214). Também nas suas palavras, “a cultura popular é o centro mais incontaminado e irradiativo da resistência do oprimido (...) contra o opressor” (Dussel, s/d: p.225). Se a colonização começa pela cultura, então a descolonização, a reconquista, também deve se iniciar pela cultura.

O povo, como portador da cultura popular, é quem possui como próprio o pro-jeto pedagógico de libertação. Não respeitá-lo em sua exterioridade, não ouvir sua pro-vocação é submergir na dominação, na tautologia, na esterilidade do *eterno retorno ao Mesmo* (Dussel, s/d: p.230).

⁴ Dussel coloca que “uma pedagógica libertadora tem consciência de que o mestre é um sujeito pro-criador, fecundante do processo (...) Mostrará (o mestre) ao discípulo sua posição fecundante e lhe dará consciência reflexa daquilo que ele acrescenta ao processo do educando, permitindo-lhe assim ser crítico com relação ao mestre crítico” (Dussel, s/d:246).

⁵ Como alerta Dussel, não devemos confundir cultura popular com o mero folclore.

Nesse sentido, Fiori (1986) coloca que o ser humano deve protagonizar sua história, pois do contrário não pode se libertar. Precisa tomar sua existência em suas mãos e a isso é que conduz a dinâmica da conscientização⁶. A conscientização, diz o autor, não é exigência prévia para a luta da libertação, é a própria luta.: “a conscientização é este esforço do povo por retomar seu destino histórico, sua cultura, em suas próprias mãos. Cultura do povo, pois, e não cultura para o povo: cultura popular⁷” (Fiori, 1986: p.10).

Também nessa direção, Freire (2006a) coloca que não devemos nos julgar como profissionais “habitantes de um mundo estranho”, ou seja, mundo de técnicos e especialistas, salvadores dos demais, donos da verdade, proprietários do saber que doam esse saber aos “ignorantes e incapazes”. Se o saber se faz através de uma superação constante, se o processo do educar-se é um processo sempre inacabado, então não podemos “nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo” (Freire, 2006a: p.29).

Em outro momento, Freire (2001), ressalta que somos seres da transformação e não da adaptação, ou seja, “a trajetória pela qual nos fazemos conscientes está marcada pela finitude, pela inconclusão e nos caracteriza como seres históricos” (Freire, 2001: p.75). Essa consciência do inacabamento torna o ser educável. Freire (2006a) lembra que ao compreender sua realidade o homem pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Pode transformá-la e com seu trabalho criar um *mundo próprio*. A cultura, segundo o autor, consiste em recriar e não em repetir.

Em concordância, Fiori (1986) coloca que

Não há transformação do homem sem mudança estrutural, porém, o homem não refaz sua forma se o sistema de valores continua o mesmo. Buscar novos valores para revalorizar o homem, é a substância da revolução cultural: a cultura, aqui, entendida como humanização, isto é, como valorização do homem. (...) A luta contra a dominação só alcança seus fins, se romper as estruturas para dar surgimento do homem novo. Um homem novo, para realizar-se, exige a mediação de um mundo novo;

⁶ Conscientização, para Fiori (1986), é “o retomar reflexivo do movimento da constituição da consciência como existência (...) conscientizar-se equivale a buscar essa plenitude da condição humana” (Fiori, 1986: p.3).

⁷ Cultura popular é, segundo o autor, “cultura do povo – do homem que trabalha e humaniza o mundo, e ao fazê-lo, reproduz-se a si mesmo, livremente, em comunhão com os demais” (Fiori, 1986: p.10).

e o mundo novo requer a luz de uma nova constelação de valores, uma nova cultura (Fiori, 1986: p.6).

Diante dessas colocações, cabe ressaltar o que Freire (2005) coloca sobre essa relação entre o desenvolvimento de um homem novo, que requer um mundo novo, bem como uma nova cultura. Dirigindo suas reflexões em direção ao processo de educação escolar, o autor coloca que quanto mais analisamos as relações entre educador e educando, na escola, em qualquer de seus níveis ou até mesmo fora dela, parece que mais podemos nos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante: são relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras. A tônica da educação é preponderantemente a de narrar, falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado. Nesse tipo de educação, o educador aparece como seu indiscutível agente cuja tarefa é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos esses que são muitas vezes desconectados da totalidade em que se engendram. Nesse sentido, a palavra se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra *oca*. A educação, pois, se torna um ato de depositar, sendo o educador o depositante e os educandos os depositários. Tal educação é o que Freire (2005) denomina “educação bancária”.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-lo (Freire, 2005: p.66).

Nessa visão da educação, que o autor caracteriza como “distorcida”, não há criatividade, não há transformação, não há saber. O educador será sempre o que sabe enquanto os educandos os que não sabem. Essa rigidez de posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca, uma vez que o saber só existe na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que os homens fazem no mundo, com o mundo, com os outros. O processo de humanização é práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.

Um educador humanista, como Freire (2005) denomina o educador que se opõe aos pressupostos da educação bancária, identifica-se com os educandos e orienta-se no sentido da humanização de ambos.

... somente na comunicação tem sentido a vida humana ... o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação (Freire, 2005: p.74).

Assim, para a *educação problematizadora*, a dialogicidade é fundamental para superação da contradição entre o educador e os educandos. É através do diálogo que se opera a superação de que resulta um termo novo: o *educador-educando*. “O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”. Ambos se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos: “já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2005: p.79).

Enquanto a *educação bancária* inibe o poder criador dos educandos, a *educação problematizadora*, pautada na reflexão, implica um constante “desvelamento da realidade”. Os educandos, portanto, vão desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que se torna não mais uma realidade estática e sim uma realidade em processo, em transformação. Nesse processo, o diálogo se faz “exigência existencial”. Existir, humanamente, é “pronunciar” o mundo, é modificá-lo. O mundo “pronunciado”, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos “pronunciantes”, a exigir deles novo “pronunciar”. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão e dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Por isso, ninguém pode dizer a palavra sozinho ou dizê-la a outros como uma prescrição. Diante disso, o diálogo é uma exigência essencial e

(...) se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes (Freire, 2005: p.91).

O diálogo, para Freire (2005), é definido como sendo o encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo. Sendo o encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser doação do pronunciar de uns a outros. Pelo contrário, o diálogo se dá numa relação horizontal, na qual a confiança de um pólo no outro é “conseqüência óbvia”. O papel do educador-educando não é falar sobre sua própria visão de mundo tentando impô-la aos educandos, mas dialogar com eles sobre essa visão. Antes, tem como dever reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão, para que se tornem sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, o lado do educador, também sujeito do processo (Cf. Freire, 2006b: p.26). Assim, para o autor,

O importante, do ponto de vista de uma educação libertadora, e não bancária, é que, em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente... (Freire, 2005: p.139).

Segundo Oliveira (2003), na visão de Freire, o diálogo e a comunicação são fatores primordiais da relação humana e a condição para o ser humano formar-se como pessoa. O diálogo é o momento em que os homens e mulheres se encontram para refletir sobre sua realidade, sobre o que sabem e o que não sabem, para construírem novos saberes, como sujeitos conscientes e comunicativos.

Como afirma Freire (2006a), o homem é um ser na busca constante de “ser mais” e, ao ser capaz de fazer essa reflexão, também é capaz de descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Assim, o homem, como sujeito da própria educação, não pode ser objeto desta, tendo a educação um caráter permanente. Como lembra o autor, não existem seres educados e não educados. Existem graus de educação que, por sua vez, não são absolutos: “o saber se faz através de uma superação constante” (Freire, 2006a: p.29). A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num constante movimento de busca.

Também nessa perspectiva, Silva (1987) menciona que a educação é um processo inesgotável: é formação de identidade no meio de uma cultura, é assimilação e reconstrução dessa cultura, é compreensão de outras culturas.

Nesse contexto, Freire (2006b) afirma que ensinar não significa transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua construção. Assim, quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Mais especificamente sobre a prática docente, Freire (2006b) coloca que a prática docente crítica envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.

O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito (Freire, 2006b: p.38).

Dessa forma, voltar o olhar sobre a curiosidade ingênua, através da reflexão sobre a prática, permite que a curiosidade vá se tornando crítica. Por isso, segundo o autor, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. Pensar criticamente a prática de hoje ou de ontem possibilita melhorar a prática.

Ainda sobre os saberes necessários à prática docente, Freire (2006b) ressalta a importância do bom senso. A vigilância do bom senso tem grande importância na avaliação que, em todo momento, deve ser feita sobre a prática.

Quanto mais pomos em prática de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais crítico se pode fazer o nosso bom senso (Freire, 2006b: p.62).

Nesse sentido, Freire (2006b) alerta que o educador tem como dever o respeito à dignidade do educando, à sua autonomia, sua identidade em processo, assim como o dever de pensar também em como ter uma prática educativa em que aquele respeito que sabe que deve ter pelo educando se realize em lugar de ser negado. Isso exige do educador uma reflexão crítica permanente sobre a prática através do qual ele possa fazer uma avaliação do seu próprio fazer com os educandos. Como o próprio Freire (2006a) sinaliza, a primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir.

É preciso que seja capaz de, estando no mundo saber-se nele. Saber que, se a forma pela qual está no mundo condiciona a sua consciência deste estar, é capaz sem dúvida, de ter consciência desta consciência condicionada (Freire, 2006a: p.16).

Como afirma Merleau-Ponty (1994), é na comunicação com o mundo que nos comunicamos com nós mesmos: nós temos o tempo por inteiro e estamos presentes a nós mesmos porque estamos presentes no mundo. Nunca há determinismo e nunca há escolha absoluta, nunca sou coisa e nunca sou consciência nua. Somos abertos a uma infinidade de possíveis (Merleau- Ponty,1994: p.569).

Em suma, essa parte do capítulo pretendeu mostrar que a cultura se torna importante na medida em que perpassa tudo o que acontece em nossas vidas, sendo um processo histórico em que o homem se constitui e se reconstitui, um processo vivo de permanente criação. A educação multicultural, por sua vez, se mostra fundamental ao instaurar a importância do reconhecimento e valorização da diversidade étnica e cultural. Ambos os conceitos são importantes no contexto de conscientização e libertação, libertação essa que passa pela educação, pelo processo de ação e reflexão sobre o mundo para transformá-lo.

Na segunda parte do capítulo, procuro discutir sobre a música nesse contexto de valorização da diversidade étnica e cultural no ambiente escolar, acreditando, com base nas palavras de Vanda Freire (1992), que a música uma linguagem dotada de uma dimensão política, como instrumento potencial de transformação do homem e da sociedade, na medida em que contribui para a elaboração de um saber crítico, conscientizador, propulsor da ação social, assim como para um aperfeiçoamento ético individual.

1.1 Música e canções, educação e cultura

Segundo Penna (1999), a arte, de modo geral, e a música⁸ aí compreendida, é uma atividade essencialmente humana através da qual o homem constrói significações na sua relação com o mundo. Fazer arte é uma atividade intencional, uma atividade criativa, uma construção.

O fazer musical humano varia, diferencia-se conforme o momento histórico e o espaço social, ou seja, o fazer musical não é o mesmo nos diversos momentos da história da humanidade ou nos diferentes povos, pois são diferenciados os princípios de organização dos sons. A música, portanto, realiza-se de modos diferenciados, concretiza-se diferentemente, conforme o momento da história de cada povo, de cada grupo. Assim, na medida em que alguma forma de música está presente em todos os tempos e em todos os grupos sociais, podemos dizer que é um fenômeno universal. Porém, enquanto linguagem, é culturalmente construída. Dentro de uma mesma sociedade, de grupo para grupo, as práticas musicais diferem.

Nessa direção, Trotta (2005) afirma que a prática musical é uma atividade cultural que ocorre em todas as sociedades. Participar de uma experiência musical significa entrar em contato com códigos culturais, valores sociais e sentimentos compartilhados que fornecem elementos para a construção de identidades sociais e laços afetivos.

De acordo com Penna (1999), exatamente porque a música é uma linguagem cultural, acabamos por considerar familiar aquele tipo de música que faz parte de nossa vivência e, em contrapartida, estranhamos a música que não faz parte de nossa experiência. Nesse sentido Swanwick (2003) diz que somente quando somos provocados por encontros com práticas culturais de outros lugares prestamos atenção nos “sotaques”, inclusive o nosso próprio. Isso nos remete a duas importantes considerações: costumes e convenções são diferentes; a exposição a outras culturas ajuda-nos a entender algo da nossa.

Vanda Freire (1992) também parece concordar ao mencionar que a música é “um elemento determinado socialmente e determinante da sociedade na qual está inserido, num processo de constante interação dialética e recriação permanente” (Vanda Freire,

⁸ A autora define música como uma linguagem artística, culturalmente construída, que tem como material básico o som.

1992:13). Trotta (2005) dá um interessante exemplo que mostra justamente o quanto a música faz parte do processo de transformação vivenciado pela sociedade na qual está inserida. Ele ressalta que, no início do século XX, com a invenção e popularização do fonógrafo e das emissões radiofônicas, as formas de experiência musical sofreram mudanças significativas. As práticas musicais, até então circunscritas, passaram a dialogar e receber influências imediatas de repertórios radicalmente diferentes, uma vez que a circulação em larga escala de sons musicais promoveu um intercâmbio entre músicas, músicos, públicos de locais afastados.

Nessa perspectiva, Penna (2005), ao discutir a educação musical diante da diversidade, afirma que o multiculturalismo no ensino de arte implica uma concepção ampla de arte, capaz de abarcar as múltiplas e diferenciadas manifestações artísticas e o mesmo se coloca no campo específico da educação musical: “uma concepção ampla de música é, por um lado, uma condição necessária para que a educação musical possa atender à perspectiva multicultural” (Penna, 2005: p.10).

O desafio, segundo Penna (2005), é ultrapassar a oposição entre música popular e música erudita, não privilegiando algum desses campos de produção em detrimento do outro, para poder conhecer, usufruir e dialogar com o vasto universo de produções musicais. Dentro deste amplo universo musical está incluída também a canção, que é definida como uma música breve para canto, acompanhada ou não por um instrumento ou por um grupo instrumental.

De acordo com Dourado (2004), a canção é encontrada nas mais diversas formas desde a mais Antiguidade e deixou profundas influências na música do século XX. Tatit (2004) nos conta que a canção popular sempre teve sua potencialidade reforçada pela expressão da fala. No Brasil, diz o autor, índios e negros já se expressavam pelo canto em rituais em que os deuses eram invocados. Da mesma forma, seresteiros mostravam suas declarações amorosas no século XIX, o teatro musicado servia-se do conto para assinalar a presença do corpo e da sensibilidade das diferentes personagens. Ainda de acordo com Tatit (2004), a fala interage continuamente com a música, gerando leis de compatibilidade entre melodia e letra, que são ampliadas ainda pelo vínculo inevitável entre o corpo e os estados emocionais dos diferentes intérpretes.

Considerando as infinitas possibilidades da canção na interface entre as melodias e as palavras associadas a elas, foi que algumas canções infantis foram escolhidas para introduzir as infinitas possibilidades de diálogo entre crianças e adultos em uma escola pública da cidade de São Carlos, interior de São Paulo.

Voltando às palavras de Penna (2006), a busca pela aproximação da cultura do outro se faz necessária para compreendê-la desde aquele ponto de vista, assim como o distanciamento também é necessário para romper com a visão naturalizada de que o mundo específico de uma pessoa é a referência única e a medida para todas as coisas.

A postura multiculturalista, segundo a autora, deve abarcar a diversidade de produções artísticas e musicais. Como consequência, as referências para as práticas pedagógicas em educação musical não podem se restringir à música erudita, que se enraíza na cultura européia. Torna-se indispensável abarcar a diversidade de manifestações musicais, incluindo as populares e as da mídia.

Defendendo uma educação musical que contribua para a expansão – em alcance e qualidade – da experiência artística e cultural de nossos alunos, cabe adotar uma concepção ampla de música e de arte que, suplantando a oposição entre popular e erudito, procure apreender todas as manifestações musicais como significativas – evitando, portanto, deslegitimar a música do outro através da imposição de uma única visão (Penna, 2005: p.12).

Nesse contexto, o diálogo se torna uma prática e um princípio para lidar com a diversidade. Isso porque o diálogo entre diversas manifestações artísticas, quando trabalhado em sala de aula, pode promover a troca de experiências e a ampliação do universo cultural dos alunos. Um processo pedagógico que acolha a pluralidade de produções artísticas e estimule o diálogo e a reflexão pode promover o intercâmbio de experiências culturais. Lidar com a pluralidade evita o etnocentrismo de tomar como referência a minha própria música, desconsiderando as produções artísticas, culturais e musicais dos grupos com que se trabalha (Cf. Penna, 2006: p.39).

Daí a necessidade de busca pela aproximação com a cultura do outro, para poder compreendê-la e, por outro lado, buscar o distanciamento para uma análise crítica do que eu valorizo culturalmente para assim romper com a visão naturalizada que torna meu mundo uma referência única e medida para todas as coisas.

O diálogo entre diferentes práticas culturais, artísticas e musicais é, portanto, essencial para o crescimento de todos, para evitar não só a tentação do etnocentrismo, mas também os riscos do folclorismo ou da guetização (Penna, 2006: p.39).

Por “guetização” Penna (2005) entende o processo de valorizar as especificidades culturais de determinados grupos ao ponto de prendê-los no gueto de sua particularidade, isolando-os. Por outro lado, o “folclorismo” refere-se à fixação e congelamento das práticas culturais na medida em que trabalha com a idéia do típico, caindo em estereótipos e negando, assim, o caráter vivo da cultura.

O diálogo, por sua vez, entende a cultura como algo dinâmico, em constante processo: as linguagens são historicamente construídas e essa construção histórica é contínua e constante, não se encontrando apenas em algum momento passado, mas se processando também no presente, através das nossas escolhas em relação às produções artísticas (Cf. Penna, 2006: p.40).

É preciso também levar em conta o papel da música em cada contexto, situando-a, pois, como afirma Swanwick (2003), o significado e o valor da música nunca podem ser intrínsecos e universais pois estão ligados ao que é socialmente situado e culturalmente mediado.

Penna (2005) coloca que, sem dúvida, o diálogo e a troca de experiências são indicações viáveis para o trabalho pedagógico em arte e em educação musical. Ela ressalta que a possibilidade de buscar e construir os caminhos necessários para o diálogo multicultural inicia-se com a disposição em olhar para o aluno e acolher suas práticas culturais. Como afirma Joly (2006), conhecer o outro, o que originalmente não era daqui mas veio para cá, possibilita um olhar diferenciado para as manifestações musicais, estimulando uma idéia mais ampla de que “toda música se insere em um contexto social e econômico particular, que tem histórias e personagens, que possui inúmeras particularidades” (Joly, 2006: p.89).

Assim, como coloca Loureiro (2002), a educação musical não pode estar dissociada das práticas cotidianas dos alunos. Atividades musicais que envolvem o cantar, dançar, movimentar e improvisar já fazem parte do ambiente de crianças e jovens, seja no ambiente familiar ou fora dele. São manifestações de grande valor que merecem ser consideradas na formação cultural e educativa dos alunos.

A educação musical, segundo a autora, permite que as crianças aprendam a conhecer a si próprias, aos outros e à vida, estabelecendo laços afetivos que lhes serão úteis durante seu processo de crescimento e amadurecimento. Nas primeiras etapas da escolarização, a educação musical apresenta-se com a finalidade de aproximar a criança da música, estimulando-a a cantar, ouvir, criar, movimentar-se e apreciar sons e melodias, seja pela prática do canto, da manipulação de instrumentos e objetos sonoros ou por meio de jogos cantados, percussão corporal. Nesse sentido, Joly (2006) afirma que a música, entre outras artes, tem sido reconhecida como parte fundamental da história da civilização e uma excelente ferramenta para o desenvolvimento de inúmeras capacidades humanas, entre elas o autoconhecimento e a auto-expressão (Cf. Joly, 2006 : p.81).

Loureiro (2002) ressalta a necessidade de trabalhar o conteúdo musical dentro de uma visão mais humanizada, em que possamos envolver e desenvolver musicalmente o aluno, considerando sua vivência e experiência, valorizando suas habilidades e potencial criativo e integrando, sempre que possível, o conteúdo musical aos demais conteúdos desenvolvidos por outras áreas artísticas e às demais disciplinas do currículo.

Em outro estudo, Loureiro (2004) afirma que muitas vezes a escola insiste em trabalhar um repertório que está em desarmonia com a música que seus alunos ouvem e apreciam fora da sala de aula. No entanto, não é mais possível ignorar que crianças e jovens estão em contato permanente com a música veiculada pela mídia e que professores e a própria escola têm dificuldades em absorvê-lo em seu cotidiano. O momento atual requer a consciência da diversidade de expressões musicais e a necessidade de abranger essa pluralidade dentro do contexto escolar.

Faz-se necessário reconhecer a sua pluralidade, a diversidade de abordagens, abrindo possibilidades de interação, e não de conflitos, com os mais diversos fazeres musicais, construídos em diferentes contextos culturais (Loureiro, 2004: p.70).

Souza (2002) também coloca que precisamos construir uma educação musical que leve em conta e “ressignifique” o saber de senso comum dos alunos diante das realidades aparentes do espaço social e se realize de forma condizente com o tempo-espaço da cultura infanto-juvenil, auxiliando a construírem suas múltiplas dimensões de ser jovem/criança.

Ainda sobre esse aspecto, Penna et. al.(2001) afirmam que o ensino de arte necessita reconhecer a diversidade de manifestações artísticas como significativa, adotando a vivência do aluno como ponto de partida para um trabalho pedagógico que possa, realmente, resultar em mudanças no seu modo de se relacionar com a arte em seu cotidiano. O ensino de arte deve visar uma mudança na experiência de vida, e não apenas permitir ao professor, como muitos reivindicam, ter sua matéria respeitada, podendo aplicar provas para dar notas, sendo uma preocupação para o aluno, mas sem que nada signifique para sua vida. Como coloca Gainza (1988), é importante que as autoridades educacionais, em todos os países, sejam “suficientemente lúcidas” para resgatar a música e colocá-la a serviço ativo da educação, ou seja, do “desenvolvimento integral do homem” (Cf. Gainza, 1988: p.113).

Joly (2006), relacionando educação e diversidade cultural, nos lembra um importante aspecto: o de que a escola é um agente fundamental na formação cultural do indivíduo, enfrentando o desafio constante de reconhecer, acolher e trabalhar com as diferentes bagagens culturais que cada aluno traz consigo e que estão presentes no ambiente da sala de aula como um todo. Nesse sentido, “o diálogo entre as diferentes culturas passa a ser fundamental para que haja troca de experiências e uma conseqüente ampliação do universo cultural dos alunos” (Joly, 2006: p.81).

Assim, a música não possui apenas um papel na reprodução cultural e afirmação social. Segundo Swanwick (2003) ela também possui potencial para promover o desenvolvimento individual, a renovação cultural, evolução social, a mudança, na medida em que permite a “refração cultural” que é o ver e sentir de novas maneiras. Ou seja, não recebemos meramente cultura. Somos “intérpretes culturais”.

O ensino musical, então, torna-se não uma questão de simplesmente transmitir a cultura, mas algo como um comprometimento com as tradições em um caminho vivo e criativo, em uma rede de conversações que possui muitos sotaques diferentes. Nessa conversação, todos nós temos uma “voz musical” e também ouvimos muitas “vozes musicais” de nossos alunos (Swanwick, 2003: p.46).

Foi justamente no sentido de procurar ouvir minha própria “voz” e as “vozes” de uma professora de Ensino Fundamental e seus alunos que essa pesquisa foi gerada. A partir da minha trajetória de vida e do papel que a música nela desempenhou,

procurei avaliar as contribuições da música, no contexto de uma sala de aula, para o diálogo sobre as culturas representadas no grupo.

Em suma, a segunda parte do capítulo procurou mostrar a música enquanto atividade humana através da qual o homem constrói suas significações. Sendo uma linguagem culturalmente construída, diferencia-se conforme o momento histórico e o espaço social na qual está inserida. Num contexto de pluralidade cultural faz-se necessária uma concepção ampla de música que possa atender justamente a essa perspectiva multicultural. O desafio, portanto, está em ultrapassar a oposição entre música popular e música erudita para conhecer e dialogar com o vasto universo de produções musicais. Um processo pedagógico que acolha a pluralidade de produções artísticas e estimule o diálogo e a reflexão pode promover o intercâmbio de experiências culturais. Parece haver, de fato, um consenso entre os autores e autoras citados quanto à necessidade de lidarmos com a diversidade humana, cultural e musical em nossa atualidade. Essa necessidade motivou esta pesquisa que, lembrando, procurou compreender de que maneira a escuta de canções pode contribuir para a valorização da singularidade de crianças no cotidiano da prática escolar humanizadora? Que processos educativos são gerados a partir da convivência de uma professora de ensino fundamental, seus alunos e pesquisadoras numa roda de conversa em que a música atue como elemento propulsor do diálogo? O próximo capítulo destina-se a apresentar o método da pesquisa, o caminho percorrido para alcançar respostas à questão proposta por este estudo.

CAPÍTULO 2

CANTANDO E CONVERSANDO NA ESCOLA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo apresento o método da pesquisa, a direção que segui para analisar quais contribuições a música pode trazer para a valorização da diversidade cultural na escola: de que maneira a escuta de canções pode contribuir para a valorização da singularidade de crianças no cotidiano da prática escolar humanizadora? Que processos educativos são gerados a partir da convivência de uma professora de ensino fundamental, seus alunos e pesquisadoras numa roda de conversa em que a música atue como elemento propulsor do diálogo? Assim, descrevo nas próximas páginas como escolhi o método de pesquisa e como foi a trajetória da escolha do método ao primeiro contato com os(as) participantes da pesquisa.

2.1 ESCOLHENDO O MÉTODO

Cursando a disciplina Seminários de Tese, fui encontrando as dificuldades de ter uma idéia do que queria pesquisar e muitos caminhos para chegar à sua concretização. Foram três semestres de angústia e de procura: angústia por não conseguir visualizar o melhor caminho para desenvolver a pesquisa, por ter um referencial teórico consistente e preocupação em adotar uma metodologia de pesquisa coerente com esse referencial; ao mesmo tempo foram semestres de procura no sentido de encontrar uma direção que permitisse desenvolver a pesquisa de campo e encontrar respostas à questão de pesquisa proposta sem desviar do referencial teórico adotado.

Assim, após muitas leituras, busquei fundamentação metodológica no estilo de pesquisa qualitativo, sobretudo pelo ângulo de Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão, por se aproximar do caminho que eu desejava traçar para desenvolver a pesquisa, o

caminho da dialogicidade: de acordo com Brandão (2003) um dos aportes de estilos qualitativos e participativos de investigações dialógicas está em que várias desigualdades de pensamento, de valores, de idéias, de versões ideológicas, de crenças e outras maneiras de sentir, pensar, viver e refletir sobre a vida e o próprio pensamento, passam a ser compreendidas como escolhas diferentes (Brandão, 2003: p.245). Da mesma forma Freire (2001) coloca a necessidade do profundo respeito à identidade do educando – uma identidade cultural que implica respeito pela linguagem do outro, pela cor do outro, o gênero do outro, a orientação sexual do outro, a capacidade intelectual do outro.

Segundo Brandão (1999) só se conhece em profundidade alguma coisa da vida da sociedade ou da cultura quando há comprometimento entre pesquisador e quem ele investiga. A técnica e estratégia de uma pesquisa de campo dependem tanto de pressupostos teóricos quanto da maneira como o pesquisador se coloca na pesquisa e através dela.

Em outro momento, o autor coloca que somos apenas um lado do todo, cujo outro lado não é o dos objetos passíveis de serem arbitrariamente objetivados pelo e para o nosso conhecimento, mas, sim, o múltiplo e complexo lado de outros sujeitos que nos desafiam a aprender a substituir a *manipulação pela comunicação*, o controle do outro pela *interação com o outro*, a transferência de informações entre sujeitos desiguais pela troca de conhecimentos entre pessoas diferentes. Ele afirma que “nada sei sobre um outro que de alguma maneira não esteja fundado em um diálogo⁹ com este outro”. Ainda sobre esse aspecto, o autor menciona que numa comunidade aprendente¹⁰ todas e todos os participantes possuem algo a ensinar e algo a aprender. Todo conhecimento trazido “de fora” dialoga e se integra nesse saber-partilha.

“ Sabemos que entre uma cultura e outra, entre um modo de ser-viver-pensar-e-agir e outro, entre uma pessoa humana e outra, os sentimentos, os pensamento, as idéias, os valores e as crenças não passam, artificial e programadamente, de um lado para o outro, ou de um estágio para outro. Não se transfere consciência de uma mente humana a outra, da mesma maneira como se passa a água de um copo cheio para um vazio. De resto,

⁹ Para Brandão (2003), diálogo não significa recurso teórico. “Ele significa a abertura do ensino ao outro-pleno, isto é, lidar com quem eu ensino como uma pessoa a quem eu só posso dizer algo que eduque na mesma medida em que me abro a ouvi-la no que ela tem a me dizer de seu, de sua liberdade e do seu inteiro direito à diferença diante de mim” (Brandão, 2003:138).

¹⁰ Por comunidade aprendente, o autor entende “todo grupo humano que se reúne em algum tempo e lugar com o propósito de estabelecer uma interação fundada na troca de símbolos, de sentimentos, de sentidos e de significados dirigidos a uma busca solidária de algum tipo de saber, através da qual todos se ensinam e aprendem mutuamente” (Brandão, 2003:113)..

não existem mentes vazias, pessoas sem consciência e culturas, sem valores de crítica social” (Brandão, 2003: p.146).

De acordo com Brandão (1999) quando o outro se transforma em uma convivência, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua vida, sua cultura, de sua história. Nesse sentido, a observação participante, a entrevista livre e a história de vida se colocam como recursos fundamentais.

Assim, o caminho para desenvolver a pesquisa foi convivendo com os alunos e sua professora numa sala de aula e através da observação, do diálogo informal com os participantes, construindo conhecimentos, pensamentos e transformando nossas visões de mundo uma vez que, de acordo com Silva (1987)

Falar, ou melhor, conversar, é uma maneira privilegiada de captar o mundo que nos rodeia, a sociedade em que vivemos, os espaço físico por onde se desdobra nossa ação, a maneira de ser e de agir dos nossos parentes, vizinhos, amigos, nossa maneira pessoal de ser e de agir. Falar, dialogar, supõe a comunicação recíproca do modo de se situar no mundo, de construir a sua vida, de se tornar de mais em mais humanizado e capaz de humanizar (Silva, 1987: p.114).

Dessa maneira, a linguagem falada e a linguagem musical foram os principais veículos de comunicação entre os participantes do grupo. Com encontros semanais buscávamos compreender melhor, através dos depoimentos dos participantes do grupo, como a música pode favorecer a interação entre culturas, valorizando a diversidade cultural dentro da escola. Também nos encontros nos comunicávamos através da música: atividades de voz, movimento e expressão corporal. Os temas dos diálogos surgiam da própria dinâmica do grupo a partir das atividades musicais. Eventualmente também fizemos pequenas entrevistas livres com a professora (extra-encontro semanal) para avaliar o processo.

Ao final, eu e Moniele realizamos uma entrevista semi-estruturada, com a professora, na qual abordamos vários momentos do processo vivenciado pelo grupo, avaliando a participação de cada um dos participantes. Também realizei uma entrevista, por escrito¹¹, com Moniele, uma vez que a questão se referia a possíveis contribuições da

¹¹ Devido à proximidade do final do semestre não tivemos oportunidade de dialogar pessoalmente (de maneira formal) sobre as questões sugeridas para a entrevista. Também é importante ressaltar que eu e Moniele trocamos idéias e experiências muitas vezes após o término da intervenção, sendo que também suas anotações contribuíram para a análise da questão de pesquisa.

música na escola para um processo de valorização da diversidade cultural para todos os membros do grupo. A entrevista foi mais estruturada do que a realizada com a professora Patrícia e focou três grandes questões:

- O que aprendi participando no grupo sobre mim mesma, sobre as demais pessoas do grupo (Keila, Patrícia e alunos)?
- No que eu contribuí ao participar do grupo?
- No que o grupo contribuiu para minha vida enquanto pesquisadora e enquanto pessoa?

Os dados advindos das observações, diálogos com o grupo, entrevistas com a professora foram totalmente transcritos para um diário de campo, no qual mantive registrado tudo o que via, ouvia e percebia. No diário colocava os registros dos diálogos e as situações vivenciadas em cada encontro, assim como minhas impressões sobre esses diálogos e situações.

Após as leituras e releituras do diário de campo fui procurando encontrar elementos para discutir a relação entre música, escola e diversidade cultural, os quais serviram de base para o levantamento de categorias de análise, o que se deu da seguinte forma: em primeiro lugar fiz a leitura da transcrição dos diálogos, das situações vivenciadas e das minhas impressões pessoais registradas nos dias em que os encontros ocorreram. Também fiz leituras das entrevistas com a professora Patrícia e Moniele. Vale ressaltar que mesmo após a intervenção, a professora Patrícia nos prestou grande auxílio fornecendo dados sobre a escola, sobre os alunos, sobre o bairro no qual a escola está localizada, dados esses que foram utilizados na descrição da escola e seu entorno.

Posteriormente fiz uma releitura procurando organizar os dados de maneira que auxiliassem no momento da descrição e análise dos dados, como por exemplo, descrevendo para cada encontro a dinâmica das atividades, os temas destacados nas conversas, as trocas de experiências musicais entre os participantes, as atividades musicais (atividades de voz, movimento, expressão corporal) desenvolvidas, recursos utilizados nos encontros, participação dos alunos, professora e pesquisadoras.

As categorias de análise, portanto, são frutos de leituras exaustivas do diário de campo, das entrevistas realizadas com a professora Patrícia e a pesquisadora Moniele, das minhas impressões enquanto pesquisadora.

Nas próximas páginas, procuro descrever como se deu a escolha dos participantes da pesquisa, caracterizando a escola e na qual foi desenvolvida a intervenção da pesquisa, bem como seu entorno, descrevendo também o processo de aproximação e a formação do grupo de participantes, assim como o processo vivenciado.

2.2 ESCOLHENDO OS PARTICIPANTES

A pesquisa, tal como estava constituída, previa inserção participante num ambiente de uma sala de aula. Somente convivendo com o grupo formado por mim (pesquisadora), Moniele (colaboradora), uma professora do Ensino Fundamental e seus alunos, seria possível descrever e analisar os processos educativos resultantes dessa convivência. Assim, surgiu a necessidade de buscar uma escola que possibilitasse essa inserção. Optei por uma escola municipal na periferia de São Carlos por se tratar de uma escola aberta a inovações. A diretora da instituição é uma pessoa que apóia projetos de pesquisa e eu já a conhecia de outro contexto tendo desenvolvido minha pesquisa de Mestrado na escola em que ela atuava na época. A escola estava apoiando outros projetos¹² simultaneamente:

PROERD – Programa Educacional de Resistência às Drogas - desenvolvido pela Polícia Militar nas 4^{as} séries, para alertar os riscos causados pelo uso de entorpecentes;

UFSCar – projetos de formação continuada nos Horários de Trabalho Pedagógicos Coletivos (HTPC); Estágios Supervisionados; Comunidades de Aprendizagem; Aulas de flauta.

Projeto Água Quente – projeto que se responsabiliza pelas visitas às nascentes e pela preservação da área ambiental pertencente ao bairro;

Inclusão Digital – aulas de computação aos alunos e à comunidade;

Além desses projetos a escola também realiza passeios recreativos e educativos promovidos pelo SESC, aula-passeio à Indústria Faber Castell, visitas ao Parque Ecológico, a fazendas históricas da região e aos pontos históricos da cidade.

¹² Dados fornecidos pela professora Patrícia, participante da pesquisa.

2.2.1 A escola e seu entorno¹³

A escola, como já mencionado, está localizada num bairro periférico da cidade¹⁴ e atende turmas de Ensino Fundamental¹⁵ (séries iniciais), pela manhã e à tarde, contando com salas regulares de ensino e também apoio escolar. Também possui turmas de Educação de Jovens e Adultos (supletivo) à noite. Ao redor da escola há uma Creche, uma escola de Educação Infantil e uma Quadra Poliesportiva que tanto é usada por alunos desses três pólos como pela comunidade do entorno escolar. A comunidade conta ainda com suas escolas estaduais de 5 a 8ª séries o que possibilita a continuidade dos estudos dos alunos.

A clientela da escola é formada por alunos do bairro local e proximidades. São crianças com baixo poder aquisitivo, oriundas de famílias nas quais a maioria não chegou a completar o Ensino Médio e o analfabetismo não é raridade. Muitas dessas famílias dependem de programas assistenciais para sobrevivência. Faltam ao bairro serviços urbanos essenciais principalmente na área da saúde e lazer¹⁶. Em contraponto, há altos índices de violência, de desemprego, de consumo de drogas. A comunidade enfrenta ainda problemas ambientais: possui uma área de preservação natural em situação de impacto degenerativo diante do lixo e esgoto que nela são lançados. Novas construções são feitas cada vez mais perto da área de risco e de preservação ambiental, chamada pelos moradores de “buracão” (local que possui três nascentes e no qual também são despejados esgotos das casas do bairro e de outros bairros vizinhos).

A escola enfrenta problemas também em relação à evasão escolar de alunos, o que é atribuído à falta de estrutura familiar dos alunos: “há uma crença de que os graves problemas familiares enfrentados por alguns alunos impossibilitam que eles se comprometam com os estudos, uma vez que essas preocupações, alheias à escola, acabam tendo prioridades em suas vidas. Eles não vêem a escola como uma possibilidade de ascensão social, uma vez que por experiência, os adultos e familiares com os quais eles têm

¹³ Alguns dados apresentados são baseados em um levantamento realizado pela professora Patrícia, participante da pesquisa, num estudo por ela realizado, em 2006, referente à relação escola / comunidade.

¹⁴ O bairro, que começou a ser ocupado no período entre 1977 e 1979, é considerado “zona crítica” da cidade sendo que seus moradores são bastante estigmatizados fora da comunidade.

¹⁵ No ano de 2006 atendeu 522 crianças no Ensino Fundamental.

¹⁶ Recentemente foi inaugurado um Centro Recreativo, porém, segundo os moradores, não é suficiente.

contato não precisaram da escola para exercer alguns tipos de trabalho. Dessa forma a escola perde todo o seu sentido social na vida desses alunos e de grande parte da comunidade em que eles vivem”. Um levantamento feito com os professores sobre o efeito desses problemas no rendimento escolar dos alunos revela que existem aproximadamente 100 alunos, dos 2^{os} anos até as 4^{as} séries, freqüentando o Apoio Escolar, sendo metade em alfabetização e a outra metade em aprimoramento de texto, alunos esses que não necessariamente apresentam problemas disciplinares. No entanto, a maioria dos alunos apresenta defasagem no rendimento escolar.

A indisciplina também é apontada como uma grande dificuldade enfrentada pela instituição: as queixas mais comuns são a falta de respeito para com professores e funcionários e, entre os próprios alunos, a falta de respeito chega á agressão física. A falta de comprometimento em relação aos estudos, segundo professores da instituição, também provém da necessidade de muitos alunos realizarem pequenos trabalhos extra-escolares para aumentar a renda da família, fazendo com que o estudar e as atividades culturais fiquem em segundo plano.

A escola também conta com professores de Apoio nos períodos diurno que atendem cerca de 100 alunos com dificuldades de aprendizagem, tanto em alfabetização quanto em produção de texto. Esse Apoio funciona no mesmo período de aula, uma vez que, se oferecido em período contrário, os alunos não freqüentam.

2.2.2 Minhas impressões sobre a escola e seu entorno

Logo que cheguei à escola, pela primeira vez, pude observar que seu espaço físico é amplo, arejado e com sombras convidativas às brincadeiras das crianças no recreio. A sala de aula na qual a intervenção seria realizada localizava-se fora do corpo principal da escola (uma ampla construção com várias salas de aulas, sala de professores, banheiros, cozinha, sala da direção e secretaria) juntamente com outras salas que foram construídas posteriormente. A biblioteca, também construída recentemente, era aconchegante, organizada e com muita iluminação natural, atendendo não apenas aos alunos da escola como também à comunidade que a cerca. A escola também possui uma quadra

poliesportiva coberta e brinquedos ao ar livre para recreação das crianças (ponte com escorregador, casinha de plástico, balanço e gira-gira). As salas de aulas são equipadas com ventiladores, globos terrestres, material dourado, blocos lógicos, jogos de quebra-cabeça, jogos variados para desenvolvimento do raciocínio lógico. A escola conta com o apoio de uma diretora, uma assessora de direção, 16 professores de salas de aula regulares, efetivos da rede municipal, 1 professor de Educação de Jovens e Adultos, 1 professor para a Sala de Recursos, 4 professores de Apoio, 2 bibliotecários, 2 inspetores de alunos, 2 auxiliares administrativos, 4 merendeiras, . A escola possui ainda televisores, aparelhos de vídeo e DVD, computadores, impressoras, aparelhos de som.

Minha impressão, ao entrar naquele local pela primeira vez, foi de acolhimento por parte da direção escolar, bem como da professora e das crianças de um modo geral, uma vez que interagíamos também com crianças que não faziam parte da sala de aula na qual a intervenção foi realizada no momento do recreio ou da saída. As crianças eram muito comunicativas e era muito agradável estar entre elas. Não tive muito contato com os familiares das crianças pois nosso horário nem sempre coincidia com o horário de entrada ou saída dos alunos. Segundo a diretora da instituição, as crianças geralmente se dirigem à escola sozinhas, sendo que apenas as crianças do 1º ano costumam vir acompanhadas pelos pais, ou algum responsável. Em todas as minhas inserções naquele bairro e naquela escola, fui bem recebida, sempre com um sorriso dos funcionários, professores, crianças e os pais que eventualmente encontrei na minha chegada ou saída da escola. Minhas impressões sobre aquele lugar, do qual sinto saudade, foram muito boas e deixaram lembranças.

2.2.3 Iniciando o contato

Através de um contato telefônico marquei um horário para dialogar com Rita¹⁷, diretora da EMEB acima referida, sobre a pesquisa que estava desenvolvendo e sobre o trabalho de intervenção que tinha intenção de desenvolver em sua escola. Em nosso primeiro encontro, em 05 de maio de 2005, apresentei o projeto de pesquisa, explicitando a questão norteadora e os objetivos, assim como o desejo de realizar a intervenção numa sala

¹⁷ O nome da diretora foi alterado.

de aula de séries iniciais do Ensino Fundamental. Nossa proposta era convivermos (eu e Moniele), durante um semestre, com uma professora e seus alunos, de tal forma que semanalmente pudéssemos nos encontrar com o grupo e trocar experiências musicais e pessoais, com o objetivo de transformar nossa visão a respeito de cultura, valorizando a diversidade cultural.

Rita apreciou a proposta e mencionou sua preocupação em valorizar a comunidade na qual a escola está inserida e também em estimular a participação dos familiares e responsáveis na vida dos alunos. Pedimos que ela sugerisse com qual turma e com qual professora poderíamos desenvolver a pesquisa, uma vez que não conhecíamos nenhuma delas e não tínhamos um critério pré-estabelecido para a escolha a não ser o fato de ser uma série inicial do Ensino Fundamental.

Ela sugeriu uma das turmas de 06 (seis) anos (1º ano), porque são crianças cujos pais e responsáveis ainda acompanham mais de perto e, segundo ela, seria uma maneira de favorecer a aproximação entre escola e comunidade. Ela se encarregou de conversar com as quatro professoras e nos dar um parecer.

Por indicação da própria diretora, Patrícia¹⁸ se tornou a professora participante juntamente com seus alunos. O grupo então estava formado: Patrícia (professora do 1º ano do Ensino Fundamental), seus alunos, eu (pesquisadora de Doutorado), e Moniele (pesquisadora de Iniciação Científica).

Em grupo, ainda sem a presença das crianças, passamos a dialogar sobre como seria e como se daria essa intervenção procurando encontrar um eixo em nossas diferentes visões sobre música, cultura e diversidade cultural. Posteriormente passamos a nos encontrar semanalmente eu, Moniele, a professora Patrícia e seus alunos dividindo nossos encontros em momentos de brincadeiras musicais e/ou atividades com movimento e expressão corporal e momentos de diálogo numa grande roda de conversa formada por todos os participantes. As atividades desenvolvidas nem sempre seguiam a mesma ordem. A cada encontro observava o que mais suscitaria a participação das crianças¹⁹ e por isso algumas vezes começávamos pela roda de conversa e em outras pelas brincadeiras.

¹⁸ O nome da professora e de cada um dos alunos foi alterado para manter a privacidade dos participantes da pesquisa.

¹⁹ Algumas vezes as crianças pediam para falar porque não haviam participado no encontro anterior por timidez ou pela escassez do tempo e assim optávamos por iniciar dialogando com o grupo. Em outras

2.2.4 Os participantes:

- *A professora*

Conhecemos Patrícia, uma professora do 1º ano do Ensino Fundamental, em junho de 2006, em sua sala de aula. Naquele momento as crianças estavam na aula de Educação Física e por alguns momentos tivemos²⁰ oportunidade de dialogar com ela sobre sua trajetória profissional e suas expectativas em relação à intervenção da qual participaria.

Patrícia é formada em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e atua profissionalmente há três anos. Iniciou sua carreira logo ao terminar a graduação, lecionando para uma turma de alunos de 3ª série (2º ano), turma com a qual permaneceu no ano seguinte (4ª série/ 3º ano).

Em 2006, devido a alterações no ensino, crianças de 06 anos passaram a freqüentar o Ensino Fundamental e não mais a Educação Infantil como até então. Nesse contexto, Patrícia assumiu uma turma de 1º ano, como passou a ser chamada a turma de alunos de 06 anos²¹. O ritmo de trabalho, segundo ela, é muito diferente do que estava acostumada e ela procurou se adaptar ao novo contexto. No entanto, admitiu que assumir uma turma de crianças com 06 anos foi assustador porque não estava em seus planos:

Patrícia – ... eu fui obrigada a pegar! Tinha um monte de coisa para escolher e eu fui obrigada a pegar 6 anos, eu fui obrigada a pegar à tarde, porque eu preferia pegar de manhã e outra série, porque eu já tinha arrumado um outro emprego à tarde....podia trocar mas não me deixaram trocar, então eu fiquei muito revoltada! ...Nós tínhamos que fazer um curso, teve um curso no final do ano, que só poderia pegar seis anos quem fizesse o curso....até aí foi falado....foi todo mundo fazer o curso....aí chegou na hora da escolha...não tinha só seis anos....aí começou a escolha, todo mundo começou a pegar outras salas, ninguém queria de seis anos por causa da atribuição...aí ameaçou e tal, aí todo mundo ficou com medo, aí a gente ficou com medo, porque precisava efetivar! Aí a gente começou a pegar.....mas o problema, para mim, não foi nem ter pego seis anos.....mas foi eu precisar trocar para trabalhar no Sesi....

situações, as crianças estavam ansiosas para brincar, realizar atividades de movimento, cantar e então começávamos com brincadeiras musicais, de expressão corporal e movimento.

²⁰ Nesse dia estava acompanhada da orientadora deste trabalho, Profª Drª Ilza Zenker Leme Joly.

²¹ Para tanto, Patrícia participou de um breve curso (30 horas) no qual foram dadas diretrizes sobre conteúdos e habilidades a serem desenvolvidos com crianças dessa faixa etária.

Keila – Você trabalhava em dois lugares?

Patrícia – Eu iria.....aí teve a sala de uma professora que saiu para fazer mestrado, aí... “vamos trocar?”aí não me deixaram trocar....

Com o tempo, foi se ajustando ao contexto e, ao final de 2006, disse ter adorado a experiência. Se no ano anterior não quis fazer um curso de especialização infantil pela revolta em ter que assumir uma sala de alfabetização, agora sua ansiedade era pela continuação do trabalho com alfabetização:

Patrícia - ...eu falo que se eu soubesse jamais teria entrado em Psicopedagogia, teria feito o Ensino Infantil porque eu adorei! Agora minha briga esse ano é para pegar!

Quando, em nosso primeiro contato, propusemos uma parceria com Patrícia, ela prontamente se dispôs a participar. Dialogando sobre a dinâmica de uma sala de aula com crianças de seis anos, ela nos contou que ao assumir a classe, observava o quão importante era desenvolver aspectos que inicialmente não havia considerado primordiais, tais como as relações afetivas, a habilidade de seguir regras, questões ligadas à sexualidade. Ela também mencionou que algumas crianças apresentavam dificuldade de comunicação com os colegas em sala de aula, como era o caso de um de seus alunos que não aceitava se comunicar com outra criança que não o colega que fazia parte de sua dupla nas tarefas em sala de aula. Cada vez que ela tentava alterar a dupla, estimulando a interação com as demais crianças, o aluno chorava e não aceitava. A dificuldade de comunicação e interação com os colegas não era algo exclusivo desse aluno mencionado. A maioria das crianças possuía alguma dificuldade para se comunicar e interagir com as demais crianças na sala de aula. No diálogo inicial, Patrícia admitiu nunca haver pensado em música no contexto em que estávamos apresentando: de possibilitar – através do diálogo e da troca de experiências musicais – a valorização da diversidade cultural no contexto escolar. A música, para ela, sempre foi um recurso direcionado para atividades de sala de aula, como a alfabetização. Sua expectativa era de que por meio da convivência com o grupo na roda de conversa e nas demais atividades musicais, ela passasse a conhecer seus alunos não apenas no âmbito do processo de ensino-aprendizagem mas enquanto pessoas e assim ajudá-los de maneira diferenciada em suas dificuldades, compreender melhor suas atitudes ao conhecer suas vivências fora do contexto escolar.

Patrícia teve uma participação extremamente importante dentro da pesquisa. Sua postura frente à proposta de intervenção e aos fatos do cotidiano foram possibilitando nossa caminhada rumo às respostas à questão levantada. Patrícia é uma pessoa engajada que mostra sua preocupação não apenas com a parte cognitiva das crianças, como também com o bem estar emocional delas. Certa ocasião ela me contou que um dos alunos, num passeio promovido pela escola, apesar de haver levado seu lanche não o comeu, comendo apenas o lanche oferecido, pela escola, aos alunos que não haviam levado nada para comer. Ela o questionou porque, afinal, ele havia levado seu lanche e não o estava comendo. Foi com lágrimas nos olhos que ela contou que descobriu que o lanche levado pelo aluno era um pedaço de pão francês duro e seco e por isso ele sentiu vontade de comer o outro lanche oferecido pela escola. Patrícia sempre demonstrava interesse, em nossas conversas com as crianças, em saber mais sobre elas, sobre quem elas eram quando não estavam na escola, contando a elas também quem era ela quando não estava em sala de aula trabalhando. Essa troca de experiências foi visivelmente estreitando os laços entre a professora e os alunos, o que as páginas seguintes irão revelando.

- *Os alunos e alunas*

Conhecemos os alunos e alunas ainda no final do 1º semestre de 2006, pouco antes do encerramento das aulas. Ao chegarmos à escola, pudemos observar as crianças no horário do recreio que ainda não havia encerrado. Elas brincavam de pular corda, correr, enquanto outras demonstravam curiosidade em saber o que estávamos fazendo lá. Um dos alunos, que ainda não sabíamos que era do 1º ano no qual iríamos desenvolver o círculo de cultura, chegou ao nosso lado e reconheceu seu nome e o nome de outro colega nas fichas que estávamos fazendo para desenvolver uma atividade musical com as crianças. Demonstrou muito entusiasmo ao descobrir que o trabalho seria desenvolvido em sua sala de aula.

Após o recreio, tivemos oportunidade de conhecer todos os alunos do 1º ano na sala de aula da professora Patrícia. Ao todo eram 21 alunos, sendo 10 meninos e 11 meninas, o que vai ao encontro dos dados fornecidos pelo INEP²² (Censo Escolar/2006): a

²² Site consultado: <http://WWW.inep.gov.br/basica/censo/escolar/sinopse/sinopse.asp>

distribuição do número de matrículas na educação básica entre meninos e meninas é bem equilibrada, com cerca de 28,2 milhões (50,3% do total) de alunos do sexo masculino e, em torno de 27,8 milhões (49,7%) de alunos do sexo feminino.

A maioria das crianças possui 6 anos completos, são provenientes dos bairros vizinhos e apresentam baixo poder aquisitivo. As famílias dos alunos possuem pouca formação educacional, sendo poucos os casos em que os pais terminaram o Ensino Médio. A maioria possui somente o Ensino Fundamental incompleto, e não são raros os casos de analfabetismo²³. Segundo a professora, a maioria dos alunos não têm os pais freqüentando as Reuniões de Pais e Mestres realizadas bimestralmente, muitos devido ao trabalho, o que, segundo ela, incide negativamente na auto-estima da crianças:

Patrícia - ...ontem teve reunião mas vieram pais minguados....eu não sei exatamente porque eles não vêm....têm mães que trabalham, que eu sei que trabalham...na verdade vieram muitos por conta que também ia ter matrícula das crianças, né...mas numa reunião comum parece que não têm muita paciência, que não é muito importante....

(...)

Patrícia – Elas (se referindo às crianças) esperam, né...tem uma ali no canto que a mãe nunca veio....

Pude observar que enquanto algumas crianças apresentavam maior facilidade de comunicação emitindo opiniões, fazendo perguntas, dando sugestões para o grupo, outras precisaram de muitos outros encontros para iniciar a participação no grupo. Esse dado foi confirmado pela professora, que afirmou ter dificuldades com algumas crianças que não aceitavam participar nas atividades propostas em sala de aula e, inclusive, não aceitavam interagir com outros colegas nas duplas que ela formava para desenvolver as atividades.

As crianças foram cativantes desde o início expressando sua maneira de ver o mundo, embora nem sempre com palavras. Mesmo as que não se manifestavam verbalmente demonstravam, de alguma maneira, formas de enxergar seu entorno nos diversos momentos de nossa convivência. Já havia trabalhado com crianças de escolas particulares, na parte de educação infantil e ensino fundamental, porém, tive pouco contato direto com crianças de escola pública – minha experiência esteve restrita, até àquele

²³ Dados baseados em um levantamento realizado pela professora Patrícia, participante da pesquisa, num estudo por ela realizado, em 2006, referente à relação escola / comunidade

momento, ao contato com os alunos das professoras com as quais desenvolvi a pesquisa de Mestrado em 2001. Por isso, o impacto que senti talvez tenha sido tão grande. Pude observar que eram crianças decididas, que expunham seus sentimentos umas às outras, ainda que nem sempre se manifestassem no grupo. Assim, dia-a-dia, foram me cativando e me fazendo desejar estar com elas naqueles momentos. Às vezes enfrentava situações inesperadas, tais como brigas e expressões verbais que não pensei que fizesse parte do vocabulário de crianças de 06 anos, assim como verbalização de experiências marcantes vivenciadas por elas, opiniões sobre preconceito, sobre o que esperavam do futuro. Sem dúvida, foi um privilégio estar com essas crianças, conhecê-las, ouvir suas opiniões, dialogar com elas.

- ***A Colaboradora: Moniele***

Conheci Moniele de Rocha Souza ao realizar estágio numa disciplina da graduação em Educação Musical. Moniele (aluna do 1º ano de graduação em Educação Musical) estava cursando a disciplina e tinha vontade de participar de uma pesquisa de campo. Moniele estudou piano, violino e teclado antes de ingressar no curso de Educação Musical da UFSCar, em 2006. Apesar do incentivo de suas professoras de piano para fazer bacharelado em Música (com ênfase em piano) optou pela licenciatura. Formamos então uma parceria: eu, como pesquisadora de Doutorado e Moniele, como colaboradora da pesquisa.

Assim, quando demos início à pesquisa de campo, Moniele esteve junto em todos os momentos, trabalhando em parceria (participando na elaboração de atividades, dando idéias), desenvolvendo atividades, dando depoimentos no círculo de cultura. Sua participação em todos os encontros, com exceção de um no qual ela participou de um Seminário da Educação Musical, foi muito importante e trouxe muitas contribuições em termos de diálogo com as crianças, propostas de músicas e atividades, participação essa que será descrita posteriormente durante a apresentação e análise dos dados.

A Pesquisadora: Keila

Minha trajetória enquanto educadora passa pela pesquisa também. Fui pesquisadora de Iniciação Científica na graduação em Pedagogia, pesquisadora de Aperfeiçoamento após o término da graduação, pesquisadora no Mestrado e Doutorado. É uma área que sempre me agradou. No decorrer de minhas pesquisas meu referencial de conduta como pesquisadora também foi se modificando. Na Iniciação Científica meu trabalho estava inserido num muito maior que era o do grupo Teoria Crítica e Educação (Grupo coordenado, na época, pelo Prof. Dr. Bruno Pucci). Assim, eu não participava de todos os momentos da pesquisa. Eu desenvolvia uma pequena parte para esse trabalho maior. Também foi assim no Aperfeiçoamento, quando participei de uma pesquisa coordenada pela Pr^{fa} Dr^a Maria da Graça Nicoletti Mizukami, pesquisa essa realizada com professores de uma escola pública de São Carlos.

No mestrado comecei a compreender os passos que compõem uma pesquisa do começo ao fim. Sob orientação da Prof^{fa} Dr^a Ilza Zenker Leme Joly, trabalhei com professoras de uma escola pública da periferia de São Carlos. O foco também era a música na escola, como também o é este estudo que aqui apresento, porém voltada para formação continuada de professores. Coordenei uma oficina pedagógica por meio da qual buscamos desenvolver noções básicas em educação musical através de jogos e brincadeiras, bem como desenvolver reflexões acerca da prática pedagógica, do cotidiano escolar e o papel da música nesse cotidiano escolar. A partir do trabalho desenvolvido com o grupo de professoras participantes, durante um ano, observei que o programa mostrou ser um importante instrumento para o desenvolvimento de novas habilidades docentes, de uma prática pedagógica mais reflexiva, para o desenvolvimento de uma nova postura frente à Educação Musical.

Todas as minhas participações em pesquisas contribuíram para que fosse conhecendo novas perspectivas em termos de referenciais teóricos e métodos de pesquisa. Quando ingressei no Doutorado, estabeleci contato com o referencial teórico da linha de pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos” e pude reelaborar meu próprio referencial de conduta enquanto pesquisadora. Descobri que era possível conviver com os participantes da pesquisa de maneira a formar uma parceria. Convivendo com a professora

Patrícia, seus alunos e Moniele, fui me descobrindo e modificando minha forma de pensar, de ver o mundo.

Apreciei cada momento de convivência com o grupo, observando, participando, conversando. Conheci mais sobre o bairro, a escola, as brincadeiras e as dificuldades de quem mora num local estigmatizado. Também tive o privilégio de compartilhar com eles a maneira como eu era fora daquele ambiente, o que eu apreciava e no que acreditava. E assim fomos criando um “campo de trocas²⁴” que foi sendo cultivado em nossos encontros.

Também vivi momentos de conflito. Nem sempre todos estavam felizes em realizar atividades musicais em grupo, como foi o caso de Isa, que no início queria ouvir apenas a música do “Bambú”. Lamento ter perdido algumas oportunidades de maior diálogo com Isa: saber, por exemplo, por quê a canção “Bambú” era tão importante para ela? Como nossos encontros ocorriam uma vez na semana, nem sempre pude dar a atenção que gostaria a cada criança. Porém, até mesmo os conflitos foram importantes para me ensinar a necessidade de adequação ao contexto. Em algumas ocasiões era necessário adaptar brincadeiras, atividades, temas de diálogos de acordo com as necessidades apontadas pelo grupo. Ao final de cada encontro, procurava esboçar uma pequena análise do que ocorrera no dia, minhas impressões sobre os acontecimentos.

Quando a Cris comentou que falar sobre ser diferente ou igual, conviver com o diferente era um brincadeira chata, percebi que talvez o foco não fosse estimulá-los a falar sobre diferenças mas contando sobre seus gostos musicais, poderiam perceber o quanto a diversidade está presente no grupo sem que isso nos prejudique. Mudei o rumo do nosso diálogo e pedi que cada um dissesse que música mais havia marcado suas vidas, músicas que tivessem aprendido com alguém da família, ou que de alguma forma tivessem marcado suas vidas. Observamos que o gosto musical entre as crianças é bastante variável. No entanto, também observamos que algumas músicas escolhidas por algumas crianças eram do domínio de todas, ou seja, todas conheciam embora não a tivessem escolhido como a mais marcante para si mesmas.

A cada semana, ao pensar em sugestões de atividades musicais para o próximo encontro com o grupo procurava visualizar minhas impressões, rememorando sentimentos vivenciados nos encontros com o grupo e buscando respaldo para adequar nossas atividades ao contexto do grupo.

²⁴ Termo originalmente utilizado pela Prof^a Dr^a Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva em sua Tese de Doutorado (1987)

No último encontro com as crianças, quando entregamos os CD's, pude constatar o quanto aquelas crianças se tornaram importantes para mim enquanto pessoa. Foi um momento, de certa forma, doloroso para mim. Conviver com o grupo foi importante para meu desenvolvimento enquanto profissional e enquanto pessoa. Aprendi que apesar de continuar sendo eu mesma – em termos de condição sócio-econômica-cultural – também me transformei ao conhecer o outro, diferente de mim, que vive num lugar diferente do meu, frequenta locais diferentes dos meus, enfrenta dificuldades diferentes das minhas. Minha transformação foi em relação à maneira de enxergar o mundo com sua diversidade em todas as instâncias. Acredito realmente que somos seres em trânsito, como aponta Silva (1987): enquanto nos deslocamos no mundo, para fora e para dentro de nós mesmos, avançamos sempre, distribuindo e recebendo significados.

Em suma, nesse capítulo meu objetivo foi apresentar o método da pesquisa, apresentando também os participantes da pesquisa, o local no qual foi realizada a intervenção, bem como seu entorno. No próximo capítulo apresento e discuto os dados, descrevendo a dinâmica dos encontros realizados com o grupo participante, analisando como se relacionam com a questão central proposta por este estudo: de que maneira a música pode contribuir para a valorização da diversidade cultural na escola? Vale ressaltar que, dentro do âmbito musical, entendo que um projeto de educação musical deva ser mais completo, incluindo todos os aspectos relativos à aprendizagem musical, tais como a percepção rítmica e melódica, leitura e escrita, criação e improvisação, movimento, etc. No entanto, essa pesquisa teve um olhar mais direcionado para alguns aspectos da música, sobretudo o aspecto da apreciação de um conjunto de canções que permitisse conhecer e valorizar as diferentes formas de viver dos participantes, incluindo uma professora de 1º ano do Ensino Fundamental, seus alunos e alunas, uma pesquisadora e uma colaboradora da pesquisa. Criar espaços e tempos para escutar música, escutar e falar sobre a vida foram a prioridade, embora nos decorrer dos encontros sempre tivéssemos inúmeras oportunidades de desenvolver, através de brincadeiras, a percepção rítmica e melódica, a improvisação, a apreciação musical, a dança.

Assim, dando seqüência ao trabalho, discuto de que maneira se deu essa convivência com o grupo e que novos olhares se tornaram possíveis através dessa convivência.

CAPÍTULO 3

CONVIVENDO COM O GRUPO: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS, MODIFICANDO OLHARES

Antes de iniciarmos os encontros envolvendo o grupo completo, formado pela professora Patrícia e seus alunos e alunas do 1º ano, tive duas oportunidades de dialogar com ela, ambas em junho de 2006. No primeiro contato, quando a conheci, conversamos sobre sua trajetória profissional, sobre sua primeira experiência com alunos de 1º ano. Apresentei o projeto de pesquisa e a proposta de intervenção, ao que ela prontamente se dispôs a participar.

O segundo contato, com a professora Patrícia, foi mais longo e pudemos conversar mais demoradamente sobre suas expectativas em relação à intervenção, assim como trocamos idéias sobre a mesma. Nesse dia, Patrícia apontou suas expectativas em relação à nossa intervenção. Ela também mencionou sua preocupação com a alfabetização, com a dificuldade de relacionamento afetivo entre os alunos, com a dificuldade em seguir regras, dificuldades essas que, segundo ela, em sua expectativa, seriam amenizadas com o auxílio da música no contexto em que estávamos propondo. Nesse mesmo encontro, ela revelou que sempre havia visto a música como um recurso mais direto para as atividades de sala de aula, para alfabetização, mas nunca como um recurso que pudesse favorecer o diálogo, a oralidade, a comunicação. Para ela representava algo novo e muito interessante. Nesse mesmo encontro combinamos um primeiro contato com as crianças, ainda naquele semestre, com o qual ela concordou.

O primeiro encontro com o grupo completo, envolvendo a professora Patrícia, os alunos e alunas do 1º ano, eu e Moniele ocorreu no final do primeiro semestre de 2006, em sala de aula. Como chegamos na hora do recreio, tivemos oportunidade de observar as crianças brincando e algumas delas ficaram conosco conversando sobre o que

estávamos fazendo lá. Quando chegamos à sala de aula, a professora Patrícia nos apresentou às crianças, que ajudaram a afastar as carteiras para os cantos da sala a fim de que pudéssemos realizar uma brincadeira de roda. Como a professora havia comentado sobre a dificuldade de comunicação entre as crianças, optamos por uma brincadeira que envolvesse a todos. Escolhemos, para isso, a música Bambu (CD Cantos de vários cantos, Teca Oficina de Música / Ver anexo 1). A partir dessa brincadeira tivemos oportunidade de conhecer cada uma das crianças pelo nome, uma vez que a brincadeira foi escolhida justamente por permitir uma dinâmica de roda, informal, na qual cada criança era chamada pelo seu nome (Ver Quadro I). Na semana anterior a esse contato, havíamos solicitado à professora os nomes das crianças para que pudéssemos confeccionar pequenas fichas de papel com os nomes dos alunos. Essas fichas foram coladas com fita adesiva na camiseta dos(as) alunos(as), o que facilitou a memorização dos nomes das crianças. Vale ressaltar que a música Bambu, procedente da Bahia, propõe uma brincadeira de roda e, como menciona Brito (2003), essas rodas valorizam cada criança, destacando-a no círculo, sendo um espaço de integração e socialização do grupo.

ENCONTROS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
Encontro - 28/06/2006	Brincadeira de Roda com a música “Bambu”. Formamos uma roda com todo o grupo e, conforme íamos cantando a música, dizíamos os nomes de cada participante do grupo. Ao ouvir o seu nome, o participante, ainda de mãos dadas, virava para fora da roda, deixando os braços cruzados à frente do corpo. Todos os nomes foram “cantados” e todos ficaram virados para o lado externo da roda. Conforme os mesmos nomes iam sendo cantados novamente, os(as) participantes se viravam novamente para dentro da roda.	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as crianças permitindo um primeiro contato entre professora e alunos e pesquisadoras; - Desenvolver a sensibilidade auditiva e rítmica experimentando o movimento corporal através da música; - Brincar com a música;

Quadro I – Atividade com a música Bambú, desenvolvida em 28/06/2006

Como estávamos no final do semestre (aquela seria uma das últimas semanas de aula) só voltamos a encontrar o grupo em agosto. Durante o período de férias, porém, mantive contato através de e-mails, com a professora Patrícia, para discutirmos sobre o trabalho que seria desenvolvido no segundo semestre.

26/07/2006

Keila,(...) dia 31 retornamos normalmente ao trabalho e espero você lá. As crianças gostaram muito e sempre perguntam. Eu também gostei demais.

Até breve.

Patrícia

01/08/2006

Ai Keila que legal, fiquei feliz! A Rita me entregou hoje o projeto completo só que ainda não consegui ler. As crianças continuam perguntando. Estou ansiosa. Me avise assim que tudo der certo. Abraços mil.

Patrícia

09/08/2006

Oi Keila, tudo jóia?

Quanto aos horários, tínhamos pensado na quarta para as crianças, se pra você não tiver problema, para mim também não. Poderia ficar no mesmo horário que foi feita sua apresentação: quarta, depois do intervalo. Lembro que você ficou das três às quatro, mas se você quiser alterá-lo, também não tem problema. Só lembrando que o intervalo deles começa às 14:45h e termina às 15:00h. (...) Se você tiver alguma proposta diferente, podemos conversar.

Até.

Patrícia

Os depoimentos, por e-mail, da professora Patrícia mostravam que a expectativa das crianças em relação à formação do nosso grupo era grande. Através da internet, fomos nos comunicando e decidindo o melhor dia e horário para estarmos em grupo. Nós decidimos – eu, Moniele e a professora Patrícia – que o melhor dia e horário para os encontros seria todas às quartas-feiras, logo após o recreio.

3.1 Encontro 29/08/2006: Quem eu sou?

No dia 29/08/2006 voltamos a nos encontrar com o grupo. Dessa vez, como previamente combinado com as crianças e devidamente autorizado pelos pais, (Ver anexo 24) registramos o encontro com auxílio de um pequeno gravador digital, que causou grande curiosidade entre as crianças.

Aluno – Ele está gravando?

Keila – Está gravando!

Aluno – Pode falar aí?

As crianças ajudaram a afastar as carteiras para assim criarmos espaço e formarmos uma grande roda. A partir desse dia, em todos os nossos encontros, as crianças organizavam a sala para formarmos a roda e depois colocavam todas as carteiras no lugar ao final do encontro (muitas vezes, ao chegarmos, a sala já estava devidamente organizada para nosso encontro). Nossa proposta era que na roda todos fossem igualmente importantes para falar, para expressar opiniões. Eu e Moniele atuávamos como coordenadoras das atividades musicais e mediávamos o diálogo enquanto a professora Patrícia, além de participar conosco em todas as atividades nos auxiliava em relação às eventualidades ocorridas durante nossos encontros. Por exemplo, houve o caso de um aluno que foi picado por uma abelha durante um dos encontros e a professora Patrícia o acompanhou até à direção, ficando com ele até que a situação se normalizasse e pudessem voltar à sala.

Vale ressaltar que o objetivo da roda de conversa estava em proporcionar momentos de troca de experiências musicais e, através dessas, referências culturais de cada participante do grupo, desenvolvendo um trabalho de construção partilhada de conhecimento²⁵, concordando com o que Brandão (2003) coloca a esse respeito: a partilha de saberes acrescenta algo novo a uma múltipla e diferenciada cultura da turma, ou seja, acrescenta algo, estende algo e integra algo, muito mais do que acumula algo. Quando aprendemos algo novo, não sabemos mais, sabemos de uma maneira diferente.

Assim, a cada semana, todos os participantes podiam trazer e compartilhar com o grupo músicas que apreciavam, que haviam aprendido com a família ou em outros lugares que freqüentavam, enfim, músicas que fossem importantes para cada um. Nesse sentido, também eu e Moniele trouxemos nossas contribuições e compartilhamos com o grupo. As músicas por mim escolhidas, por exemplo, visavam fomentar o diálogo em torno da diversidade cultural presente em nosso cotidiano. Assim, meus critérios de escolha do que iria compartilhar musicalmente com o grupo estavam relacionados à riqueza rítmica e melódica, que possibilitasse um trabalho de expressão corporal e percepção auditiva e rítmica e, ao mesmo tempo, letras que estimulassem o diálogo e reflexão sobre nossa diversidade cultural, tendo em vista o que afirma Brito (2003): a escuta de obras musicais

²⁵ Construção partilhada de conhecimentos está relacionada à idéia de que toda atividade por meio da qual os professores e alunos se lançam a fazer perguntas e buscam, juntos, as respostas, saindo da transferência de *conhecimentos conhecidos* para uma procura ativa e recíproca de *conhecimentos a conhecer*, representa uma vivência de criação de saberes” (Brandão, 2003:166).

sempre provoca emoções, sensações, pensamentos e comportamento diversos. Uma música que tenha no seu ritmo seu elemento mais determinante é capaz de despertar a vontade de movimento, de balançar o corpo, de dançar, sendo que outras melodias podem despertar sentimentos e emoções mais subjetivas, distintas para cada um. Importante mencionar que não era objetivo, naquele momento, implantar um projeto completo de educação musical com atividades voltadas para percepção, movimento, dança, estudo de elementos musicais de maneira mais intensiva. Fizemos um recorte que visava compartilhar músicas que pudessem ser fios condutores para diálogos e reflexões sobre formação de identidade, culturas, possibilitando nos conhecermos através das nossas referências musicais.

Voltando ao encontro do dia 29/08/2006, naquele dia realizamos algumas atividades envolvendo música. Considerando a preocupação da professora Patrícia em relação à comunicação e demonstração de afeto entre as crianças, relatada em nossos encontros anteriores, optei por desenvolver uma atividade de roda com a música “Boa tarde” (CD Pirralhada, Thelma Chan & Thelmo Cruz / Ver anexo 2) que estimulava a interação entre as crianças (Ver Quadro II).

ENCONTROS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
Encontro - 29/08/2006	Atividade com a música “Boa tarde”: a letra da música falava de amigos que se encontram e se dão as mãos, se abraçam. O grupo pôde se movimentar livremente pelo ambiente da sala de aula, cantando e interagindo entre si dando as mãos e se abraçando (o estímulo era que sempre abraçassem colegas diferentes ou quem estivesse mais próximo, sem escolher o “melhor amigo”). Essa música foi trabalhada também em outros encontros porque se tornou uma das favoritas do grupo.	<ul style="list-style-type: none"> - Experimentar o contato com o colega através do toque das mãos e do abraço; - Explorar o ambiente da sala de aula sob uma nova perspectiva, a do movimento; - Expressar-se através do corpo e da voz; - Brincar com a música;

Quadro II – Atividade com a música “Boa tarde”, desenvolvida em 29/08/2006

Através da brincadeira as crianças puderam se expressar através do corpo, da voz, puderam tocar as mãos, dar um abraço umas nas outras sem agressividade, puderam interagir com crianças que costumeiramente não interagiam. Foi uma oportunidade de estabelecer contato consigo próprio e com o outro. Como menciona Brito (1998), a brincadeira de roda, a ciranda, o pular corda, brincar de amarelinha, entre outras

brincadeiras, são maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro, de se sentir único e, ao mesmo tempo, parte de um grupo.

A brincadeira parece ter sido realmente divertida porque sempre que terminava a música as crianças a pediam novamente. Após brincarmos por alguns minutos, nos sentamos em círculo, no chão, e eu propus uma brincadeira com nossos nomes a partir de uma pequena música chamada “Eu” (CD Pirralhada, de Thelma Chan & Thelmo Cruz / Ver anexo 3). Cada participante deveria dizer seu nome e idade na parte que em assim era solicitado na música. Conforme íamos cantando, marcávamos o pulso da música com palmas. A atividade permitiu maior integração entre o grupo, possibilitando conhecermos melhor cada participante. Em seguida, ainda sentados em roda, estabelecemos algumas regras de convivência para o grupo que permitissem a participação de todos. As crianças oscilavam entre o falar muito e o receio de participar, de dar opinião. Wander, por exemplo, demonstrava receio em emitir opinião porque, para ele, só quem era grande tinha o poder da palavra.

Wander – Só quem é grande!

Keila – Só quem é grande, o quê? Não entendi...

Wander – Só quem é grande que fala....

Keila – Não, não é só quem é grande que fala!

Isso nos remete ao que Freire (2006) coloca sobre a relação entre docência e discência: “não há docência sem discência”. Os educandos devem se transformar, gradativamente, em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.

Por outro lado, algumas crianças pareciam ter dificuldade em esperar o outro falar. Todas queriam ser ouvidas ao mesmo tempo, o que fez com que abordássemos sobre a necessidade de uma comunicação mais eficiente entre o grupo.

As crianças falam todas ao mesmo tempo. Todas dizem que querem falar e se movimentam pela sala.

Keila - Já sei! A gente pode começar falando de uma coisa.....se a gente está na rua.....se eu tenho que atravessar a rua e tem um semáforo, se ele estiver com a luz vermelha eu posso atravessar?

Alunos(as) – Não!

Keila – Então a gente só vai atravessar quando acender a luz de pedestre verde....aqui nós também vamos ter que seguir algumas regrinhas se não a gente não vai conseguir se comunicar!

Aos poucos as crianças foram se acalmando e ouvindo umas às outras. Elas contaram casos em que não seguiram regras, no trânsito ou em outras situações, e as conseqüências de suas atitudes. À medida em que davam seus depoimentos, outros assuntos iam surgindo:

Pedro - ...ele estava andando com o carro dele, ele brecou e bateu a cabeça! O meu tio bateu no carro...bateu numa mulher (se referindo a uma colisão de veículos)

Keila - Puxa! Machucou alguém?

Pedro - Não....só bateu!

(...)

Isa - Eu fiz um coração, minha mãe apagou....

Keila - Apagou? Mas onde você fez o coração?

Isa - No chão...e ela apagou....é que ela tinha que limpar, né?

Keila - Mas aí você pode fazer de novo!

Isa - Eu faço toda hora!

(...)

Théo - Eu fui no parque e andei em cada brinquedo!

Keila - E qual brinquedo você mais gostou?

Théo - Daquele trem deles....daquela casa de assombrar!

Os assuntos, diversos, permitiram às crianças participar da roda de conversa. Após os depoimentos das crianças, coloquei a música “Oras Bolas” (CD Canções de Brincar, Selo Palavra Cantada /Ver anexo 4) que fala sobre a conexão do “aqui e agora” de cada um com outros contextos. A partir da escuta dessa música procuramos dialogar sobre os diferentes contextos representados no grupo: quem eu sou e como me relaciono com o que, ou quem, está à minha volta?

Keila - Quanta coisa fala nessa música! Vamos tentar lembrar? Fala de uma....

Pedro - Bola!

Keila - Que está no pé de quem?

Alunos(as) - Do menino!

Keila -que mora na casa, que está numa rua, que fica dentro da cidade.....

Cris- América do sul!

Keila - Olha quanta coisa! A gente está aqui dentro dessa sala de aula, que fica nesse bairro, qual é o nome desse bairro?

Cláudio - São Carlos!

Leandro - Mentira!

As crianças não conseguem chegar a uma conclusão sobre o nome do bairro.

Keila - Vamos ver quem ergueu a mão primeiro.... qual o nome dessa escola?

Pedro - Essa escola é Maria....Lia....

As crianças dão risada.

Danilo - É Janete Lia, sim!

*As crianças ainda discutem o nome correto da escola e a professora Patrícia diz o nome completo da escola: Escola Janete Martinelli Lia.
Keila – E essa escola ficaalguém sabe o nome da rua?
Davi – Jardim Gonzaga!
Nesse momento a professora diz que o nome da rua é Paraná.
Keila – Então a escola Janete Lia fica na rua Paraná....e a rua Paraná fica em que bairro?
Lenadro – Jardim Gonzaga!
Cláudio – Não!
Leandro – É sim!
Cláudio – Não é, não!
Keila – Vamos fazer o seguinte? Que vocês acham de na semana que vem cada um de nós falarmos o nome da rua e o bairro em que a gente mora? Cada um vai poder perguntar em casa qual o nome da rua e do bairro, tá bom?*

Foi interessante observar como as crianças conversaram sobre o lugar em que estavam a partir do que a música destacava: sempre o nosso contexto (aquela sala de aula) está inserido em outros contextos maiores (escola, bairro, cidade, estado, país e assim por diante). As crianças aceitaram a tarefa de falarmos, no próximo encontro, sobre nossa rua, nosso bairro, o lugar onde morávamos. Encerramos o encontro brincando novamente com a música “Boa tarde”. As crianças dançaram pela sala, abraçando umas às outras e não queriam que a música acabasse. Repetimos a música várias vezes até que o sinal tocou.

3.2 Encontro 05/09/2006: Como “quem eu sou” se relaciona com “onde estou”?

O encontro do dia 05/09/2008 teve dois momentos. Pela manhã fui à escola conversar com a professora sobre o desenvolvimento do trabalho com as crianças e à tarde retornei, juntamente com Moniele, para nos encontrarmos com as crianças. A professora Patrícia, de manhã, estava na biblioteca nos aguardando e lá tivemos oportunidade de dialogar sobre suas expectativas em relação ao grupo tendo como base o primeiro encontro com as crianças na semana anterior. Não utilizei gravador porque quis que o diálogo fosse bastante informal. Ela me disse que a convivência no grupo estava contribuindo para que as crianças expressassem melhor suas idéias, seus pensamentos e achou muito importante o uso de brincadeiras que enfatizassem o toque corporal sem agressividade, a afetividade entre as crianças. Segundo ela, até a formação de duplas entre meninos e meninas se tornou

mais fácil porque no grupo eles estavam aprendendo a conviver com todos. Ela parecia estar preocupada em melhorar a relação entre seus alunos.

À tarde, nos encontramos com as crianças na sala de aula do 1º ano. As carteiras já estavam organizadas de forma a deixar espaço para sentarmos em círculo. Isa, logo no início do encontro, pareceu ficar contrariada quando descobriu que não brincaríamos com a música “Bambu”.

Keila – Olha, Isa, é assim....eu trouxe a música do Bambu mas eu também trouxe outras músicas....

Isa – Mas eu quero a do Bambu!

Keila – A gente aprende coisas novas hoje e no final a gente até pode cantar a do Bambu!

Isa – Não! Quero o Bambu! Quero o Bambu!

Não insisti com Isa. Ela saiu da roda, sentou em sua carteira em sinal de contrariedade. Deixei sua participação livre e continuei dialogando com as outras crianças. Em diálogos anteriores com a professora, ela já havia comentado sobre as dificuldades em fazer Isa participar de atividades da sala de aula quando ela não queria. Diante disso, resolvi deixar a participação da aluna livre, pois em encontros anteriores observei que, ainda que contrariada, aos poucos ela se animava, “esquecendo” que “não ia participar” e entrava na roda com as demais crianças. Isa apresentou a atitude de não participação em muitos encontros, sempre quando era contrariada. Porém, no decorrer da descrição da dinâmica dos encontros poderemos ver como ela foi se desenvolvendo em termos de participação e interação com o grupo.

Deixando Isa refletir sobre sua participação ou não, propus então a escuta de uma música: “A pulguinha” (CD Canções de Brincar, Selo Palavra Cantada/Ver anexo 5). As crianças ouviram a música.

Keila – Gostaram?

Alunos – Gostamos! Põe de novo! Põe de novo!

Keila – Vocês perceberam que ela começa mais devagar? Depois ela fica mais rápida!

A partir da música “A pulguinha” propus uma brincadeira de movimento (Ver Quadro III) a partir da qual as crianças pudessem perceber a diferença de andamento na música.

Keila – Nós vamos imitar a música! Quando ela estiver mais devagar a gente se movimento mais devagar e quando ela estiver mais rápida a

gente se movimenta mais rápido! E vamos combinar uma coisa: quando a música terminar todo mundo vira estátua!
Cris – Mas eu não consigo ficar parada!
Keila – Ah! Consegue, sim!

ENCONTROS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
Encontro - 05/09/2006	Atividade com a música “A pulguinha”: ouvindo a música o grupo pôde explorar o ambiente da sala de aula e os diferentes andamentos da música, que alternava entre o vagaroso e o rápido.	- Explorar o ambiente da sala de aula sob uma nova perspectiva, a do movimento; - Reconhecer e diferenciar, através do corpo, a variação de andamentos da música (variação entre o rápido e o devagar); - Brincar com a música;

Quadro III – Atividade com a música “Puguinha”, desenvolvida em 05/09/2006.

As crianças parecem ter gostado muito da brincadeira. Isa permaneceu fora da brincadeira. No entanto, os(as) colegas cobraram sua participação. Formamos uma roda, sentados no chão, quando Wander nos contou que era seu aniversário.

Wander – Tia, eu estou fazendo aniversário...
Davi – Coloca a música de parabéns!
Keila – Não, vou colocar uma música especial! Tem uma música de parabéns especial aqui, Wander! Espera aí! Olha que legal essa música!

Coloquei a música para todos ouvirem (Ver anexo 5). As crianças parecem ter apreciado a música e Wander permaneceu na roda escondendo o rosto entre as pernas. Todos(as) começaram a cantar a música.

Keila – Gostaram?
Alunos(as)- Gostamos!
Keila – Parabéns, Wander!

Ainda na roda retomamos nosso diálogo sobre a rua e o bairro onde moramos. As crianças se empolgaram e todas queriam participar discutindo quem iria falar primeiro. Eu e Moniele achamos interessante anotar os nomes das crianças que gostariam de falar na lousa. Como as crianças continuavam agitadas, ouvimos a música “Oras bolas” novamente para então dialogarmos sobre nossos diferentes contextos. Isa, que desde o início do encontro estava fora da roda, parecia distante. No entanto, quando comecei a perguntar sobre a letra da música, ela foi a primeira a participar.

Keila – O menino tem uma bola...
Isa – No pé!

Ao mesmo tempo em que parecia querer participar, Isa incentivava as outras crianças a não se sentarem na roda. Sentada em sua carteira ela falava alto e a professora pedia que ela parasse. Com sua recusa, a professora pediu que ela a acompanhasse para fora da sala de aula, voltando algum tempo depois. Ainda naquele encontro, Isa foi chamada pela vice-diretora e, saindo, voltou apenas no final do encontro.

As crianças começaram a falar sobre o que pesquisaram durante a semana: a rua e o bairro onde moravam. Cada criança falava sobre o que mais chamava a atenção sobre o lugar onde morava. E foi interessante notar que a referência mais utilizada por elas foi a cor do portão de casa.

Leandro – Eu moro lá em cima....minha casa é azul...

Cris – Mas como chama?

Leandro – Tem uma rua que....sobe a rua e é minha casa! É no bequinho que eu moro! Eu não sei o bairro...

Keila – Não tem problema, Leandro!

(...)

Teo – Eu moro ali embaixo....Jardim São Carlos....

Keila – A cidade é São Carlos, o bairro também é São Carlos?

Profª. Patrícia – É Jardim Gonzaga, o dele!

Théo – É Cruzeiro do Sul!

Maria – Eu moro perto da casa do Théo! É do lado, assim!

(...)

Davi – Eu moro...não tem um portão preto? Aí tem um cachorro....no Jardim Gonzaga.... a minha avó mora perto da minha casa, embaixo....

Cláudio – Eu moro num portão amarelo no Jardim Gonzaga esó!

Kalvin – Eu moro perto do Cláudio!

Cláudio – Mas ele mora na descida....

(....)

Keila – Pode falar, João!

João – Não quero...

Cláudio – Ele mora na descida, aí tem um portão branco, tem um carro que é do pai dele e tem o irmão dele....

Danilo – Eu moro num portão verde e o nome do bairro é Jardim Gonzaga!

Cris – O meu é cinza!

Pedro – Eu tenho duas casas!

Cris – É a do pai dele e da mãe dele!

Pedro – Uma é na rua Ceará e outra na Pernambuco....tem vezes que eu fico com meu pai e de noite com a minha mãe....e também eu moro na minha mãe....e também tem um irmão....

Algumas crianças não quiseram falar, participaram apenas ouvindo as demais, como por exemplo, Bruna, Bárbara e Calvin. Sugerir, então, que representássemos

o lugar onde morávamos num desenho. Assim, mesmo as crianças que não queriam participar através da fala, poderiam se expressar através do desenho. As crianças ficaram empolgadas com a proposta. Enquanto as crianças faziam o desenho ao som de uma música suave, eu e Moniele conversávamos com a professora e decidimos redirecionar algumas coisas. Escrever os nomes das crianças que queriam participar na lousa não pareceu tão interessante quando pensáramos inicialmente. Elas parecem ter ficado mais ansiosas. Diante disso, combinamos que no próximo encontro as crianças simplesmente teriam que levantar a mão quando quisessem falar e as crianças que não participavam tanto teriam prioridade quando manifestassem desejo de fazê-lo.

3.3 Encontro 12/09/2006: Como vejo minha família?

No dia 12/09/2006 eu e Moniele chegamos à escola ainda durante o recreio das crianças e as acompanhamos até à sala de aula. Estava muito calor e as crianças estavam se queixando. Enquanto as crianças organizavam as carteiras, Isa chegou até mim e pediu a música do Bambu, tal como já havia feito em encontros anteriores.

Isa – É a do Bambu?

Keila- Não....

Isa – Ah! Então eu não quero se não é a do Bambu!

Novamente ela ficou fora da roda e novamente eu não insisti para que ela participasse, apenas a convidava em cada atividade que desenvolvíamos. Começamos com a música “Boa tarde”, que as crianças já conheciam.

Keila – Lembra aquela música que a gente cantou, “Boa tarde”? Ela tem um ritmo gostoso, né?

Alunos(as) – É!

Keila – Como era a regrinha mesmo?

Alunos(as) – Não vale empurrar....não vale trombar....

Keila – Pode brincar, explorar o espaço....quando a música acabar a gente vai ficando em “câmera lenta”....

Cris – A gente pode virar estátua!

Keila – Quando a música terminar a gente vira estátua e vai em “câmera lenta” até o lugar da gente na roda, combinado?

As crianças pareceram apreciar bastante a brincadeira e a música e a sugestão de Cris foi muito boa. Já com a roda formada, as crianças continuaram cantando a música “Boa tarde”.

Keila – Vocês gostam dessa, né?
Cris – Gostamos!
Keila - Por que vocês gostam?
Cris – Porque ela é legal!
Keila – O que é que é legal?
Cris – Assim....ela é mais rápida!
Professora^a Patrícia – É que eles sabem....a letra é curtinha!

Aproveitei o momento da roda, com todos concentrados, para propor que compartilhássemos músicas entre os(as) participantes do grupo.

Keila – Quando eu vim aqui e falei com a professora Patrícia que eu queria conhecer vocês, que eu queria fazer um trabalho musical com vocês, na verdade eu queria compartilhar com vocês!
Cris – O que é isso?
Keila – Compartilhar é a gente dividir.....assim....a gente poder mostrar um para o outro o que gosta de cantar, o que gosta de ouvir....o que aprendeu a cantar com a família....é assim...em vez de só nós trazermos músicas para vocês, só eu e a Moniele mostrarmos o que gostamos, o que eu conheço, vocês também podem trazer o que vocês gostam!
Professora Patrícia – Por exemplo, lembra uma vez que a Elisa trouxe a música “Sai, piaba”?
Alunos(as) – Lembro!
Professora Patrícia – Quem ensinou a música para nós?
Alunos(as) – A Elisa!
Professora Patrícia – É uma música que ela aprendeu lá no projeto, que ela gostou muito e ela ensinou para nós, não foi? Então! É isso que a Keila está falando!

Após esse diálogo, expliquei que, naquele encontro, Moniele iria compartilhar uma música, que ela apreciava, conosco.

Moniele – Bom, a música que eu escolhi, ela é do folclore....ela é muito antiga! Ela chama “Passa, passa gavião”. Ela é lá da região do Rio de Janeiro....vocês sabem onde fica o Rio de Janeiro?na TV, onde eles fazem as novelas.....então, é daquela região! Vocês sabem o que é um gavião?

As crianças começaram a falar todas ao mesmo tempo sobre o que achavam que era um gavião e elas mesmas perceberam que daquela maneira não estavam conseguindo se comunicar. Foi Isa quem interrompeu o grupo pedindo silêncio. A atitude de Isa mostrou seu interesse em ouvir, em fazer parte da proposta de Moniele.

Isa – Deixa a Moniele falar!

Moniele propôs então uma brincadeira com a música “Passa, passa gavião” (ver Quadro IV). Ela tocou a música numa flauta contralto, trazida por ela, enquanto eu a

cantei para apresentar, às crianças que ainda não conheciam, a letra da música. Elas ficaram em silêncio ouvindo o instrumento e pareciam apreciar sua sonoridade.

ENCONTROS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
Encontro 7– 12/09/2006	Atividade com a música “Passa, passa gavião”, do folclore brasileiro, fizemos uma brincadeira de movimento e mímica imitando diferentes profissões. Os(as) participantes, em fila, passavam por baixo da “ponte” (formada pela professora Patrícia e por mim) e quando eram parados(as) tinham que escolher e imitar uma profissão.	- Explorar o ambiente da sala de aula sob uma nova perspectiva, a do movimento; - Expressar-se através do corpo e da voz; - Expressar preferências através das escolhas das profissões a serem imitadas na brincadeira com a música “Passa-passa gavião”;

Quadro IV – Atividade com a música “Passa, passa gavião”, desenvolvida em 12/09/2006.

As crianças participaram da brincadeira proposta, escolhendo as profissões que iriam imitar.

Keila – Que profissão vocês gostaria de imitar?

João – Polícia....

Keila – Nós vamos imitar os gestos das profissões....vamos pensar, o que a polícia faz?

Danilo – Ela prende!

Cris – Protege....

(...)

Júlia – Cabeleireira....

Mirella – Cozinheira....

Téo – Pintor...

Kalvin – Motorista...

As crianças foram escolhendo diferentes profissões para serem imitadas. Imitamos o soldado, o pedreiro, a médica, a professora, pintora de parede, aviador, bibliotecário²⁶. Foram interessantes as colocações de Danilo e Cris: enquanto Danilo via o policial prendendo, Cris via o policial protegendo, o que nos remete à questão de que é visão de mundo é algo que cada um constrói de acordo com a vivência, com o contexto em que está em contato. Como afirma Silva (1987), o ser humano está em trânsito e enquanto se desloca no mundo, para fora e para dentro de si, avança sempre, distribui e recebe significados.

Com o término da brincadeira as crianças se dispersaram. Propus então que ouvíssemos uma música que falava sobre formar uma roda (Ver Quadro V).

²⁶ O gênero aponta se a profissão foi escolhida por um menino ou uma menina.

ENCONTROS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
Encontro - 12/09/2006	Atividade com a música “A Roda” (do CD Pirralhada Thelma Chan): A música propunha movimentos de roda que fomos imitando conforme íamos cantando.	<ul style="list-style-type: none"> - Explorar o ambiente da sala de aula sob uma nova perspectiva, a do movimento; - Expressar-se através do corpo e da voz; - Organizar o grupo através da música e do movimento;

Quadro V – Atividade com a música “A Roda”, desenvolvida em 12/09/2006

Com essa pequena música organizamos nossa roda novamente e, sentados no chão, ouvimos a música “Toda Família” (CD “Toda Família”/ Ver anexo 8). Com essa música, a intenção era estimular o diálogo sobre as diferenças de costumes de cada indivíduo enquanto membros de famílias diferentes. Já havíamos falado sobre o lugar onde morávamos e, naquele momento, tivemos oportunidade de falar sobre nossa identidade e como essa ela se relaciona com quem veio antes de nós ou virá depois de nós – justamente o que dizia a música.

Keila -quem não é mais só filho é porque também já é pai...então ele está mostrando como é que é a família....antes da gente todo mundo tem alguém....a gente nem sempre tem essas pessoas presentes....a gente sempre vai ter alguém que foi nosso pai, nossa mãe, nosso avô, avó, ainda que essas pessoas não estejam morando na mesma casa que a gente....cada um tem uma história diferente....uma família diferente...

Cris – Eu não conheci meu pai quando eu era pequena....

Nádia – Eu tenho uma avó...

Leandro – Eu tenho um tio...

Resgatando o que menciona Gomes (2006), é o meio social e cultural em que vivemos que nos dá as bases para nossa inserção no mundo, é o lugar onde aprendemos as tradições, costumes, os valores que, na maioria das vezes, se chocam com aqueles privilegiados pela cultura escolar. É no meio social que iniciamos nosso complexo processo de construção de identidades. A escola é somente um dos espaços em que as identidades são construídas, mas não é o único e, talvez, nem seja o mais importante. Nossos alunos e alunas, na visão do autor, circulam por muitos e diferentes espaços sociais, vivem trajetórias duras e muitas vezes desumanizadoras, as quais são totalmente desconhecidas pela escola e seus educadores. Conhecer, respeitar e lidar ética e pedagogicamente com essas diferentes experiências socioculturais pode ser um dos passos para a construção de uma pedagogia da diversidade (Cf. Gomes, 2006: p.34). Nesse sentido a atividade em torno da música “Toda família” propunha uma reflexão sobre identidade, partindo da troca de

experiências entre os(as) participantes do grupo. Vale ressaltar o que Silva (1987) diz a esse respeito. A autora afirma que a fala remete a um mundo cultural e cada fluxo de fala vem carregado de uma história pessoal e coletiva ao qual é atribuído um sentido e que não necessariamente o mesmo sentido conferido por quem o recebe. Sobre identidade, afirma que identidade é a consciência que uma pessoa tem de si própria, da sua classe, do seu grupo social, consciência que se elabora na experiência do dia-a-dia com aqueles com quem se convive: “a identidade, pois, se explicita nas relações que se dão na família, na comunidade, na escola, no mundo do trabalho” (Silva, 1987: p.73).

Justamente quando nosso diálogo sobre família estava ficando interessante, o gravador que eu utilizava para registrar os diálogos esgotou a memória e não pude registrar muitos dos depoimentos das crianças. Foi um episódio frustrante para mim. Conversando, ao final do encontro, com Moniele e a professora Patrícia, e também, posteriormente, nos comunicando por e-mail, ficou decidido que seria interessante retomar nosso diálogo sobre família até porque algumas crianças não tiveram oportunidade de participar em virtude do tempo esgotado.

14/09/2006

Olá meninas...

Bom pensando no que se perdeu e foi muita coisa, acho que você tem razão em querer fazer o diálogo novamente. Imagino que esse desabafo, que ter alguém para ouvi-las sem criticá-las, pode ser um ótimo caminho para elas se sentirem mais seguras e conseguirem se desenvolver melhor, pois não precisam mais esconder seus medos e angústias. Quando digo isso estou pensando na parte de aprendizagem deles, além de, conseqüentemente, a relação social, entendem?

Patrícia

3.4 Encontro 19/09/2006: Como vejo minha família? (Parte II)

No encontro do dia 19/09/2006 retomamos o assunto, interrompido na semana anterior, depois de realizarmos outras atividades de música e movimento. Isa, logo que chegamos, novamente disse que não iria participar de nada porque não era a música do Bambu. Moniele havia levado seu violino e isso chamou muita atenção das crianças. Aproveitei a curiosidade das crianças para estimular a participação de Isa.

Keila – Esse instrumento....sabe como chama? Violino! Você não vai querer escutar?

Isa fez sinal negativamente com a cabeça. As crianças foram organizando a sala enquanto conversava com Isa convidando-a a participar das brincadeiras. Ela se recusou a participar da roda, gritando e não sentando com o grupo.

Keila – Isa, escuta....cada vez que a música for interrompida nós vamos virar estátuas! Combinado?

Alunos(as) – Combinado!

Coloquei a música e aos poucos as crianças foram silenciando para ouvi-la. A música já era conhecida das crianças: “Boa tarde”. A novidade estava em se tornar uma estátua quando a música terminasse. Quando ela voltasse a tocar novamente, todos deveriam sair dançando novamente. Brincar de estátua, além de estimular a atenção para o momento que deveríamos parar os movimentos e sons, também foi uma maneira de vivenciarmos a diferença entre som e silêncio.

Após essa atividade, Moniele apresentou às crianças seu violino.

Moniele – Vocês já tinham visto um violino?

Algumas crianças disseram que sim, outras que não.

Moniele – O violino, olha....tem esse pauzinho que se chama arco....

Cris – Arco?

Moniele – É....esses cabelinhos aqui são de crina de cavalo! Tem que ter o arco porque senão fica assim!

Moniele percutiu as cordas do violino sem o arco para mostrar às crianças como o som ficava diferente.

Moniele – Com esse arco a gente vai raspar as cordas....com a mão esquerda a gente vai apertar as cordas....em cada lugar que você aperta saem sons diferentes....ou mais grave ou mais agudo!

Ilustrando o que havia falado, Moniele toca a música Ciranda, cirandinha para as crianças.

Cris – A Moniele sabe mesmo!

Moniele mostra a diferença entre o som sem e com vibrato.

Cris – Ah! Fica mais bonito com vibrato! É lindo!

Keila – Vamos tentar cantar junto com a Moniele? É uma música que a gente já conhece! Vamos lá?

Moniele dá o tom da música e Cláudio faz o mesmo tom do violino com a voz.

Keila – É esse tom mesmo, Cláudio! Vamos lá!

Juntos, então, fizemos uma brincadeira de roda (ver Quadro VI) com a música Ciranda, cirandinha (ver Anexo 9), ao som do violino de Moniele.

ENCONTROS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
Encontro– 19/09/2006	Brincadeira de roda com a música “Ciranda, cirandinha”, do folclore brasileiro. Formamos uma roda com todas as crianças e conforme íamos cantando, cada um entrava na roda e, no lugar de dizer um “verso bem bonito”, dizia seu nome e fazia uma pose;	- Interagir com o colega; - Expressar-se através do corpo e da voz; - Brincar com a música, explorando o ambiente da sala de aula;

Quadro VI – Atividade com a música Ciranda, cirandinha, desenvolvida em 19/09/2006

Todos participaram da roda. A primeira a participar no centro da roda foi a professora Patrícia. Em seguida as crianças também participaram e assim procedemos até que todos que desejassem tivessem a oportunidade de estar no centro da roda. Nesse encontro também retomamos nossa conversa sobre família, interrompida no encontro anterior.

Keila – Sabe aquela música que a gente cantou na semana passada, de toda a família?o Wander não ouviu, nem a Elisa....eu vou colocá-la de novo hoje.....vamos tentar acompanhar o andamento da música? A gente vai poder usar o espaço da nossa sala, sempre lembrando de respeitar o colega, de não trombar com o outro....

Isa – Sem empurrar!

Keila – Isso, sem empurrar! Vamos ouvir a música....se ela estiver mais rápida temos que nos movimentar mas rápido, tá bom? Vamos tentar?

Todos nós saímos nos movimentando pela sala utilizando todos os espaços disponíveis. Quando a música terminou as crianças queriam falar todas ao mesmo tempo. Algumas começaram a discutir sobre qual música iriam ouvir em seguida e houve divergência nas escolhas. Resolvemos então sentar e conversar um pouquinho antes de outra atividade de movimento ou audição.

Keila – Lembram, na semana passada, que a gente começou a conversar sobre família....

Pedro – Eu lembro!

Keila – Então....algumas crianças queriam falar mas não tiveram tempo....

Aproveitamos também para falar dos nossos desenhos, feitos ao final do encontro passado. Algumas crianças comentam seus desenhos.

Keila -com quem você mora?

Júlia – Com meu pai e minha mãe...

Keila – Você tem irmãos?

Júlia – Um irmã...mais velha...

Keila – Você tem avô e avó? Eles moram perto de você?

Júlia – Um mora perto e outro longe...lá em Minas Gerais....eu visito ele...minha avó, eu não conheci ela...

(...)

*Glaís – Moro nas casinhas...
Keila – Fica perto da escola? Como você vem para a escola?
Glaís – À pé, com a cunhada da minha mãe.....ela fica cuidando de mim....mas quem busca é minha mãe!
Keila – Você tem avô e avó?
Glaís – Tenho! Sabe o pai do meu pai?o pai dele é meu avô!*

Quando um dos alunos, Calvin, estava comentando sobre seu desenho, uma abelha o picou e ele precisou sair com a professora da sala de aula. Naquele momento Isa resolveu dar uma cambalhota, bateu a cabeça e culpou Danilo.

*Keila – Isa, mas eu não vi o Danilo fazer nada!
Isa – Esse moleque fedorento aí!
Cris – Isa! É muito feio falar isso, sabia?*

O clima entre as crianças ficou muito tenso tanto por causa da briga entre Isa e Danilo quanto por causa da abelha que picou Calvin e, para amenizar, propus que cantássemos a música “A roda” e assim formarmos nossa roda novamente. Quando já estávamos novamente na roda, Calvin já de volta à sala, iniciei a conversa sobre os desenhos falando um pouquinho sobre mim, sobre onde eu morava.

*Cris – Tem árvore dentro da sua casa?
Keila – Eu tenho um pinheirinho....eu gosto tanto dele....E tem essa florzinhas aqui que meu marido plantou! Ele gosta dessa flor e é ele quem cuida das flores para mim porque eu sempre esqueço delas....eu esqueço de colocar água nas plantinhas....então ele me ajuda e coloca água nas plantas!
Cris – Como é o nome dele?
Keila – Marcelo....eu moro perto de um lugar onde passa muita, muita, muita gente! Alguém adivinha?
Leandro – É no Brasil!
Keila – É perto de um lugar que leva pessoas de uma cidade para outra!
Isa – Rodoviária!
Keila – É isso aí! A Isa adivinhou! A Rodoviária!
Danilo – A sua casa é verde?
Keila – É verde! Sabe essa plantinha aqui? A gente tem um carinho especial por ela porque foi a avó do Marcelo que plantou! A mãe do Marcelo cuidou dessa plantinha bastante tempo e depois deu essa plantinha para a gente! E agora quem cuida dessa plantinha somos nós! Ela chama renda portuguesa!....eu não tenho avó, nem avô, mas o Marcelo, meu marido, tem os avós dele ainda! Então isso quer dizer que meus filhos têm bisavós!
Cris – Mas os avós dele são seus também!
Keila – É, eu considero mesmo, Cris! Eu considero eles como meus avós também, eu gosto muito deles!
Isa – Eu quero falar!....Eu tenho duas irmãs....a Lara e a Júlia!
Keila – Você mora com quem, Isa?*

*Isa – Com meu pai, com minha irmã...e o tio foi para o céu!
Morreu...num caixão....Eu fui lá ver ele o caixão e ele foi para o céu...
Nádia – Isso é errado! É a alma dele!*

Foi interessante a troca de experiências de vida com as crianças. Através do diálogo conhecemos mais uns sobre os outros e também foi possível observar a diversidade de opiniões entre eles. O melhor exemplo está na colocação de Nádia de que o que Isa estava dizendo sobre o tio ter morrido e ido para o céu estava errado, que só a alma dele havia ido para o céu.

*Keila – Você tem mais tios?
Isa – Tem um monte!
Keila – E você tem avós?
Isa – Tem a avó Teresa! Mora pertinho da minha casa!
Nádia – Eu tenho dois tios....eu tenho um monte de primo....sabe, minha mãe nasceu lá na Bahia!
(...)
Keila – Com que você mora, Wander?
Wander – com meu pai, minha mãe...
Keila – Você tem irmãos?
Wander – Tenho...
Keila – Você tem avós?
Wander – Tenho....eles moram comigo! Pai da minha mãe....
Cris – Você viu a minha casa?
Keila – Número 455?
Cris – Isso!
Keila – Legal! Quem é essa bonequinha aqui, você?
Cris – Eu!
Keila - Com quem você mora?
Cris – Com a minha avó, meu avô e com a minha tia!*

A conversa com as crianças foi tão empolgante que a hora do café chegou e nós até passamos alguns minutos. O encontro foi interessante porque contou com bastante participação das crianças em geral e, principalmente, porque Isa passou a interagir mais com o grupo, assim como Wander.

3.5 Encontro 26/09/2006: Minhas escolhas podem ser diferentes das suas?

O encontro do dia 26/09/2006 iniciou com as crianças em volta do gravador registrando suas vozes. As crianças então organizaram as carteiras, como de costume, e eu propus uma brincadeira com a música “A serpente” (CD Musicarada, Orquestra Experimental da UFSCar/ Ver anexo 10).

As crianças gostaram da idéia e assim fizemos a brincadeira (ver Quadro VII).

Keila – A música fala de uma serpente que desceu do morro para procurar um pedaço do seu rabo...

As crianças dão risada da história da serpente.

Keila – E aí, todo mundo vai fazer parte do rabo da serpente! Aí vocês têm que continuar comigo! E a gente vai cantando pela sala! Não pode desgrudar! Quem ainda não faz parte do rabão tem que ficar no lugar porque vai fazer parte também logo, logo!

ENCONTROS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
Encontro- 26/09/2006	Atividade de movimento com a música “A Serpente”. Com a música, formamos uma grande “serpente” da qual todas as crianças, uma a uma, fizeram parte. Com a “serpente” percorríamos todos os cantinhos da sala de aula.	- Brincar com a música, explorando o ambiente da sala de aula; - Expressar-se através do corpo e da voz;

Quadro VII – Atividade com a música “A serpente”, desenvolvida em 26/09/2006

As crianças se prepararam para a brincadeira e ficaram ansiosas para participar. O entusiasmo pôde ser visto no rosto de cada criança (ver Figura 1).

Nádia – Eu primeiro!

Pedro – Eu primeiro!

Keila – Todo mundo vai participar! Não se preocupem, ta bom?



Figura 1– grupo participando da brincadeira com a música “A serpente”

Brincar com música parece ter sido algo apreciado pelas crianças além de ter sido uma maneira de estimular a interação entre elas. Sobre esse aspecto, Bernardes (2005) destaca que, brincando e jogando, a criança estabelece vínculos sociais, se ajusta ao grupo e aceita a participação de outras crianças com os mesmos direitos. Obedece às regras traçadas pelo grupo, propõe modificações, aprende a ganhar e aprende a perder. Além disso, observando a participação das crianças nas brincadeiras, era possível perceber a satisfação delas quando solicitadas a participar, como por exemplo, na brincadeira da Serpente; da Ciranda, Cirandinha; do Bambu. Cada tinha seu momento perante o grupo.

Após a brincadeira, voltei a conversar com as crianças sobre a participação delas no sentido de também trazerem músicas que apreciavam para compartilhar com o grupo.

Danilo – Eu sei uma!

Keila – Você quer compartilhar com a gente?

Danilo – Só que é um hino!

Keila – Sem problema! Você quer compartilhar com a gente na próxima semana?

Danilo aceitou a proposta, sendo o primeiro aluno a compartilhar músicas com o grupo. No mesmo encontro demos oportunidade das crianças comentarem sobre os desenhos que elas fizeram sobre o lugar onde moravam (Ver anexo 24). Aos poucos, os alunos que ainda não haviam participado foram se manifestando, inclusive a professora Patrícia.

Professora Patrícia -a minha casa é uma casa grande e o portão da minha casa é cinza....só que ela ainda não foi pintada porque a gente ainda não conseguiu pintar....então tem que pintar! Lá na minha casa eu tenho três cachorrinhas!

Cris – Que bonitinhas!

Leandro – Tem pitbul?

Professora Patrícia – Não....lá eu moro com a minha mãe e o meu irmão que é casado....então é meu irmão, a esposa dele e o meu sobrinho!

Isa – E o seu pai?

Professora Patrícia – O meu pai, ele já faleceu...eu era pequenininha....

Cris – Igual ao meu...eu era pequenininha....

Professora Patrícia – Atrás da minha casa tem uma outra casa, um pouquinho menor, que mora meu avô.....meu avô já é bem velhinho, ele tem noventa anos mas é bem forte!

Assim como a professora Patrícia, tivemos oportunidade de ouvir o depoimento de Moniele. Ela mostrou o desenho que representava sua casa.

Moniele – Olha, essa é a minha casa....ela é toda amarela por fora e tem um portão cinza....eu não moro aqui em São Carlos, eu moro em Itápolis! Itápolis fica um pouco mais longe que Araraquara....eu venho da minha cidade na segunda-feira, para cá, e vou embora na sexta porque eu estudo aqui! De segunda a sexta eu moro lá na UFSCar, que é lá no alojamento para alunos!

Danilo – Nossa!

Pedro – É longe?

Moniele – Não! Eu moro dentro da Universidade...eu também tenho um avô, como a professora Patrícia...ele vai na roça apanhar laranja! E ele também gosta muito de forró! Mas ele vai sozinho porque a minha avó não gosta....

Cris – Que avó, hein Moniele?

Foi interessante notar o interesse das crianças pelos depoimentos da professora Patrícia e Moniele. Naquele momento elas não conversaram entre si, não se dispersaram. Parece haver sido um incentivo, inclusive, para a participação de crianças que não participavam muito dos diálogos.

Bruna – Eu moro com meu pai, minha mãe e com minhas irmãs...

Keila – Quantas irmãs você tem?

Bruna – Cinco....

Keila – Tem bastante gente para brincar!

(...)

Laura – Eu moro com a minha mãe, com as minhas irmãs....

(...)

Mirella – Eu tenho uma prima.....

Keila – Você tem avós?

Mirella faz sinal afirmativo.

Keila – O que você mais gosta de fazer com sua avó?

Mirella não responde.

Cris – Dar um abraço, um beijo!

(...)

Isa – Eu tenho um tio que é bem grandão!

(...)

João – Eu moro com meu pai, com minha mãe....e quatro irmãs...

Keila – Quatro irmãs?

João – Não....uma menina e três meninos....

Keila – E você tem avós?

João – Eu tenho avó...ela mora no predinho....

Keila – O que você mais gosta de fazer quando vai na casa dela?

João – Brincar!

(...)

Maria – Eu moro com minha mãe, meu pai e com minha irmã!

Keila – Você tem avós?

Maria – Só avó!

Keila – *Quando você a visita, o que você mais gosta de fazer?*
 Maria – *Comida!*
 Keila – *Comida? Ela cozinha bem? Qual a comida que ela faz que você mais gosta?*
 Maria – *Arroz, feijão e carne!*
 Keila – *Hum! Deve ficar gostoso mesmo!*
 Maria *mostra seu desenho e no mesmo ela representa sua casa e a da avó.*
 Keila – *E as flores, quem planta as flores?*
 Maria – *Minha avó!*
 (...)

 Leandro – *Eu tenho um irmão, uma irmã....a minha mãe e o meu pai são separados...meu pai mora numa casa no Aracy...*
 Keila – *Ele visita você?*
 Leandro – *De vez em quando ele vai me buscar....*
 Keila – *O que você mais gosta de fazer quando ele vai buscar você?*
 Leandro – *Eu gosto de ir na casa do meu pai jogar bola....*

A participação das crianças foi aumentando no decorrer dos encontros. Crianças que se recusavam a interagir no grupo passaram a ouvir mais os colegas e também se colocar no grupo. Mirella e João, por exemplo, não costumavam se expressar com palavras perante o grupo, o que foi se modificando no decorrer do processo.

No início do encontro havia prometido uma surpresa para as crianças e, após compartilharmos experiências sobre nossas famílias, contei qual era a surpresa.

Keila – *Sabe qual é a surpresa? É uma história! Ela conta de um camaleão...vocês sabem o que é um camaleão?*
 Alunos(as) – *Não!*
 Keila – *O camaleão é um bichinho que, para se proteger, ele pode mudar de cor de acordo com o ambiente em que ele está! O camaleão, quando ele está, por exemplo, no meio....*
 Cláudio – *Do mato!*
 Keila - *....do mato, verdinho, ele vai ficar esverdeado para ninguém perceber ele ali! Essa é a defesa dele para não ser atacado por outros animais!*
 Pedro – *Ele solta cor?*
 Keila – *Não, ele muda de cor!*
 Pedro – *Por quê?*
 Keila – *Porque essa é a defesa dele....porque ele fica camuflado quando ele muda de cor! Por exemplo, é como se eu chegasse aqui na lousa e...*
 Pedro - *...ficasse verde!*
 Keila – *....se eu deitasse no chão e ficasse cinza....*
 Pedro – *Ah! Ficasse invisível?*
 Keila – *Mais ou menos....não fica invisível, mas fica disfarçado!*

Coloquei então a estória do Camaleão, contada por Ruth Rocha, no CD “Mil Pássaros” (Ver anexo 11). A pequena estória conta de um camaleão que saiu de casa, pela

manhã, com sua cor preferida, o rosa, mas no caminho foi encontrando outros animais com opiniões diferentes sobre sua cor preferida e ele foi acatando todas as sugestões, mudando de cor seguidamente até que chegou à sua casa, no final do dia, exausto por mudar de cor tantas vezes. Ele então tomou a decisão de que ele precisava se sentir confortável com a cor que ele escolhia e que, mesmo mudando de cor a todo momento, nunca iria agradar a todos. O camaleão chegou à conclusão de que “quem não agrada a si mesmo não pode agradar a ninguém”. A estória, seguida de uma canção, pareceu agradar às crianças. Cris e Pedro, por exemplo, pediram que a colocasse novamente. No entanto, nosso horário estava avançado e não pude atender às crianças. Propus então que pensássemos na história do Camaleão e de como ele mudava de opinião mesmo sem estar feliz com isso pois na próxima semana iríamos retomar a pequena estória.

3.6 Encontro 03/10/2006: Minhas escolhas podem ser diferentes das suas? (Parte II)

No encontro do dia 03/10/2006, fui à escola sozinha porque Moniele teve um compromisso na UFSCar e não pôde participar. Nesse dia Isa parecia mais entusiasmada para participar pedindo, inclusive, que os colegas fizessem silêncio.

Isa – Ô gente, a Keila quer falar!

Expliquei então o motivo de Moniele não estar presente e propus uma atividade de movimento com duas músicas contrastantes: uma suave com sons mais agudos e outra forte, com sons mais graves²⁷ (Ver Quadro VIII e Anexo 12).

ENCONTROS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
Encontro 03/10/2006	Atividade de movimento com as músicas “O elefante” e “Carneirinho, carneirão” (CD Musicarada – Orquestra Experimental UFSCar). Com a música “O elefante” o grupo fez movimentos de andar pesado e com a música do “Carneirinho, carneirão” o grupo fez movimentos leves, em ambos os casos explorando o ambiente da sala de aula.	<ul style="list-style-type: none"> - Brincar com a música, explorando o ambiente da sala de aula; - Reconhecer e diferenciar, através do corpo, a variação de intensidade (forte e suave) e altura (agudo e grave) da música;

Quadro VIII – Atividade com as músicas “O elefante” e “Carneirinho, carneirão”, desenvolvida em 03/10/2006

²⁷ Respectivamente “Carneirinho, carneirão” e “O elefante”, ambas do CD Musicarada, da Orquestra Experimental da UFSCar.

Keila – Eu vou colocar uma música que se chama “O elefante” e a gente vai fazer de conta que a gente é como um elefante! Como é o elefante? É leve ou pesado?

Alunos(as) – Pesado!

Keila – Grande ou pequeno?

Alunos(as) – Grande!

Keila – A gente vai imitar o elefante! Então quais são as regras da brincadeira? Não vale empurrar! Para a gente imitar a gente tem que ouvir! Nós vamos ter que andar, conforme a música for tocando, imitando o andar do elefante....ele é devagar e pesado!

As crianças seguiram acompanhando a música, explorando o ambiente da sala de aula e, ao imitarem o elefante, colocavam um dos braços à frente do nariz para representar a tromba do animal. A segunda parte da brincadeira foi com a música “Carneirinho, carneirão”, do folclore brasileiro. As crianças parecem ter apreciado também a possibilidade de movimentos mais leves como os do carneirinho.

Keila – O carneirinho é grande ou pequeno?

Alunos(as) – Pequeno!

Keila – Leve ou pesado?

Alunos(as) – Leve!

Keila – Nós não imaginamos a pata pesada do elefante? Agora a gente vai imaginar a lã fofinha do carneirinho! Nós vamos imitar a leveza do carneirinho e imitar o que diz a letra da música!

As crianças brincaram com a leveza da melodia e as possibilidades de movimento sugeridas na música (Ver anexo 12): sentar no chão, levantar, ajoelhar, levantar novamente, deitar, levantar novamente.

Após a atividade de movimento, as crianças pediram para ouvir uma estória. Cris deu a idéia de ouvirmos essa estória deitados no chão, em posição de relaxamento. Coloquei então a pequena estória do Camaleão novamente porque através dela poderíamos dialogar sobre as mudanças de opinião do Camaleão e como as influências muitas vezes direcionam nossas opiniões também.

Keila – Quando eu ouvi essa estorinha eu fiquei pensando....ela fala de uma coisa muito importante que é sobre diferença de opinião!

Cris – Que diferença?

Keila – Diferença de gosto, por exemplo...quem aqui gosta de comer maçã?

As crianças se dividem: algumas gostam e outras não.

Keila – Quem gosta de morango?

A maioria levanta a mão e poucas crianças permanecem de mãos abaixadas.

Keila – Quem gosta de jaca?
Pedro – Eu não gosto!
Cris – Eu já vi!
Keila – Quem gosta de abacate?

As crianças então contaram como comiam o abacate. Algumas amassavam, outras batiam com leite, etc. No decorrer do diálogo as crianças começaram a falar todas de uma vez. Precisei intervir para que o grupo conseguisse se comunicar.

Keila – A gente tem que aprender.....
Cris – Deixa a Keila falar!
Keila – A gente tem que aprender a ouvir o colega! A gente está numa roda onde todo mundo quer falar, mas onde todo mundo tem que ouvir também!
Isa foi uma das alunas que não queria ouvir os(as) demais colegas e, aparentemente contrariada, saiu da roda.
Isa – É folgada ela....não quer que eu fique perto de ninguém!
Keila – Mas Isa! A gente quer você perto! Só que....
Cris – Ah! Deixa ela, Keila!
Keila – Olha, fica assim...quando você sentir vontade você volta, ta bom?
Isa – Eu não vou sentar mais!
Keila – Você decide....bom, vamos continuar....

Continuamos a conversar sobre nossas diferenças de gosto: o que nós gostávamos e o que não gostávamos de comer.

Douglas – Eu gosto de jabuticaba.....eu não gosto de café....
(...)
Cláudio – Eu gosto de melancia e de maçã, não!
(...)
Danilo – Eu gosto de uva e não gosto de abacate!

Depois de algum tempo, Isa voltou à roda e também participou da conversa.

Isa – Eu gosto de maçã com casca! A banana eu também gosto!
Keila – Tem alguma fruta que você não goste de comer?
Isa – Não!
Keila – Que bom! Ela gosta de todas!
(...)
João – Eu gosto de melancia e não gosto de banana....
(...)
Leandro – Eu gosto de bolinho de chuva e não gosto de banana!
(...)
Mirian – Eu gosto de goiaba, de uva, maçã e melancia!
(...)
Patrícia – Eu gosto muito de goiaba e abacaxi! Agora....uma coisa que eu não comeria de jeito nenhum....é jaca!
(...)
Kalvin – Eu gosto de manga, não gosto de melancia, nem de abacate, nem de banana!

Keila – Vocês perceberam que tiveram frutas que enquanto alguns colegas diziam que eram as preferidas deles os outros diziam que eram as que eles menos gostavam? Isso mostra para a gente que nós temos gostos diferentes!A estória do camaleão, o que dizia? O camaleão gostava de que cor?

Alunos(as) – Rosa!

Keila – Mas o que aconteceu com o camaleão quando ele saiu de casa? Ele encontrou quem?

Pedro – O pernilongo!

Keila – E o pernilongo criticou a cor dele e ele...

Pedro – Ficou azul!

Keila – Depois que ele encontrou o pernilongo, ele foi andando e encontrou quem? O sabiá que estava na laranjeira, né? E o que o sabiá falou para ele?

Cris – Que a cor mais linda do mundo era o laranja!

Keila – E o que o camaleão fez?

Cris – Mudou pra alaranjado!

Keila – Bom....ele foi mudando! Ele mudou várias vezes de cor, mas qual a cor que ele gostava mesmo?

Alunos(as) – Rosa!

Keila – E olha quanta cor ele usou por causa da opinião dos outros! ...vocês perceberam que cada bichinho que o camaleão encontrava tinha uma profissão diferente? O que o pernilongo fazia? Quem lembra?

Pedro – Professor!

Keila – E o que o sapo fazia?

Cris – Cantor!

Através de uma pequena estória e sua música-tema, foi possível dialogarmos sobre a influência dos personagens, com os quais o camaleão ia encontrando no caminho, na formação de sua opinião sobre que cor deveria usar. Isso parece ter sido um estímulo para a proposta seguinte: falarmos sobre as diferenças de gosto em relação às brincadeiras. Foi interessante notar a participação cada vez maior das crianças nos diálogos.

Cris – Boneca! Menina gosta!

Antonio – Pega-pega!

Pedro – Eu gosto de brincar de esconde-esconde!

Keila – Tem mais alguém que gosta?

Wander – Eu! Eu gosto!

Danilo – Eu gosto de andar de bike!

Ainda nesse encontro, reservamos tempo para compartilhar músicas entre o grupo. Nesse dia Danilo havia se comprometido a trazer um hino que ele gostava para compartilhar com seus colegas.

Keila – O Danilo trouxe um hino para compartilhar com a gente!

Cris – Ah! Um hino!

Isa – Hino! Hino!

*Danilo parece constrangido diante da expectativa das crianças.
Keila – Vamos deixar ele à vontade...ele canta se ele quiser...*

Danilo então disse que iria compartilhar com o grupo um hino que se chamava “Pedro, André, Tiago e João no barquinho”. Ele cantou seu hino (Ver anexo 13) e as demais crianças ficaram atentas ouvindo-o. As crianças parecem ter desenvolvido a habilidade de escutar com mais concentração, habilidade essa que, segundo Brito (2003), estimula a formação de seres humanos mais sensíveis e reflexivos, com maior capacidade de comunicação.

*Keila – Quem aqui gostou do hino do Danilo?
Algumas crianças se manifestam positivamente.
Pedro – Eu gostei! Eu gostei!
Keila – E quem não gostou?*

Douglas e Wander levantaram a mão. Meu objetivo era que, com base na estória do camaleão, pudéssemos abordar sobre as diferenças no gosto também musical. No entanto, por estarmos no final do encontro e do calor excessivo que fazia naquele dia, as crianças começaram a se dispersar e não pareciam mais dispostas a participar da roda.

*Keila – Alguém quer fazer como o Danilo fez hoje? Trazer uma música para compartilhar com o grupo?
Pedro – Eu! Eu!
Keila – Então o Pedro traz semana que vem!*

Encerramos o encontro com a música do “Caneirinho, carneirão”, formando uma roda e imitando os movimentos sugeridos na música. Antes de sairmos, as crianças organizaram todas as carteiras no lugar.

3.7 Encontro 10/10/2006: Eu posso conviver com quem pensa diferente de mim?

No encontro do dia 10/10/2006, quando eu e Moniele chegamos à escola as crianças já estavam em sala de aula organizando as carteiras para nossa roda. As crianças começaram a cantar a música “Bambu” e Isa participou com o grupo daquele momento. No entanto, quando propus a música “A roda” para organizar o grupo Isa saiu da roda e sentou em sua carteira.

*Keila – Isa....não vale...senta aqui!
Elisa acompanhou Isa e também sentou em sua carteira.
Keila – Isa, Elisa, por favor, sentem aqui!*

Elisa atendeu ao meu pedido e se inseriu na roda enquanto Isa permaneceu no mesmo lugar.

Professora Patrícia – Obrigada, Elisa!

Isa – Coloca a do Bambu!

Keila – Sabe, Isa, eu andei pensando...por que eu tenho que atender o seu pedido se você não atende o meu? Você devia pensar nisso...

Isa – Coloca a música do Bambu então!

Keila – Isa, eu vou colocar uma música que não tem letra, ela é só tocada....

Cris – Ela é assim, olha: hum, hum, hum, hum (Cris imita sons)

Keila – É! São instrumentos tocando e a gente vai ouvir essa música e vocês vão perceber que ela é bem calma! Depois eu queria que vocês me dissessem o que acharam dela!

Cris – Essa música é muito chata!

Keila – Mas você nem ouviu ainda! Como você pode saber que ela é chata?

Cris – Porque sim! Eu não gosto de música sem voz!

Keila – Então vamos fazer um teste! A gente ouve essa e daí você me conta se você gosta ou não!

Coloquei então a música “Carnaval dos Animais”, do compositor francês Camillo Saint Sæens, na parte do “Cisnes”. No entanto, o CD tinha um volume muito baixo em relação aos demais que vínhamos utilizando e não conseguimos amplificar o som suficientemente para que todos ouvissem na sala.

Cris – Eu não estou ouvindo nada!

Keila – Não dá para ouvir?

Alunos(as) – Não dá....

Keila – Realmente o CD tem um som muito baixo...eu concordo!

Isa – Coloca outro! Esse aí não vale a pena!

Keila – Ele vale a pena, sim! Mas como a classe é muito grande a gente não consegue ouvir...só um pouquinho de paciência, pessoal!

Quando sugeri uma música instrumental percebi uma relativa decepção²⁸ entre as crianças. Porém, apesar de não demonstrarem tanta apreciação por aquele tipo de música também não se recusaram a participar. A atividade só foi interrompida porque realmente tivemos problemas técnicos. Esse episódio me faz lembrar o que Brito (2003) ressalta sobre a escuta musical. A escuta de obras musicais sempre provoca emoções, sensações, pensamento e comportamento diversos. Assim, uma música que possui no seu ritmo o elemento mais determinante pode despertar a vontade de movimentar-se, de

²⁸ Usei o termo relativo, porque alguns alunos, e não todos, se manifestaram contrariamente.

balançar o corpo, de dançar. Por outro lado, certas melodias despertam sentimentos e emoções subjetivas, únicas, distintas para cada um.

Também vale destacar o que Shafer (1991) afirma sobre apreciação artística e, por conseguinte, a apreciação musical: toda apreciação é um processo cumulativo, no qual descobrimos novos pontos de interesse, sem por isso negarmos o que gostávamos antes. Podemos e devemos ser curiosos em relação à música. Ninguém estará traindo os velhos hábitos musicais pela aquisição de novos. Também em outros momentos as crianças demonstraram recusa por algumas músicas sugeridas por mim e músicas sugeridas por outras crianças do grupo. Por isso, a ênfase sempre esteve em ampliar nosso repertório musical e valorizar a diversidade musical do grupo.

Fiquei pensando numa música que pudesse ser tão suave como a que havia proposto, porém sem ser daquele CD, porque a proposta, naquele momento, era estimular tranquilidade entre o grupo sem, contudo, deixar o momento monótono. Como sempre levava outras opções de músicas, propus às crianças escutarmos a música “Balé” (CD Pé com pé / Ver anexo 14).

Keila – Quem aqui gosta....quem já assistiu, alguma vez, pela televisão ou ao vivo, uma apresentação de balé?

Alunos(as) – Eu!

Keila – O que vocês acharam?

As crianças deram suas opiniões, porém falaram todas ao mesmo tempo e não consegui recuperar as falas. Aproveitei o momento também para falar rapidamente sobre o ritmo da música e os instrumentos nela destacados. A música trazia uma mistura de Samba com Reggae (ritmo jamaicano), o que ficou denominado “Samba Reggae”, misturando de uma maneira diferente toques de tambor de origem africana. Essa mistura teve origem com grupos de percussão da Bahia e são grupos que também valorizam a arte negra e proporcionam lazer e atividades culturais para crianças e adolescentes em situação de risco.

Keila – Vamos dançar essa música que é bem tranquila? Ela fala de balé! Conforme a música for terminando, a gente volta para a roda, tá bom?

Quando a música terminou, voltamos para a roda. Ela permaneceu de fora e enquanto conversávamos, na roda, ela cantarolava paralelamente. Mais uma vez ignoramos a atitude e ela logo parou, porém sem ainda retornar ao grupo. Retomamos então, por

alguns minutos, a discussão sobre o camaleão e suas mudanças baseadas no que os amigos diziam. As crianças pareciam empolgadas e participaram bastante, o que me fez pensar que talvez a roda de conversa fosse mais agradável às crianças quando feita no início dos encontros.

Keila – Alguém lembra o que o sapo falou para ele?

Pedro – Ele falou que a cor mais bonita era o verde!

Keila – Ele não chegou a falar uma cor mas criticou a cor do camaleão, não foi?

Pedro – Foi!

Keila – O sapo falou para ele mudar de cor e o que ele respondeu, Leandro?

Leandro – Que ele gosta mais do rosa!

Cris – Põe de novo, Keila?

Keila – Depois a gente pode por de novo....mas depois eu vou colocar outra também...

Cris – Mas eu gosto do camaleão!

Keila – Mas você não conhece a outra! Sempre que a gente não conhece uma coisa nova a gente acha que não vai gostar do que é novo! Mas primeiro a gente tem que ouvir o novo para depois falar se gosta ou não....você concorda?

Cris faz sinal negativo com a cabeça.

Keila – Vou dar um exemplo...eu, hoje, adulta, não gosto de comer fígado de boi...

Alunos(as) – Eu gosto! Eu gosto!

Keila – Estão vendo como a gente é diferente? Que bom! Por que dizem que fígado faz bem para a saúde....minha mãe me forçava a comer porque ela achava que o fígado ia me deixar mais corada....mas eu não gostava do sabor....comia sem gostar....então, eu não gosto, mas eu já experimentei! Só que tem coisas que a gente não tem que experimentar porque não fazem bem para a gente! Se eu sei que alguma coisa faz mal para minha saúde eu não tenho eu experimentar para dizer que não vou fazer!

A partir desse exemplo, as crianças começaram a contar sobre coisas que elas não gostavam mas que já haviam experimentado.

Danilo – Eu não gosto de jiló, só que eu comi!

Isa – Eu não queria fazer a lição mas eu fiz....

André – Eu arrumei meu material porque minha mãe mandou...eu arrumei....

Cris – A minha prima, ela mandou eu brincar de enfaixar o pé dela.....só que eu não queria....eu acabei brincando para agradar ela....

Achei interessante o que aconteceu com João. Embora ele quisesse participar, sempre levantando a mão, quando todos silenciavam para ouvi-lo ele não

conseguia falar. Isso já havia ocorrido antes, em outros encontros, mas naquele ficou notório.

João – Depois é eu?

Keila – Se você quiser, é João!

João – É eu!

Quando esperávamos que João contasse para o grupo o que ele não gostava mas já havia experimentado, ele ficou olhando para todos e não conseguiu falar.

Keila – João....eu vejo você conversando com os colegas, eu vejo você participando.....e quando você tem alguma coisa para contar ao grupo e todo mundo pára para te ouvir você não consegue falar....por que? Você fica envergonhado?

João – Eu fico....

Keila – Só que eu vou te contar uma coisa, João! Quando você fala é muito importante! Por isso todo mundo fica quietinho! Cada um que participa aqui é muito importante! Todas as histórias que vocês contam são importantes e não tem história mais legal, menos legal....

João não quis participar naquele momento e eu deixei sua participação livre. Ele poderia falar quando achasse que era seu momento. Assim, continuamos com a participação de outras crianças.

Cláudio – Eu trago meu irmão na escola mas eu não gosto....

Keila – E por que você não gosta de trazer ele se você também está vindo para cá? Ou ele vem em outro horário?

Cláudio – Ele tem que vir em outro horário...

Leandro conta ao grupo que não gosta quando a sua mãe pede que ele e seu irmão tomem banho.

Leandro – Eu não gosto...

Keila – Por que você não gosta?

Leandro – Porque não!

Elisa conta ao grupo que vai ao bar com sua sobrinha, de três anos, comprar pirulito mas não gosta.

Cris – Mas pirulito é o doce mais gostoso que existe!

Keila – Para vocês verem, mais uma vez, Cris, como a gente tem gostos diferentes!

Após esses momentos de conversa em grupo, pedi que Pedro compartilhasse conosco uma música, tal como ele havia combinado no encontro passado. Pedro parece ter ficado inibido.

Keila – O que você mais gosta nessa música que você escolheu? É a melodia, o som? Ou é a letra, o que fala a música? O que te chamou mais a atenção?

Pedro – Eu gosto mais da música....

Keila – E na sua casa, outras pessoas também gostam dessa música? Quem?

Pedro – O meu primo, minha prima, meu outro primo, eu tenho um monte de primo!

Keila – Vamos ouvir o Pedro cantar?

Pedro – Não dá...não consigo...esqueci uma parte da música...

Keila – Não tem problema! Canta o que você lembrar! Se eu conhecer, eu posso ir te ajudando! Ou às vezes tem algum colega que também conhece...

Pedro – Eu esqueci do começo...

Keila – Você sabe quem canta?

Pedro – Eu não sei quem canta...mas ele canta música só de desenho!

Keila – Música só de desenho? Essa música é uma música de desenho, é isso? E você lembra qual desenho?

Pedro – O desenho eu não lembro... ah....eu não vou cantar nada...

Cris – A gente tem uma música!

Keila – Vocês têm uma música?

Algumas crianças se uniram à Cris e começaram a cantar “***O jipe do padre fez um furo no pneu, colamos com chiclete***”. As crianças contaram que aprenderam a música na “quadra lá embaixo”. Cheguei a perguntar mais detalhes sobre a “quadra”, mas as crianças não falaram. Apenas soube que elas iam à quadra e lá tinham aprendido essa e outras músicas. Em seguida, Danilo, Isa e Elisa começaram a cantar outra música que aprenderam lá na “quadra”: “***havia uma banana, escorreguei....caí no espinho, me machuquei....e doeu ai, ai, ai, ai***”. Após a música as crianças começaram a se dispersar pois já estávamos no final do nosso encontro. A professora Patrícia, então, retomou o diálogo sobre coisas que não gostávamos e que já havíamos experimentado.

Patrícia – Eu tenho muito medo de assistir filme de terror! Mas o meu namorado gosta de assistir... aí eu tenho que assistir junto porque senão ele fica chateado!

Moniele – Uma coisa que eu não gostava e uma vez eu tive que comer foi abacaxi com canela assado no espeto...o pai do meu namorado fez um churrasco e fez questão que todo mundo comesse!



Figura 2 – Grupo participando de uma atividade musical

Para finalizar o encontro, como as crianças já estavam bastante dispersas, coloquei mais uma estória de Ruth Rocha: “Romeu e Julieta”, do CD Mil Pássaros, seguida da música tema da estória (Ver anexo 15). A estória contava de borboletas que viviam em canteiros separados por cor. Havia duas borboletinhas, Julieta e Romeu, que viviam nos respectivos canteiros amarelo e azul e não podiam se misturar. Um dia, o amigo ventinho os apresentou e os três foram passear pela floresta. No entanto, escureceu e eles se perderam, não podendo voltar para casa. Os pais, preocupados, começaram a procurá-los juntos. Quando os encontraram, resolveram que não era preciso viver isoladamente cada um em seu canteiro e assim os canteiros de flores passaram a ser coloridos. As crianças pareciam ter gostado muito da estória e da música e pediram a música novamente.

Keila – Essa estória traz algumas coisas legais que a gente pode estar conversando...na semana que vem a gente pode ouvir de novo, combinado?

João – Combinado, não!

Keila – Não?

João – Não!

Keila – Você não gostou, João?

João – Não!

As crianças se dividem entre as que gostaram e as que não gostaram da estória e da música.

Keila – Wander, não gostou?

Isa – Eu também!

Keila – Você também, Isa? Por quê?
Isa – Porque....porque....
Isa não responde à pergunta.
Keila – Então, nessa semana, vamos procurar pensar nisso: quem gostou, por que gostou? Quem não gostou, por que não gostou?
Alunos(as) – Combinado!

O final do encontro foi muito interessante e surpreendente. Ao se manifestarem contrariamente à estória, algumas crianças levantaram a possibilidade de um diálogo sobre diferenças de opinião e gostos. Ver João se manifestando foi muito importante porque era um aluno que raramente dava sua opinião no grupo e naquele mesmo dia não conseguira se expressar com palavras perante o grupo. Vale ressaltar, também, a participação de Isa, tanto no momento de compartilhar música com o grupo quanto no momento de emitir sua opinião na roda.

3.8 Encontro 17/10/2006: Eu posso conviver com quem pensa diferentes de mim? ***(Parte II)***

No encontro do dia 17/10/2006 conversei com a professora Patrícia enquanto as crianças organizavam as carteiras para nossa roda. Quando pedi que o grupo formasse uma roda, Isa se negou a participar. As crianças formaram a roda e ficaram esperando que Isa decidisse entrar também.

Keila – Pessoal, vamos formar a roda e se a Isa quiser, ela entra depois, ta?

Propus que ouvíssemos a estória “Romeu e Julieta” mais uma vez para então discutirmos porque havíamos ou não gostado da estória, assim como para dialogarmos sobre o tema nela destacado (Ver anexo 15): conviver com o diferente pode ser bom. Ouvimos também a música tema da estória e em seguida conversamos sobre a estória e a música.

Keila – A música fala “todo Romeu é azul, não é não”.....todo mundo tem que ser igual?
Alunos(as) – Não!
Keila – O que vocês acharam da estória?
Cris – Eu gosto mais do Camaleão!

As demais crianças não se manifestaram para dizer o que acharam da estória. Prosseguimos então falando sobre a mesma.

Keila – O que aconteceu no começo da estória? Todo mundo que era azul ficava onde?

Pedro – No canteiro azul!

Keila – E quem era amarelo...

Alunos(as) – No canteiro amarelo!

Keila – E o que aconteceu no decorrer da estória?

Pedro – Ah! O Romeu falou para a Julieta...aí ele voou....aí depois estavam procurando eles e não estavam achando....

Keila – Sabe o que eu achei legal nessa estória? No começo todo mundo que era azul tinha que ficar com quem era azul, todo mundo que era amarelo tinha que ficar com quem era amarelo....e aí eles descobriram que não precisava ser assim! O Romeu e a Julieta eram diferentes....a Julieta tinha que cor?

Alunos(as) – Amarela!

Keila – E o Romeu?

Alunos(as) – Azul!

Keila – E eles ficaram amigos! Eles tinham cores diferentes mais ficaram amigos! Vamos fazer uma brincadeira para ver o que temos igual e o que temos diferente entre nós?então....só vai para o meio da roda quem usa óculos!

Alunos(as) – A professora Patrícia!

As crianças então passaram a dar sugestões de características com as quais poderíamos estar brincando. Cláudio, por exemplo, sugeriu que fosse para o centro da roda quem estava de chinelos. As crianças pareciam se divertir com a brincadeira.

Keila – Agora vamos sentar um pouquinho? Vocês observaram que em muita coisa a gente é diferente e em muita coisa a gente é igual? O que vocês acham sobre isso? O que vocês acham sobre o ser diferente e o ser igual?

Cris – Ah...não! (Se referindo sobre o dar sua opinião sobre o assunto sugerido).

Keila – Por que, Cris?

Cris – Porque eu não gosto!

Keila – Cris, você acabou de dar uma ótima idéia! Vai começar com a Cris!

Cris – Mas é para falar o quê?

Keila – Você acabou de contar que nem sempre a gente gosta das mesmas coisas, não foi? Então, minha sugestão é que cada um de nós fale sobre uma música que mais tenha gostado de ouvirpensem numa música que você ouviu na sua casa, ou com alguém....que tenha marcado....

Cris – Rebelde!

Keila – Rebelde? Como é essa música?

Cris disse não saber cantar a música. Só então entendi que ela se referia ao grupo Rebelde, grupo de atores e cantores que estavam fazendo sucesso, na mídia, entre

crianças e adolescentes naquele momento. Como também não conhecia a música, não tivemos como saber qual exatamente era a música preferida de Cris, apenas qual o grupo musical que ela apreciava. A idéia de pedir que Cris, assim como outras crianças, falassem sobre uma música marcante surgiu quando Cris demonstrou não se interessar em falar sobre diferenças e semelhanças de gostos e opiniões. Através da escolha de músicas que elas gostavam também pudemos desenvolver o tema e, aparentemente, a idéia agradou a todos, como mostram as participações da crianças na roda de conversa.

Keila – Agora a professora Patrícia....qual a música que mais marcou, que você mais gostou?

Professora Patrícia – Eu gostei muito de uma música que colocavam lá na biblioteca, que as crianças também cantavam....

A professora Patrícia e as crianças cantaram a canção mas não consegui registrá-la na íntegra. A letra falava do alfabeto. Isa e Danilo, em seguida, cantam uma música que eles gostavam muito:

***“No meio do caminho
Tinha uma aranha
Morri de medo
Caí no espinho
E doeu ai, ai, ai, ai
Tchgum, tchgum, hei...”***

Além de Isa e Danilo, outras crianças compartilharam músicas que apreciavam, como foi o caso de Cláudio, que cantou uma música já conhecida pelas crianças:

***“Ai bota aqui, ai bota aqui o seu pezinho
O seu pezinho bem juntinho com o meu
E depois não vá dizer que você já me esqueceu...”***

Foi interessante porque no início, apenas Cláudio começou cantando e ao final todas as crianças o estavam acompanhando. Outras crianças também foram revelando seus gostos musicais.

Keila – E você, Pedro?

Pedro – Eu gosto mais da Kelly Key!

Keila – É o que você mais ouve em sua casa?

Pedro – É!

Keila – E na sua casa, além da Kelly Key, tem alguma música que seus pais tenham te ensinado?

*Pedro – “Bicho papão
Sai de cima do telhado
Deixa o menino*

Dormir sossegado...

A preferência de Pedro, o que ele mais ouvia em casa, eram as músicas de Kelly Key, uma cantora que estava em evidência na mídia naquele período. Ele mencionou, também, uma música ensinada por seu pai. A letra da música que ele gostava, da cantora Kelly Key, ele não conseguiu lembrar para cantar, apenas a que seu pai havia ensinado. Cabe aqui ressaltar o que coloca Swanwick a respeito de “sotaques” musicais. “Sotaques” diferentes são igualmente válidos e nenhum é, essencialmente, bom. O significado e o valor da música estão ligados ao que é socialmente situado e culturalmente mediado. Nesse sentido, o valor musical reside em seus usos culturais específicos, ou seja, no que é “bom para” na vida das pessoas. Assim, em nosso grupo, cada um manifestava um “sotaque” musical e, conviver com essa diversidade de “sotaques”, parece haver permitido o desenvolvimento da capacidade de ouvir, conhecer e valorizar essa diversidade.

Nesse contexto de trocas de referências musicais, eu também compartilhei com as crianças uma música que apreciava cantar para meus filhos quando era hora de dormir.

Keila – É lógico que eu já vivi um monte há mais do que vocês...então vai ter música que eu gostei quando era criança, que eu gostei quando era adolescente, e que eu gostei depois de adulta! Das músicas que eu canto para meus filhos, tem uma que eu gosto e é assim:

*“Tic,tac, tic, tac
Reloginho está a marcar
Já é hora de nanar,
Durma bem!
O sol já foi se esconder
Estrelas brilham lá no céu.
Dim, dom, dim, dom
O relógio grande diz
Feche os olhos pra nanar
E durma bem!
Cuco, cuco,
Passarinho cuco diz,
Boa noite pro nenê
Que vai dormir!”*

As crianças continuaram compartilhando músicas que apreciavam. Elisa, uma das alunas que participou da atividade, demorou alguns instantes para verbalizar seu gosto musical. Elisa começou a falar, em voz muito baixa, que gostava da música “Gatinha mimosa”.

*Keila – Da gatinha mimosa? E se a gente cantar junto?
As crianças se uniram à Elisa e cantaram:
“Minha gatinha mimosa sumiu
Quem viu minha gatinha?
Quem sabe? Quem viu?”*

Após Elisa, foi a vez de Danilo compartilhar com o grupo a música que ele mais gostava:

*“Motorista, motorista
Olha a pista, olha a pista,
Não é de borracha, não é de borracha
Vai bater! Vai bater!”
Moniele – A música que eu gosto, acho que vocês conhecem, eu aprendi com meu pai quando era pequenininha! É aquela do peixe vivo:
“Como pode um peixe vivo
Viver fora da água fria
Como poderei viver
Sem a tua companhia?”
Davi – Eu gosto da Banda Calypso!
Keila – Mas tem alguma música dessa banda que você queira cantar para a gente?
Davi tenta entoar a melodia da música sem a letra.
Moniele – É aquela da lua?
Davi – É!
Keila – E aí? Quem consegue cantar com o Davi?*

As crianças cantaram juntas alguns fragmentos mais conhecidos da música mas não consegui recuperar a letra através da gravação. Então foi a vez de Kalvin, seguido de Maria, compartilhar com o grupo músicas que eles apreciavam:

*Kalvin – “Dois macaquinhos pulando cama ...um caiu e foi pro chão...”
(...)
Maria – Eu gosto daquela...”Mão na cabeça...mão na cintura...um pé na frente, outro atrás....estátua!”*

Tanto a música escolhida por Kalvin, quanto a música escolhida por Maria eram conhecidas pelas outras crianças, que cantaram junto. Bárbara relutou em participar da conversa e compartilhar uma música com o grupo mas, ao final, aceitou expressar sua música predileta:

*Brenda – “Cinco patinhos foram passear
Além das montanhas para brincar
A mamãe falou qua, qua, qua, qua
Mas só quatro patinhos voltaram de lá...”*

Tal como aconteceu com Calvin e Maria, as crianças cantaram a música junto com Brenda várias vezes.

Keila – Bárbara, por que você escolheu essa música? Quem te ensinou?
Bárbara – Minha avó! Quando eu tinha 3 anos!
Então chegou a vez de Theo cantar sua música favorita:
Theo – “Fui no mercado comprar café
Veio a formiga no meu pé
Eu sacudi, sacudi, sacudi
Mas a formiguinha não parava de subir...”
Keila – Legal! Quem te ensinou essa música?
Theo – Minha mãe!

Quando chegou a vez de Glais compartilhar sua música predileta com o grupo, foi interessante a repercussão que sua escolha atingiu. A aluna escolheu uma música da mesma cantora preferida de Pedro, Kelly Key e as meninas da sala se uniram à Glais:

Glais – “Sou a Barbie girl
Se você quer ser meu namorado
É bom ficar ligado
Presta atenção
Na minha condição
É diferente, sou muito exigente!”

Danilo, então, resolveu cantar a mesma melodia com outra letra que ele conhecia e as crianças riram muito:

Danilo – “Sou a Barbie girl
Moro de aluguel
O meu barrado é cheio de buraco
Presta atenção no meu pano de chão
É diferente, só uso detergente!”
Keila – Danilo, onde você aprendeu essa versão da música?
Danilo – Com a minha prima!
Keila – Glais, como você conheceu essa música? Quem te ensinou?
Glais – Meu pai, quando eu era pequenininha...eu ouço ela todo dia à noite! Quando eu chego da escola eu ligo o rádio pra ver se eu ouço essa música!

Foram duas versões da música muito diferentes: uma mostra uma garota forte, decidida, que não aceita um namorado que não se encaixe nas suas condições de exigência. Outra, mostra a realidade de muitas “Barbies girls”: morando em condições difíceis. Essas duas versões completamente diferentes entre si também me fez pensar no quanto uma mesma música pode alcançar valores diferentes para cada indivíduo e como a música depende do contexto em que ela está inserida. A esse respeito, Brito (2007) destaca

que aprendemos a falar, andar, cantar e outras coisas, na interação com o ambiente, com o sistema social em que estamos inseridos, apesar da singularidade de cada um.

Leandro também compartilhou com o grupo uma música da mídia daquele momento:

*Leandro – “Quando Deus te desenhou
Ele tava namorando
Na beira do mar...”*

A troca de experiências musicais entre o grupo mostrou que o gosto musical pode ser bastante variável. Como ressalta Brito (2003), todos nós temos um repertório musical especial, que reúne músicas significativas e que dizem respeito à nossa história de vida: “as músicas da infância, as que nos lembram alguém, as que cantávamos na escola, as que nos remetem a fatos alegres ou tristes, as que ouvimos no rádio, nos concertos, shows, etc” (Brito, 2003: p.31).

Também nesse sentido, Subtil (2007) revela que a mídia, em especial o rádio e TV, tem se mostrado grande influência no padrão de música que se ouve, canta e dança: “as crianças ouvem e reproduzem as canções de sucesso, especialmente aquelas veiculadas nas novelas, nos programas de auditório, nos comerciais e nos programas de rádio, substituindo as tradicionais canções infantis” (Subtil, 2007: p.76). Por outro lado, esse conhecimento e deve ser aproveitado no espaço escolar de forma a possibilitar reflexão crítica do que consomem e ampliar repertórios. Nosso objetivo não estava em julgar a qualidade da música presente na mídia e trazida pelas crianças. Mas, a partir das referências musicais das crianças, compreender de que maneira elas se relacionam com essas músicas e como, a partir destas, é possível desenvolver uma nova postura frente à diversidade de gostos e opiniões, à diversidade cultural.

Como já estávamos no final daquele encontro, as crianças pareciam cansadas e logo iria começar uma Reunião de Pais. Decidi, então, colocar a música Bambu para que as crianças brincassem de roda como fizemos no primeiro encontro com elas. Para Isa, parece ter sido o melhor momento do encontro.

*Isa – É a do Bambu?
Keila – É a do Bambu!
Isa – Eh!!!!*

Enquanto ainda estávamos brincando, algumas mães foram chegando para a reunião. Aproveitei a ocasião para agradecer o apoio das famílias à participação das crianças.

Keila – Eu queria dizer que é um privilégio estar com os filhos e netos de vocês! Eu estou aprendendo muito com eles... eu agradeço muito o apoio de vocês!

3.9 Encontro 24/10/2006: Eu posso dar sugestões?

No encontro do dia 24/10/2006, assim que chegamos à sala, as crianças pareciam agitadas e o calor estava intenso. Diante disso, optei como começar com uma atividade musical mais relaxante (Ver Quadro XIX), com movimentos leves a partir de uma canção de ninar (“Acalanto para você”, CD Canções de Ninar/Selo Palavra Cantada).

ENCONTROS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
Encontro 24/10/2006	Atividade com a música “Acalanto para você”. Cada criança, ao ouvir a música, ia se enrolando imitando um “tatuzinho bola”. Quando a música ia terminando, eu tocava as costas de cada “tatuzinho” e eles iam se espreguiçando e lentamente voltando para a roda.	- Diferenciar o momento de ficar parado e de movimentar-se; - Improvisar movimentos leves;

Quadro XIX – Atividade com a música “Acalanto para você”, desenvolvida em 24/10/2006

Após a brincadeira, formamos uma roda e Moniele trouxe uma música para compartilhar com as crianças.

Moniele – Essa canção, ela chama “Pão, pão, pão”...alguém aqui gosta de pão?

Alunos(as) – Eu!

Moniele – Primeiro a gente vai ouvir a música, depois cantar juntos e aí a gente vai improvisar uma pequena dancinha!

Cris – Moniele, você não vai tocar flauta?

Enquanto Moniele tocava a flauta soprano, eu cantava a música para as crianças:

*“Pão, pão, pão,
É de leite é de pão
Sapatinho branco*

***Menininha de algodão
Bala, bala aí será leão...***

*Keila – É fácil, não é? Vamos tentar cantar juntos com a flauta agora?
As crianças cantam juntas.*

Keila – E aí? Gostaram?

Alunos(as) – Gostamos!

Moniele e eu propusemos às crianças que fôssemos ao pátio externo para improvisar uma pequena dança com a música. As crianças pareciam eufóricas. O pátio externo, localizado atrás de algumas salas de aula, era arejado e tinha bastante sombra. Como o calor estava muito forte naquele dia, foi agradável estar num ambiente mais fresco. Já no lugar, procuramos formar uma roda e organizar os alunos em pares para a dança. No entanto, nem todas as crianças se interessaram em dançar e, quando tentamos realizar a dança, elas acharam difícil. Fomos procurando acertar uma maneira de tornar a dança interessante para as crianças. E foram elas que acharam uma solução para que todos participassem. Sugeriram movimentos imitando quadrilha de festa junina e se animaram a participar.

Professora Patrícia – Vamos passar no túnel! Assim! Entenderam?

Cris – Todo mundo tem que passar embaixo de todo mundo!

Professora Patrícia – Tem que ser rapidinho, hein?

As crianças pareciam haver apreciado não apenas a maneira como a dança foi improvisada como também o fato da dança ter sido uma sugestão delas. Como naquele mesmo dia algumas crianças queriam compartilhar músicas com o grupo, voltamos para a sala.

Keila – Olha, a Isa e a Elisa vão ensinar uma música para a gente!

Glaís – E eu!

Keila – A Glaís e o Theo também!

Danilo, Isa e Elisa se uniram e cantaram uma canção que eles haviam aprendido fora da escola:

“No meio da floresta morava uma coruja

Na noite de lua ouvia o seu cantar

Tru,tru, tru, tru, tru, tru...”

Keila – Me contem, onde vocês aprenderam essa música?

Danilo – Na escolinha!

Keila – Que escolinha?

Elisa – Na escolinha que ensina coisas boas!

Keila – Deixa eu entender....mas que escolinha é essa?

Danilo – Aqui! Fica perto da minha casa!

Keila – Mas é uma escolinha de aprender a ler e escrever? É uma escolinha de aprender a cantar? É o quê?

Isa – Lá a gente come....

Danilo – Dão roupa....

Maria – É uma casa!

Isa – Dá para cantar também a música da conchinha!

Keila – Então vamos ouvir também!

Isa – Mas tem que escutar o barulho da conchinha! (Ela coloca a mão no ouvido para mostrar como se ouve a conchinha).

Danilo, Isa e Elisa cantaram a música da conchinha:

“Da conchinha lá do mar

Das estrelas lá do céu

No Universo infinito

Comigo Deus está...

Quem quiser falar com...

No cantar de um sabiá

No sussurro do vento

....das conchas do mar....”

Ao ouvir o grupo de Isa, Elisa e Danilo cantar, outras crianças resolveram cantar em pequenos grupos, como por exemplo, Cláudio, Bárbara, Bruna e Laura. Eles cantaram a mesma canção da conchinha. O que surpreendeu foram as participações de Bárbara, Bruna e Laura porque eram alunas que não costumavam pedir para participar. Isa, Elisa e Danilo voltaram a cantar para o grupo. Dessa vez, escolheram a música da “melancia”, como a chamaram:

“Da abóbora faz melão

De melão faz melancia

Faz doce, faz doce,

Faz doce, cocadinha!

Quem quiser aprender a dançar

Vai na casa do Juquinha

Ele dança, ele roda,

Ele faz requebradinha!”

Após a apresentação do grupinho, Wander e João disseram não ter gostado da música, o que pareceu irritar Isa.

Wander – Ela (música) é feia!

Keila – Por que você não gostou?

Wander – Eu gostava mas agora não gosto mais!

João – Eu também acho feia!

Percebi que a opinião dos colegas afetara Isa.

Keila – Mas eles não falaram que não gostam de você! Eles não gostam da música! Vamos combinar uma coisa? Semana que vem a gente vai

conversar sobre isso! Não gostar da mesma coisa que o outro não quer dizer que a gente não gosta do outro!

Como estávamos no final do encontro, não pudemos trabalhar a questão que surgiu naquele momento. Ficamos com o desafio de pensar naquele assunto e discuti-lo no encontro seguinte. Não foi a primeira vez que assuntos interessantes surgiram quando já não havia mais tempo para discuti-los. No entanto, como a proposta era que o diálogo fosse ocorrendo conforme a interação do grupo, não havia como prever o momento em que surgiriam. Assim, procurávamos retomar o assunto que havia causado maior curiosidade ou polêmica entre o grupo no encontro seguinte.

3.10 Encontro 31/10/2006: Como eu me vejo?

No encontro do dia 31/10/2006, começamos com uma atividade envolvendo música e movimento (Ver Quadro X) com a música “Uma estória” (CD Canções de brincar/ Ver anexo 17). Com a brincadeira, as crianças, aos poucos, formaram uma grande roda.

ENCONTROS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
Encontro 31/10/2006	Atividade de roda com a música “Uma estória”. A música falava de “dar as mãos”. Assim, a sugestão foi que conforme ela fosse tocando, as crianças fossem formando uma roda: começando com duas crianças que iam chamando outras e dando as mãos.	<ul style="list-style-type: none">- Brincar com a música, explorando o ambiente da sala de aula;- Organizar o grupo através da música e do movimento;- Experimentar o contato com o colega através do toque (dar as mãos);

Quadro X – Atividade com a música “Uma estória”, desenvolvida em 31/10/2006

Tendo em vista o que ocorrera no encontro posterior, propus que ouvíssemos uma música que falava sobre diferenças de opinião (Ver Anexo 18).

Keila – Essa música me chamou a atenção por várias coisas! A primeira é que ela tem um ritmo muito legal....sabem como chama esse ritmo? Ritmo Lundu! Dizem que nos tempos coloniais esse ritmo era dançado pelos escravos africanos nas fazendas e era uma dança muito bonita. Era tocada com tambores e também cantada. Dizem que os patrões da casa grande, como eles chamavam a casa principal da fazenda, tinham vontade de entrar a na roda para brincar junto com os negros mas eles não iam...aí eles resolveram levar o ritmo Lundu par seus ricos salões, só que sem os tambores! No lugar dos tambores, eles tocavam violão,

bandolim, o cravo...o bandolim é um instrumento que veio da Itália, no século XVI e o cravo tem um som parecido com o do piano mas só que mais “seco”. Mas sabem por que, também, eu escolhi essa música? Porque ela fala de umas coisas muito interessantes! Por exemplo, Wander, você gosta de macarrão?

Wander – Gosto!

Keila – Mas tem comida que você não vai muito com a cara, não é?

Wander – Cebola ardida eu não gosto!

Keila – Os gostos são muito diferentes! Não é, Cris? Você, por exemplo, gosta muito da música do camaleão!

Isa – E eu gosto do Bambu!

Danilo – Eu também gosto do Bambu!

Keila – O que essa música está mostrando é que mesmo a gente não gostando muito do que o outro gosta, a gente pode aprender a ouvir e tentar ver alguma coisa de legal naquilo! Agora eu queria sugerir que vocês falassem um pouco sobre isso! Por exemplo, vocês se gostam do jeito que vocês são?

Cris – Eu gosto do Pedro!

Keila – Mas você se gosta?

Cris – Não!

Keila – Não? Por quê?

Cris – Cabelo loiro...

Keila – Mas e o cabelo escuro?

Cris – Eu não gosto!

Keila – Agora me conta, Cris, o que você mais gosta em você?

Cris – O que eu mais gosto em mim....do jeito que eu sou menos o cabelo!

Keila – E eu, mesmo te conhecendo há pouco tempo, o que mais gosto, o em você, é sorriso! Você tem um sorriso espontâneo! E você, Danilo, gosta do jeito que você é?

Danilo faz sinal negativo.

Keila – O que você mais gosta em você?

Cris – Ele disse que não gosta do cabelo dele!

Keila – Por quê?

Danilo – Porque sim....não gosto da cor...

Keila – Mas o que você mais gosta em você?

Danilo – Eu não gosto de nada! Eu não gosto do meu corpo....eu queria ser da cor do André...

Professora Patrícia – O que fez você não gostar da sua cor? Qual é o problema? Alguém falou alguma coisa?

Danilo – Todo mundo fala que eu sou negro...

Professora Patrícia – Você acha ruim isso?

Danilo faz sinal afirmativo.

Professora Patrícia – Por quê?

Danilo diz quando o chamam de negro o estão xingando. Ao que Cris rebate:

Cris – Preto é, mas negro, não!

Professora Patrícia – Preto é palavrão?

Algumas crianças disseram que sim, outras disseram que não. Assim como Danilo, outras crianças disseram o que gostavam ou não em si próprias. Foi um diálogo

muito interessante. Permitiu que ouvíssemos o que as crianças pensavam sobre preconceito, sobre estereótipos. Além disso, permitiu conversarmos sobre a questão das nossas heranças culturais, ao destacar o ritmo da música, advindo dos escravos africanos.

Cláudio – ...eu não gosto do meu cabelo.....ele é crespo....quando eu corto ele fica crescendo....eu não gosto do meu nome....eu queria cabelo vermelho igual meu tio!

Keila – E me conta, o que você mais gosta em você?

Cláudio – Da minha pele....só...

Cris – Eu não gosto da pele dele....parece amarelo!

Professora Patrícia -me chamavam de amarela!

Cláudio – Eu também não gosto da cor do meu olho...

Keila – Que cor você queria que fosse?

Cláudio – Verde!

As crianças começaram a dizer que queriam ter olhos azuis e verdes. As crianças ficaram atentas quando Moniele participou dizendo o que ela gostava e o que não gostava em si mesma.

Moniele – Eu sou muito pequenininha....mas só que eu tenho uma tia que é muito grande e ela queria ser do meu tamanho! Viu como nunca ninguém está contente?Eu gosto do meu olho!

Cris – Sabe o que eu não gosto em mim? É que eu sou muito alta!

Wander – Eu não gosto muito do meu cabelo... eu não gosto da minha pele....

Kalvin – Eu não gosto do meu olho!

Keila – Conta para mim, o que você mais gosta em você?

Kalvin – Meu cabelo!

Laura – Eu não gosto do meu olho...

Keila – E o que você mais gosta em você?

Laura – Cabelo....

Theo – Eu não gosto do meu cabelo!

Keila – Agora me conta alguma coisa que você gosta....

Theo – Do meu corpo eu gosto, do cabelo e do olho, não!

(...)

Cris – Você tem que gostar de você!

Keila – Eu tenho que gostar, Cris? Por quê?

Cris – Porque você é bonita!

Keila – Mas e se eu não gostar?

Cris – Mas você tem que gostar porque você é loira e branca!

Vale resgatar o que menciona Dussel (s/d) sobre essa questão. Segundo o autor, a cultura européia se pretende universal e nega todo valor às outras particularidades. Aceitando a cultura européia como universal, produzimos o mecanismo pedagógico da dominação cultural, dominação essa que impõe, por seu intermédio e vontade, o que é seu. A sociedade brasileira, de acordo com Lima (2002), se originou sob forte influência de uma

tradição cultural européia. A colonização portuguesa explorou por um longo período os recursos naturais do país de forma a atender as necessidades do mercado internacional da época, o que gerou uma cultura local menosprezada pela metrópole e pela própria população.

Sob o ponto de vista de Silva (2005), a dominação colonial impunha um sistema de educação que negava, aos colonizados, conhecimentos úteis sobre si mesmos e seu mundo, ao mesmo tempo em que buscava consolidar uma mentalidade escrava: “era-lhes ensinado que não tinham história, que sua história começava com a chegada do europeu com a missão de civilizá-los (Silva, 2005: p.33).No entanto, como ressalta Dussel (s/d), somente a cultura popular é o fundamento do projeto de libertação. Retomando Freire (2006a), ao compreendermos nossa realidade podemos levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Podemos transformá-lo com o nosso trabalho.

Convivendo com as crianças, tivemos oportunidade de presenciar quão enraizada ainda está a cultura européia entre nós, latino-americanos. Os diálogos acima destacados demonstram isso. É forte a necessidade de pertencimento, de aceitação e essa aceitação muitas vezes vem ligada a padrões impostos pela cultura européia: cabelos lisos, loiros ou claros, pele clara, olhos claros. Com pouca idade, as crianças já demonstram saber o que é valorizado ou não em nossa sociedade e o quanto é preciso estar dentro dos padrões para ser bonito e aceito.

Algumas crianças pareciam cansadas e já estavam mais tão interessadas em ouvir os(as) colegas. Assim, propus uma brincadeira de movimento com a música “Estica e Dobra” (CD “Pé com pé”/ Ver Anexo 19). As crianças cantavam e imitavam os movimentos da música esticando e agachando o corpo quando era solicitado na música. Essa pequena atividade parece ter contribuído para descontrair o grupo. Retomamos a questão das diferenças de opinião entre nós porque muitas crianças ainda queriam dar seus depoimentos.

Davi – Eu não gosto do meu olho....também não gosto do meu cabelo....da minha cara....

Keila – Por que? Alguma vez alguém falou que seu rosto não é bonito?

Davi – Não...

Keila – Então por que você acha seu rosto feio?

Davi – Eu não queria que ele fosse marrom....

Keila – Eu acho tua pele bonita! O que você mais gosta em você?

Davi – Do meu corpo, da minha pele, do meu pé!

Leando – Eu queria ter olho verde....o cabelo loiro....pele branca...minha pele é meio marrom....

(...)

Glaís – Eu não gosto do meu nariz!

Cris – Eu acho bonito!

Keila – Vocês sabiam que minha família é toda misturada? Uma avó era bem branquinha e a outra bem negra! Minha bisavó, mãe da minha avó, também era bem negra....ela se chamava Adelina e eu a vi poucas vezes porque ela morreu quando eu era muito pequena...então eu sou uma mistura de uma monte de cores!

(...)

Professora Patrícia – Eu não gosto de ser muito grande e magrinha...gosto dos meus cílios, eu acho que eles são bem grande!

Coloco mais uma vez a música “Pé de nabo” para ouvirmos juntos(as).

Keila – Sabe porque eu coloquei essa música para a gente conversar hoje? Porque a gente é diferente um do outro! Eu queria que vocês pensassem um pouco sobre isso... que a cor da nossa pele, do nosso olho, faz parte da gente....

Convivendo com o grupo, pude perceber que todos nós passamos por transformações, a começar por mim. Não vejo mais a transformação apenas no outro, vejo em mim também. Eu me transformei ao conviver o grupo. Minha visão de mundo de modificou e passei a ver o cotidiano de outra forma: a homogeneidade passou a não ter mais sentido, assim como diversidade passou a ter outra conotação. Por exemplo, conversando com as crianças, observei que ainda que habitassem o mesmo bairro, freqüentassem a mesma escola, possuíam histórias de vida diferentes, famílias com costumes diferentes não cabendo a mim julgar o correto ou incorreto. Ao propor uma convivência em grupo no sentido de valorização da diversidade cultural, eu aprendi a valorizar essa diversidade exposta em palavras, atitudes e músicas compartilhadas no grupo.

3.11 Encontro 07/11/2006: Eu posso contribuir mostrando o que eu sei?

O encontro do dia 07/11/2006 começou com Davi pedindo que o deixássemos mostrar o que havia aprendido de “dança de rua” (*break*). Achei muito bom esse interesse dele em participar mostrando algo que ele valorizava, fora daquele contexto, para o grupo. Importante mencionar que o *break* é uma dança que faz parte do movimento Hip-Hop, movimento criado por grupos negros americanos como forma de reivindicar

direitos e fazer um convite à paz. O movimento Hip-Hop envolve três formas de expressão: a pintura (grafite), a música (rap) e a dança (*break*). A proposta de Danilo me chamou a atenção e fiquei curiosa para vê-lo dançando. No entanto, eu não tinha em mãos, uma música cujo ritmo combinasse com a proposta dele: um rap. Mais interessante ainda, eu achei a postura deles, quando eu disse que não havia uma música que combinasse com os movimentos do *break* (dança de rua).

Cláudio – A gente canta!
Wander – É! A gente canta!
Keila – Legal! Então mostrem para a gente!

Outros alunos também manifestaram desejo de participar. Deixei livre a participação das crianças. Tive a idéia de olhar, nos CD's que levava comigo, alguma música que se aproximasse mais do ritmo do *break*. Davi, Cláudio, Wander, João e Pedro ficaram junto comigo procurando opções de música. Eles pareciam tão ansiosos em mostrar a dança que desistiram de procurar uma música para tocar. Davi foi o primeiro a ir para o centro da roda e dançar o *break*.

Keila – Pode ficar à vontade, Davi! Mostre para a gente o que você está aprendendo!
Isa – Eu também quero dançar!
Keila – Todo mundo vai poder! Só que vamos dançar um de cada vez?
As crianças resolveram fazer pequenos grupinhos para dançar.
Keila – Me explica Wander! Tem que bater palma para acompanhar o Davi?
Cláudio – Tem que ter berimbau...tem que tocar berimbau...
Keila – Tem que tocar o beimbau?
Cláudio – É, na capoeira!
Wander – Mas não é! É dança de rua!
Keila – Você quer danar junto com o Davi?
Wander – Eu, o Davi e o Danilo!

Na sequência, Wander e Danilo também participaram dançando. Pedi que os meninos me ensinassem alguns passos básicos. Danilo mostrou um passo que eu consegui executar. Depois ele deu um giro e eu não consegui imitar. As crianças deram risada comigo.

Keila – Ih! Esse eu não consegui fazer!



Figura 3 – Aluno do 1º ano dançando “break”

Enquanto Danilo e Wander continuaram dançando no centro da roda, me lembrei de uma música, “Bolacha de água e sal” (CD Pé com pé / ver Anexo 20) que talvez tivesse um ritmo mais próximo do que eles precisavam. Dei a sugestão às crianças deixando que elas decidissem se era interessante ou não.

Keila – Que vocês acham dessa?

Cláudio – Essa! Essa! Essa!

Keila – Vocês acham que esse ritmo dá para fazer a dança?

Alunos(as) – Dá!

Algumas crianças saíram da roda e os que iam dançar disseram que só dava para dançar com as pessoas sentadas na roda.

Keila – A roda é para todo mundo assistir?

Wander – É!

Keila – Então vamos nos organizar!

Davi resolveu dançar capoeira e nós dois tentamos encontrar uma música com ritmo compatível com a dança. Sugeri a música “Lua, estrela e sol” (CD Pé com pé / Ver anexo 21). Davi pareceu ter gostado da idéia e dançou para todos. Ao final, batemos palmas. Daquele momento em diante, as criança que queriam dançar optavam por uma das

duas músicas: “Bolacha de água e sal” ou “Lua, estrela e sol”. Algumas meninas também dançaram no centro da roda, entre elas Is, Bruna e Laura. Aproveitei a música “Bolacha de água e sal” para discutir também sua letra.

Keila – Vocês viram o que fala nessa música? Quem aqui brinca na rua? Do que vocês brincam?

Wander – Tem capoeira....jogar bola... “pega-gato”....

Danilo – A gente pega estilingue e mata passarinho...

Keila – E vocês acertam? Aí vocês comem?

Danilo – Não, daí limpa!

Keila – Quem prepara para você?

Cláudio – Eu mesmo!

Keila – Mas você mesmo limpa?

Cláudio – Minha mãe limpa..primeiro coloca água e deixa ferver...

Danilo – Eu mato galinha....os galos matam as galinhas....eu mato quatro de uma vez...

Keila – Você mata os galos?

Danilo – É porque eles matam as galinhas! Por isso eu mato os galos! Minha mãe coloca três canecões de água para jogar nos quatro! Um pra ficar na geladeira, outro para comer.....

Keila – Bom, eu vi que os meninos contaram bastante coisa do que eles brincam na rua mas as meninas não falaram nada! Você brinca, Isa? Me conta....

Isa – Eu brinco de noite!

Keila – Mas do que vocês brincam na rua?

Isa – Pega-pega....boneca...

Keila – Com quem você brinca?

Isa – Eu e elas (se referindo à Elisa e Laura).

(...)

Moniele – Eu brincava muito na rua de noite também....eu ficava das seis horas até umas nove e meia mais ou menos....brincava de esconde-esconde, um monte de coisa também!

Professora Patrícia – Eu não brincava na rua....minha mãe trabalhava e eu vinha da escola sozinha e aí ela punha mesa para jantar...

Keila – Eu também nunca brinquei na rua porque não tinha rua...é que eu morava na chácara e naquela época não tinha outras chácaras perto...eu brincava dentro da chácara porque o espaço era grande!

Davi – Eu brinco na rua sozinho!

Keila – Do que você brinca?

Davi – De bola, bicicleta....

João – Eu gosto de jogar futebol!

Keila – Com quem você gosta de brincar na rua?

João – Com meu irmão mais novo!

Keila – Do que vocês brincam?

João – De esconde-esconde, de tombar lata!

Keila – É gostoso brincar na rua?

João – É...

Keila – Agora nesse horário de verão é gostoso, né? Demora mais para escurecer!e você, Julia, você brinca na rua?

Julia – Não...

Keila – Por quê?

Julia – Porque ela tem medo....porque tem muito carro...

(...)

Keila – Gostei muito hoje! Vocês dançaram, conversaram! Para semana que vem podemos combinar para eu trazer a filmadora?

Alunos(as) – Pode!

As crianças revelaram inúmeras possibilidades de brincadeiras para serem realizadas na rua: jogar bola, jogar, dançar ou lutar capoeira, esconde-esconde, tombar lata, andar de bicicleta, entre outras. A participação de várias crianças na conversa mostra o entusiasmo em compartilhar, no grupo, suas preferências em termos de brincadeiras.

A sugestão de Davi, no início do encontro, de compartilhar o que havia aprendido sobre break também mostra um avanço em termos de troca de experiências no grupo e de como a música pode ser um estímulo ao diálogo sobre diversidade cultural.

3.12 Encontro 14/11/2006: Eu posso contribuir mostrando o que eu sei? (Parte II)

No dia 14/11/2006, como combinado com as crianças, levei uma filmadora para registrar o grupo dançando *break* e capoeira. Essa filmagem, posteriormente, foi transformada em DVD e presenteada às crianças e à escola. No encontro passado, notei que Cris não se envolveu em nenhum dos grupos que dançou na roda. Neste encontro, no qual iríamos novamente dançar, ela se manifestou.

Cris – Eu não gosto de dança de rua!

Keila – Tudo bem, Cris! Não é obrigada a participar da dança... é que alguns colegas aprenderam alguns passos e queriam mostrar para a gente....

Nesse dia eu havia levado um CD, “Canções do Brasil”, em que havia um rap gravado por vozes infantis: “Você conhece o vento?” (Ver anexo 22). Juntos, escutamos a música.

Keila – E aí? Que acharam?

As crianças pareciam ter gostado da música, mas ainda demonstraram preferência pela música “Bolacha de água e sal”. Depois de dançarem e brincarem com as músicas, nos sentamos em círculo para descansar um pouco.

Isa – Eu quero brincar!

Keila – Eu sei! Mas eu só posso começar outra brincadeira quando você sentar e escutar um pouquinho!

Isa levou alguns minutos para aceitar minha sugestão e finalmente sentou-se na roda. Propus então uma brincadeira a partir da música “Ta na hora de mamar” (CD Canções de brincar / Ver anexo 23). As crianças acharam engraçado o nome da música e aceitaram a proposta (Ver Quadro XI).

ENCONTROS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
Encontro 14/11/2006	Atividade de improvisação e movimento com a música “Tá na hora de mamar” As crianças formaram pequenos grupinhos, sendo que eu, Moniele e Paula nos revezávamos pelos grupos. Cada grupo deveria improvisar movimentos para um animal (macaquinho, gatinho, carneirinho, bicho-preguiça e golfinho) quando esse animal fosse falado na letra da música. Todos prestaram atenção para saber o momento em que deveriam fazer participar.	- Improvisar movimentos, expressando-se através do corpo; - Desenvolver sensibilidade auditiva e rítmica experimentando o movimento corporal através da música;

Quadro XI – Atividade com a música “Tá na hora de mamar”, desenvolvida em 14/11/2006

As crianças pareciam se divertir ao participar da improvisação com a música. Observei que elas davam opiniões sobre como deveriam imitar cada animal e discutiam sobre a importância de prestar atenção para imitar o animal no momento certo da música. Vale resgatar o que menciona Brito (2003): é preciso dar às crianças a possibilidade de desenvolver sua expressão, permitindo que criem gestos, que observem, que se concentrem na interpretação da canção sem a obrigação de fazer gestos comandados durante todo o tempo.

Esse foi o último encontro com as crianças porque nas duas semanas seguintes a professora Patrícia não poderia estar presente e optamos por não desenvolver o encontro porque não tivemos como entrar em contato com a professora que a substituiria.

3.13 Encontro 06/12/2006: Eu fiz diferença ao participar no grupo?

No dia 06/12/2006, no encontramos novamente, dessa vez para a entrega dos CD's com as músicas que as crianças mais apreciaram conhecer durante nosso convívio no

grupo. A cada encontro as crianças manifestavam suas preferências pelas músicas com as quais desenvolvíamos as atividades musicais (atividades de percepção rítmica e auditiva, movimento). A partir dessas preferências organizamos um CD²⁹ com essas músicas, os quais foram presenteados às crianças. Disponibilizamos também um CD para a professora Patrícia, para a diretora da EMEB e para o acervo da escola.

Fui chamando cada criança à frente da sala para entregar o CD individualmente. Foi um momento muito especial para mim porque foi um momento de refletir e compartilhar sobre o crescimento de cada criança no grupo com o qual havíamos convivido naquele semestre. Para cada criança que ia à frente receber seu CD, o grupo batia palmas.

Keila -o André contribuiu muito, sabem por quê? Ele mostrou o quanto ele entende de dança! Eu gostei de ver isso! Gostei muito de você ter participado!

Keila – O Cláudio mostrou que ele sabe trabalhar em grupo e o quanto ele pode ajudar os outros!

Keila – O Danilo me surpreendeu! Ele mostrou coisas muito legais que ele aprendeu fora da escola, na igreja, no projeto que ele frequenta, em outros lugares em que ele convive... assim a gente pôde conhecer melhor o Danilo!

Cris – Keila, por que você não vai passando nas mesas?

Keila – Ah! Porque eu quero que cada um venha aqui na frente! Que todo mundo ouça o que cada um(a) representou no grupo! O Davi também trouxe muitas contribuições para nosso grupo! Ele foi se desenvolvendo a cada semana!

Keila – Esse garoto (me referindo ao João) me surpreendeu também! No começo ele não queria nem...lembram que ele ficava de fora? Agora ele participa, sorri, fala, não é João?

Keila – A Isa...ela começou fazendo só que ela queria...não aceitava que a gente formava um grupo...eu lembro que ela ficava muito chateada quando eu não colocava a música do Bambu...e ela teve um desenvolvimento muito legal porque ela passou a compartilhar idéias e músicas com o grupo e viu que às vezes a gente pode aprender coisas diferentes, conhecer coisas novas e gostar também!

Aquele encontro, para mim, foi difícil. Senti angústia porque sabia que era o último encontro do nosso grupo. Ainda que eu voltasse à escola, visitando as crianças, não seria mais aquele grupo exatamente: algumas crianças, fiquei sabendo através da professora posteriormente, mudaram de cidade, outras de período de aulas. É possível afirmar que

²⁹ Músicas do CD: Sopa / Pulguinha / Ta na hora de mamar / Oras bolas / Aniversário / Bolacha de água e sal / Sol, lua, estrela / Bambu / Sai, sai piaba / Passa, passa gavião / Como vai você? / Nós / Vento / Capoeira angola / Bom dia todas as cores (estória) / Camaleão / Romeu e Julieta (estória) / Romeu e Julieta (canção)

houve um aumento de participação das crianças em nossa roda de conversa, assim como nas atividades musicais. No entanto, João e Isa representaram casos, sob meu ponto de vista, especiais. João, que muitas vezes não sentava conosco e dormia em sua carteira, passou a dividir experiências de vida e opiniões com o grupo. Isa, que muitas vezes ficava fora da roda por não ter seus desejos prontamente atendidos, passou a se integrar mais ao grupo compartilhando várias músicas que havia aprendido em outros projetos, em outros contextos. Esses dois casos me fizeram lembrar de uma frase de Paulo Freire (2001): “não há eficácia que não tropece em momentos de insucesso. E é preciso trabalhar o insucesso e convertê-lo em êxito” (Freire, 2001: p.173).

3.14 O que pensa a professora Patrícia sobre o processo vivenciado?

Na entrevista realizada com a professora Patrícia, em 12/12/2006, foi possível avaliar o quanto a convivência em grupo estimulou processos educativos em termos de relacionamento grupal. A entrevista não tinha um roteiro fechado e as questões foram surgindo no decorrer da conversa. O diálogo com a professora Patrícia revelou seu ponto de vista sobre os alunos e suas famílias e a comunidade onde vivem.

Professora Patrícia -ontem teve reunião de pais mas vieram pais minguados....

Keila – Por que eles não vêm?

Professora Patrícia – ...eu não sei exatamente porque eles não vêm....tem mães que trabalham, eu sei que trabalham....ontem vieram por conta que ia ter rematrícula, mas numa reunião comum parece que eles não têm muita paciência...

Keila – E as crianças? Sentem isso? Comentam?

Professora Patrícia – Comentam....eles esperam né...tem uma que a mãe nunca veio...

(...)

Keila – Eu aprendi....conviver com histórias tão diferentes sem a intenção de julgar...

Professora Patrícia – É....porque o sofrimento, não dá para dizer se é maior ou menor...

Keila – Eu não sei se você percebe essa diferença mas eu achei que no começo, quando a gente começou, eles não tinham muita paciência de ouvir o que o outro ia falar...e no decorrer do processo eu senti que eles passaram a ter mais interesse em saber do outro....eles gostaram de ver que a gente não é só o que a gente é aqui dentro! Você não é só professora e eles gostavam quando a gente contava alguma coisa...

Professora Patrícia -é uma coisa que não devia parar...essa coisa de ouvir o outro é difícil! Você viu como é difícil! Então seria bom se

continuasse...se não fosse esse processo eu não saberia muitas coisas que acontecem com eles fora daqui da escola....

Keila – Eu achei muito legal essa coisa da música fomentar diálogos....e quanta riqueza nessa troca de experiências de vida! Achei muito legal eles trazerem músicas diferentes! O máximo foi o dia em que eles quiseram dançar!

Professora Patrícia – E eu fiquei pensando, como foi acontecer isso? Porque você tinha uma proposta!

Keila – Eu achei muito legal ele trazer a idéia da dança porque eu achei que foi a partir daquele momento que eles realmente se entrosaram!e para você, como foi essa trajetória? Eu queria saber como você viu as modificações no decorrer do processo...

Professora Patrícia – Eu tinha pensado de um jeito e acabou ficando de outro...mas eu percebi que aquele negócio que a gente conversou, a “barreira do toque” quebrou! Não tive mais problema de menino sentar com menina, nem com o João!

Keila – Por quê? Ele não gostava?

Professora Patrícia – Ele chorava! O companheiro dele era o André....o André começou a progredir mais e ele ficou para trás e aí não dava mais porque estava atrapalhando....não ajudava porque ele copiava...E foi uma dificuldade mudar o João de dupla porque ele chorava! Tentamos um, duas, três vezes e o mesmo problema!

Keila – E ele se enturmou mais depois de conviver com o grupo?

Professora Patrícia – Não teve mais problema! Coloquei ele com a Laura, ele avançou!

(...)

Professora Patrícia –acho que os dias que mais mexeram com eles foi o da dança de rua e o outro foi aquele em que teve o diálogo sobre preconceito...é muito cruel você não fazer parte da média...

Keila – É....se você sai do padrão você se sente esquisito...

(...)

Keila – E para você, enquanto professora, o que a gente vivenciou no grupo, o que representou em termos de convívio com eles?

Professora Patrícia -quando alguma coisa não sai do jeito que eu quero, peço uma tarefa e não traz ou traz tudo suja e rasgada...começa a entender o que aconteceu com aquela tarefa...eu não vou mais simplesmente chegar e brigar...porque vai brigar com a criança quando ela tentou....você começa a ver....

Keila – Quando a gente começou a conviver em grupo eu perdi aquele medo do “onde tudo isso vai dar?”...

Professora Patrícia – Esse medo eu também tive! Eu pensava “não vai chegar onde ela quer”....mas aí eu fui vendo que tudo foi natural!

Keila – Mas eu fui vendo que esse era o rumo mesmo: ver o quanto a gente podia valorizar um ao outro e aprender um com o outro convivendo em grupo!



Figura 4 - Crianças no parquinho da escola

O depoimento da professora Patrícia revela sua preocupação em dar continuidade ao trabalho, principalmente no que diz respeito ao diálogo entre as crianças. Como ela ressalta, “ *...é uma coisa que não devia parar...essa coisa de ouvir o outro é difícil! Você viu como é difícil! Então seria bom se continuasse...*” Também mostra que a convivência no grupo não tinha um só caminho nem um só destino, foi uma construção conjunta que se movia enquanto ocorria: “*Eu tinha pensado de um jeito e acabou ficando de outro... Eu pensava “não vai chegar onde ela quer”...mas aí eu fui vendo que tudo foi natural!*” Seu depoimento sobre João revela que houve um avanço, para esse aluno, em termos de comunicação com outras crianças e em termos de aprendizagem em sala de aula também.

Eu ainda mantenho contato com a professora Patrícia via internet. Nos comunicamos por e-mail. Ela me contou, por exemplo, que Isa tem se desenvolvido bastante: “*linda e imponente, como sempre*”. Ela também contribuiu com dados sobre a escola e seu entorno, com depoimentos sobre o processo vivenciado com o grupo.

07/10/2008

Professora Patrícia - Keila só queira dizer que fui uma grande sortuda pelo seu projeto ter sido realizado na minha sala. Aprendi muito, desde como trabalhar outras questões na sala, até como tratar meus alunos.

3.15 O que pensa a colaboradora Moniele sobre o processo vivenciado?

Moniele também contribuiu avaliando o processo vivenciado. Com Moniele, a entrevista foi por escrito e tinha três questões centrais:

- O que aprendi participando no grupo sobre mim e sobre as demais pessoas do grupo?
- No que eu contribuí ao participar do grupo?
- No que o grupo contribuiu para minha vida enquanto aluna de um curso de graduação em Educação Musical e enquanto pessoa?

Moniele destacou o quanto o processo de aprendizagem pode ser criativo quando temos abertura para opiniões, pensamentos e gostos por parte dos alunos, principalmente quando são trabalhadas questões relacionadas à diversidade. Para ela, é importante que além da professora, o aluno tenha espaço para se expressar.

Moniele – Aprendi que o fundamental no grupo não era a pesquisadora, a professora ou eu, ou ainda ensinar algo às crianças, mas sim a possibilidade de mostrarmos às crianças nossas experiências de vida como elas nos mostravam também, mostrar os diferentes gostos sem o conceito de melhor ou pior.

Conviver com o grupo, segundo ela, possibilitou o exercício de abrirmos mais nossas opiniões e nos colocarmos à escuta do outro. A importância da convivência em grupo esteve no fato de propiciar um espaço, dentro do cotidiano escolar, que possibilitasse à professora compreender melhor seus alunos, assim como possibilitar aos alunos conhecer melhor sua professora.

Quanto à sua contribuição para o grupo, Moniele acredita que ocorreu no sentido de incentivar a curiosidade por canções folclóricas, despertando nas crianças interesse em conhecer mais sobre o universo musical e cultural brasileiros, como ritmos e letras que permitissem às crianças relacionar as canções ao cotidiano vivenciado por elas. Ela também acredita haver contribuído apresentando às crianças alguns instrumentos musicais tais como o violino, flauta doce soprano e contralto.

Como estudante do curso de Licenciatura em Música, com ênfase em Educação Musical, na UFSCar, Moniele afirma que a participação no grupo representou uma enorme experiência ao permitir algumas das práticas de ensino em educação musical vistas no curso de graduação, como a utilização de jogos com música e brincadeiras de roda, utilização da apreciação musical como ferramentas para trabalhar questões culturais e saberes populares, enfatizando o respeito à diversidade.

Para Moniele, a contribuição mais importante resultante das experiências vivenciadas no círculo de cultura foi a convicção de que o sucesso de um professor está na prática de sua humildade perante os alunos, levando em consideração que o aluno aprende mas também ensina e o professor deve estar aberto à essa realidade.

Moniele, enquanto colaboradora da pesquisa, teve uma participação muito importante no grupo, revelando um outro olhar sobre as vivências ali ocorridas, o que ela revela em sua respostas às questões sugeridas.

3.16 Processos Educativos: o que eu aprendi em nossa roda de conversa musical?

3.16.1 Valorização da auto-estima

Convivendo com as crianças tivemos oportunidade de observar como foi importante o estímulo à valorização da auto-estima entre o grupo. Conquanto vivamos em um tempo, segundo Corazza (2005) em que todas as concepções e práticas atestem a existência dos diferentes, que povoam nossas casas e ruas, salas de aulas e pátios de recreio, dias e noite, nem sempre essa diversidade é valorizada. A autora ressalta que os movimentos sociais e a teorização cultural, portanto, não podem ser os mesmos, bem como o currículo e a pedagogia não podem agir nem pensar como antes. A pedagogia e o currículo, os professores e sua formação, as didáticas e as metodologias, a escola e a educação são impelidas a tornarem-se, em tudo, “muito mais culturais e bem menos escolares” (Corazza, 2005: p.10).

Resgatando o que diz Silva (2005), é preciso que as diferentes visões de mundo não apenas se façam presentes mas dialoguem entre si, em situação de igualdade. Para tanto, é preciso aprender a ouvir e compreender os pontos de vista, os jeitos de ser e de

pensar dos outros. A convivência em grupo fortaleceu a auto-estima no sentido de estimular o diálogo sobre diversidade: não estar dentro de um padrão não significa ser menos importante. O diálogo ocorrido no dia 31/10/2006, quando conversamos sobre “como eu me vejo?” exemplifica isso. Através de uma canção simples, tivemos oportunidade de dialogar sobre nossas diferenças de gosto, de opinião, de como pode ser difícil sermos nós mesmos quando há outros padrões em volta. Foi uma conversa significativa em termos de reflexão.

3.16.2 Transformação da visão de mundo

Conviver num grupo tão participativo estimulou transformações em nossa forma de pensar e agir. Eu, como pesquisadora e, acima de tudo, como pessoa, aprendi a conviver com pessoas que vivem em contextos diferentes do meu, com histórias de vida diferentes, sem a intenção de julgar. Assim como eu, a professora Patrícia revela ter desenvolvido novas maneiras de enxergar o cotidiano escolar: nem tudo o que é combinado com os alunos, por exemplo, sai como o esperado, no entanto, sob seu ponto de vista, é possível construir, aos poucos, uma prática escolar mais humanizadora. Moniele também revela sua mudança de postura ao mencionar que “conviver com o grupo possibilitou o exercício de abirmos mais nossas opiniões e nos colocarmos à escuta do outro”. Assim como nós (pesquisadora, professora e colaboradora da pesquisa) tivemos oportunidade de rever nossa maneira de ver nosso entorno, foi possível observar que as crianças também tiveram oportunidade de rever algumas opiniões a respeito de si próprias, dos colegas, da professora, da escola, do seu ambiente fora da escola, o que ficava claro em seus depoimentos.

3.16.3 Aprendendo a dialogar

Alguns alunos não conseguiam se expressar no grupo, embora demonstrassem desejo de falar. Esses foram os casos, por exemplo, de João e Wander. Wander até dialogava comigo, porém não deixava que os demais participantes ouvissem nosso diálogo. Aos poucos, parece haver passado a se sentir parte do grupo e deixou que o

grupo também fizesse parte da vida dele. João, diferente de Wander, não dialogava com ninguém. Muitas vezes apenas fazia sinais de afirmação e negação, quando lhe faziam perguntas. Com o tempo, também passou a ter maior participação no grupo, dialogando com os colegas, participando das atividades musicais propostas. Outro exemplo que vale ser mencionado é o de Cris. Ela demonstrou ter aprendido que conviver em grupo implica em respeitar algumas regras, ouvir e também ser ouvida. Nem sempre a vontade individual prevalece. No entanto, isso não representa empecilho. Antes, mostra que tudo tem o momento certo. Enfim, o diálogo parece haver se tornado um aliado dos participantes do grupo e não um motivo de disputa. No início todos queriam falar ao mesmo tempo, com medo não serem ouvidos. Desenvolvemos a capacidade de aguardar o momento de falar, assim como ouvir quando outro colega estava falando. Aprendemos a valorizar a fala do outro e não apenas a nossa.

3.16.4 Aprendendo a compartilhar experiências de vida

O grupo tornou-se um espaço e um momento para compartilharmos nossas experiências de vida. Com o tempo, fomos aprendendo a contar mais sobre nós mesmos e ouvirmos sobre os demais participantes. Perdendo o receio de nos expressarmos, aprendemos a dividir expectativas, angústias, medos e alegrias. A partir das experiências reveladas pelas crianças, por exemplo, passamos a conhecer melhor quem eram elas fora da sala de aula: crianças que frequentavam outros locais, como por exemplo, a escolinha citada por Danilo, Isa e Elisa, na qual eles recebiam roupas, comida e aprendiam canções e outras “coisas boas”. Assim como esses alunos, outros foram revelando suas experiências cotidianas vivenciadas fora da sala de aula, o que parece haver fortalecido o relacionamento entre as crianças no grupo.

3.16.5 Contribuição da música no processo vivenciado

Buscamos, através da música, favorecer o diálogo e a valorização das diferentes visões de mundo representadas no grupo com o qual convivemos durante a intervenção proposta por essa pesquisa. A música foi fundamental para que nos

aproximássemos das crianças e para que os diálogos fluíssem. Logo no primeiro encontro, foi através da música que conhecemos cada criança do grupo. A música, segundo Swanwick (2003) tem o poder de ligar o espaço entre indivíduos e entre diferentes grupos culturais. O discurso musical pode ser uma janela através da qual podemos vislumbrar um mundo diferente. Nessa “conversaçoão” todos nós temos uma “voz” musical e aprendemos a ouvir as “vozes” musicais do outro.

Discurso – conversaçoão musical – por definição, não pode ser nunca um monólogo. Cada aluno traz consigo um domínio de compreensão musical quando chega a nossas instituições educacionais. Não os introduzimos na música; eles são bem familiarizados com ela (...) Temos de estar conscientes do desenvolvimento e da autonomia do aluno (Swanwick, 2003: p.67).

Dialogar, trocando experiências e vivências culturais, pode ser um exercício de fortalecimento do convívio democrático. Assim, como ressaltam os Parâmetros Curriculares Nacionais, no documento sobre Pluralidade Cultural, “aprender a posicionar-se de forma a compreender a relatividade de opiniões, preferências, gostos, escolhas, é aprender o respeito ao outro” (Secretaria de Educação Fundamental, Vol. 10: p.40). Respeito à diversidade cultural, nesse sentido, é algo para ser construído e exercitado na convivência com o outro: “sem o outro, nada se sabe sobre ele, a não ser o que a própria imaginação fornece” (Secretaria de Educação Fundamental, Vol. 10: p.42).

A música brasileira, por sua vez, considerada uma manifestação cultural rica e variada, pode constituir-se em importante elemento de ligação entre a escola e o ambiente social de origem das crianças, facilitando as relações entre os alunos e as instituições educacionais.

Verificamos que a música foi um importante meio para o desenvolvimento do diálogo musical e verbal do grupo. A cada semana as crianças pareciam gostar de conhecer novas canções (por exemplo, a do “Bambu”), recordar algumas que já apreciavam anteriormente (por exemplo a “Sopa do nenê”, do CD Canções e Brincar / Anexo 24), e compartilhar canções que haviam aprendido em outros contextos (por exemplo o Hino trazido por Danilo). A partir dessa relação entre o que vieram a conhecer, o que já conheciam e o que compartilharam, também foi possível trabalhar alguns conceitos musicais básicos, tais como: intensidade (variação de força dos sons) e andamento (variação na velocidade dos sons). Foi o caso das canções “O elefante” e “Carneirinho,

carneirão”. Através delas, pudemos perceber a diferença entre o leve e o forte (intensidade do som), o grave e o agudo (altura do som). Com a canção “Pulguinha”, por exemplo, pudemos trabalhar a diferença de andamento na música.

Por meio da música, também, foi possível desenvolver a expressão corporal e vocal, a sensibilidade ao toque, controle do espaço, relaxamento através de brincadeiras simples. Por exemplo, ouvindo uma música, nos espreguiçávamos, nos movimentávamos pelo espaço da sala de aula, nos tornávamos “tatuzinhos bola” à espera de algum colega nos acordar. A música também propiciou que as crianças se envolvessem mais no grupo, como exemplifica o episódio da dança “*break*” sugerida por Davi e compartilhada pelas demais crianças. Partiu deles a idéia de mostrar a dança e todo o grupo se envolveu.

A música mostrou ser uma aliada na preparação e organização do grupo para nossa roda de conversa. Através de canções simples, como “A roda”, formávamos uma grande roda e dançávamos até que ao final da canção todos estavam em círculo e prontos para o diálogo em grupo.

A partir do exercício de compartilhar canções com o grupo, as crianças passaram a respeitar mais a diversidade musical existente no grupo. Desenvolvendo a noção de diversidade cultural através da troca de experiências musicais, educamos o nosso olhar para a aceitação do outro. Como ressalta Maffioletti (2002), as diferentes maneiras de ser e de viver nos mostram que aquilo que nos parece estranho pode ser um valor aceito e cultivado por outros.

O incidente com uma das alunas (Isa) e seus colegas possibilitou que dialogássemos justamente sobre essa diversidade: não gostar da mesma música que o meu colega não me torna seu inimigo. Assim, compartilhar canções possibilitou um processo educativo no sentido do respeito ao diferente e no sentido de conhecer coisas novas, canções que não conhecíamos e passamos a conhecer e, ainda, conhecer o que os colegas apreciavam ou não em termos musicais. Também permitiu que observássemos que uma mesma canção possuía diferentes valores para cada criança, como foi o caso de Glaís e Danilo com a canção “Barbie Girl”. Dessa maneira, é possível concordar com o que dizem os Documentos sobre Pluralidade Cultural, quando afirmam que

É decisivo propiciar um ambiente respeitoso, acolhedor, que inclua a possibilidade de o aluno trazer para a sala de aula seu repertório lingüístico e cultural. Falas, costumes, saberes, tradições diversas que

sejam trazidas pelos alunos comporão uma base para a ampliação de informações sobre outras culturas. Conhecer a si próprio, sua cultura, organizar esse conhecimento de forma que possa dar-se a conhecer, permitirá a integração entre o vivido e o aprendido” (Secretaria da Educação Fundamental, Vol. 10: p.67).



Figura 5 – Grupo reunido no parquinho da escola.

Compartilhar canções, portanto, permitiu que os alunos assumissem suas experiências musicais e dialogassem sobre elas, uma vez que como seres sociais, os alunos não são iguais. Como ressalta Souza (2004), os alunos

Constroem-se nas vivências e nas experiências sociais em diferentes lugares, em casa, na igreja, nos bairros, escolas e são construídos como sujeitos diferentes e diferenciados no seu tempo-espço. E nós, professores, não estamos diante de alunos iguais, mas jovens ou crianças que são singulares e heterogêneos socioculturalmente, e imersos na complexidade da vida humana (Souza, 2004: p.10).

Ao mostrarem os estilos de música que apreciavam, os alunos também revelaram um pouco de sua identidade. Dessa forma, pudemos observar que, tal qual afirma Swanwick (2003), a música é capaz de promover e enriquecer nossa compreensão sobre nós mesmos e sobre o mundo.

Em suma, o capítulo apresentou a dinâmica dos encontros realizados com o grupo formado pela professora Patrícia e seus alunos, Moniele e eu, detalhando os momentos vivenciados em cada um deles: as atividades musicais, as conversas, os conflitos, os avanços em termos de participação e comunicação no grupo. Também contemplou minhas considerações a partir das vivências no grupo, das entrevistas com a professora Patrícia e Moniele, assim como aprendizagens construídas no processo. A última parte desse trabalho inclui minhas considerações finais sobre o processo vivenciado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freire (2001), afirma que o grande problema do educador não é discutir se a educação pode ou não pode, mas é discutir onde pode, como pode, com quem pode, quando pode, reconhecendo os limites que sua prática impõe.

É perceber que o seu trabalho não é individual, é social e se dá na prática social de que ele faz parte. É reconhecer que a educação, não sendo a chave, a alavanca da transformação social, como tanto se vem afirmando, é, porém, indispensável à transformação social” (Freire, 2001: p.98)

Formar um grupo com uma professora de Ensino Fundamental e seus alunos, e com Moniele, foi uma rica experiência. Como afirma Freire (2001), temos o dever de descobrir espaços para ação e de nos organizarmos nesses espaços. Nenhuma realidade “é porque tem que ser”. Ela pode ser “mutável, transformável”. Assim, criar um espaço, no contexto escolar, com possibilidade para vivenciar a música de uma maneira diferente, estimulando o diálogo sobre diversidade cultural representou uma descoberta de espaço para ação e um exercício de organização nesse espaço.

As crianças se mostraram receptivas ao grupo e à proposta de, partindo do compartilhamento de preferências musicais, dialogarmos sobre nossos referenciais culturais e compartilharmos histórias de vida e as canções que dela fazem parte, num exercício de respeito ao outro que pensa, sente e se expressa de maneira diferente da minha.

No decorrer do processo pude observar o quanto aquele grupo se transformou em termos de interação e participação. Isa, por exemplo, que recusava sentar-se com o grupo, interagir com outras crianças, com exceção de Elisa, participar das conversas do grupo quando seu pedido pela música Bambu não era satisfeito, passou a participar com maior frequência nos diálogos, nas brincadeiras e interagir com outras crianças, inclusive com Danilo, aluno com o qual ela teve um desentendimento durante um dos encontros. João, o aluno mencionado pela professora Patrícia, na entrevista, que só aceitava formar dupla com André, passou a interagir com outras crianças, formar outras

duplas em sala de aula quando assim solicitado pela professora, inclusive com meninas. Wander, que pouco falava perante o grupo passou a se expressar através de suas opiniões e da dança, assim como Davi, Danilo, João e outras crianças.

Quando Davi sugeriu mostrar o que sabia sobre capoeira e *break*, observei o quanto o grupo tinha crescido em termos de participação. Davi parece ter percebido que dentro da escola também há espaço para compartilhar suas experiências culturais vivenciadas fora do contexto escolar. Danilo também enriqueceu nossos encontros com suas músicas aprendidas em outros contextos: projetos que freqüentava, sua igreja. Foi uma oportunidade para que o aluno apresentasse às demais crianças o que aprendera em outros espaços e, através dessa mostra, quem era o Danilo quando não estava na escola, o que gostava de fazer, de que outros grupos fazia parte.

De um modo geral, as crianças passaram a sugerir atividades, escolher músicas que se adequavam às mesmas, criticar o que não gostavam, sugerir mudanças, ouvir opiniões diferentes das suas, o que não ocorria quando iniciamos nossa convivência em grupo. O que buscamos foi justamente construir um espaço no cotidiano escolar para diálogo e, a partir desse diálogo, compreender que muitas culturas estavam presentes naquela sala de aula. Retomando o que diz Freire (2005) sobre educação libertadora, acredito que o diálogo sobre culturas, por meio da troca de referências musicais e pessoais, contribuiu para o desenvolvimento do poder de captação e de compreensão do mundo que, de uma realidade estática tornou-se uma realidade em processo, em transformação.

A partir do desenvolvimento da capacidade de dialogar, de compartilhar experiências, de valorizar a diversidade cultural, o grupo parece ter desenvolvido também a capacidade de visualizar a diversidade como algo presente e positivo em nossas vidas.

Se “inventar e construir diferenças são potencialidades humanas”, como nos coloca Gomes (2006), dialogar sobre essas diferenças e aprender a olhar para as mesmas de outra maneira parece ser um caminho para a valorização da diversidade cultural presente em nosso cotidiano. A roda de conversa parece haver contribuído para o desenvolvimento do diálogo e da transformação do olhar. Penso que uma pesquisa pode representar um instrumento de luta quando, concordando com Silva (2005), oferece caminhos para a reconstrução de identidades.

O trabalho desenvolvido com aquele grupo representou o início de um processo, como pontuou a professora Patrícia. E esse processo não tem fim: “nos reconstruímos continuamente” (Fiori, 1986: p.09). No cotidiano, cada um de nós, participantes do grupo, continuaremos construindo e reconstruindo nossas identidades ao travarmos contato com pessoas, ambientes, situações. O que espero é que através da nossa convivência e do diálogo possamos ter contribuído para a transformação da maneira como iremos enxergar essas pessoas, ambientes e situações. Como iremos lidar com a diversidade à nossa volta e como dialogaremos com quem pensa diferente de mim.

A professora Patrícia sempre esteve disposta a participar em todos os momentos da intervenção, auxiliando, inclusive, fora do contexto dos encontros. Sempre que necessário ela partilhava conosco suas preocupações em relação ao grupo e nos dava suporte para lidarmos com necessidades apresentadas pelo grupo, através de diálogos informais, de comunicação via internet. A postura da professora me faz lembrar o que diz Freire (2006b) sobre respeito à dignidade do educando, sua identidade em processo. A professora Patrícia parece, de fato, pensar em maneiras de realizar uma prática educativa em que o respeito ao educando se realize em lugar de ser negado.

Ao ouvir o que as crianças traziam, musicalmente, também pude me conhecer melhor, minha visão sobre música, meus gostos: gosto relacionado com minha vivência de mãe, educadora musical, apreciadora de bossa-nova e jazz. Como destaca Swanwick (2003), a exposição a outras culturas ajuda-nos a entender algo da nossa. Pude perceber também o quanto meu olhar musical se ampliou no sentido de verificar que a influência da mídia é um fato e precisamos aprender a lidar com esse fato. As crianças ouvem Kelly Key, Xuxa, Rebeldes, entre outras, parecem ser músicas às quais elas mais facilmente têm acesso. Relembrando Penna (2005), as referências para as práticas pedagógicas em educação musical não podem se restringir à música erudita, que se enraíza na cultura européia. Torna-se indispensável abarcar a diversidade de manifestações musicais, incluindo as populares e as da mídia. Por outro lado, as crianças não ouvem apenas esse tipo de música, como revelou, por exemplo, o grupo formado por Danilo, Isa e Elisa, ao cantarem diversas músicas aprendidas em projetos externos à escola e Danilo ao cantar um hino aprendido em sua igreja. Importante lembrar o que diz Penna (2005) a esse respeito: o diálogo entre diversas manifestações artísticas, quando trabalhado em sala de

aula, pode promover a troca de experiências e a ampliação do universo cultural dos alunos. Daí a necessidade de busca pela aproximação com a cultura do outro, para poder compreendê-la e, por outro lado, buscar o distanciamento para uma análise crítica do que eu valorizo culturalmente para assim romper com a visão naturalizada que torna meu mundo uma referência única e medida para todas as coisas

Moniele, enquanto colaboradora da pesquisa, também teve seu olhar sobre o que vivenciamos com aquele grupo. Segundo Moniele, “houve espaço para troca de conhecimentos e experiências”. Ela contribuiu muito no grupo estando sempre presente, compartilhando conosco suas preferências musicais – músicas folclóricas – suas opiniões sobre diversidade cultural, tocando instrumentos para as crianças.

Finalizando, acredito na possibilidade de transformação do meu olhar e da minha postura perante as diferenças que me cercam quando me disponho a refletir e dialogar sobre as mesmas, bem como despertar para a necessidade da luta pela “reinvenção do mundo”. Acredito que de fato

“A educação para os direitos humanos, na perspectiva da justiça, é exatamente aquela educação que desperta os dominados para a necessidade da briga, da organização, da mobilização crítica, justa, democrática, séria, rigorosa, disciplinada, sem manipulações, com vistas à reinvenção do mundo, à reinvenção do poder” (Freire, 2001: p.99).

Através do diálogo construímos novos conhecimentos. Musicalmente, aprendemos a conhecer além do conhecido. Eu, particularmente, aprendi a ver o cotidiano, as mesmas coisas com as quais sempre me deparei, de uma maneira diferente. Pude refletir sobre maneiras de tornar o diálogo multicultural presente também em outros momentos de minha vida, fora do contexto de pesquisa. Tenho três filhos, pequenos e, através do que vivenciei durante minha pesquisa, do contato com o referencial teórico da linha de pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos”, pude redirecionar também a maneira de educá-los no sentido de valorização do diálogo cultural, do respeito ao outro, diferente na maneira de agir, vestir, pensar, mas nem por isso inferior ou superior a mim. Passei por momentos felizes e angustiantes, no âmbito pessoal, durante a realização dessa pesquisa: nascimento de um filho, morte de um ente querido, adaptação a uma nova cidade. Essa pesquisa sempre estará imbricada com esses momentos, fazendo parte da minha memória, e será sempre o corpo de conhecimento que comecei a desenvolver nesse processo de pesquisa e marcará

profundamente minha atuação profissional. A convivência com as crianças, a professora Patrícia e Moniele deixará saudades. Através desse trabalho, espero poder contribuir para que outros pesquisadores avancem na direção da valorização de processos educativos que questionem relações pedagógicas, recriem essas relações, redirecionem olhares. No entanto, já é possível afirmar que o processo de pesquisar e vivenciar músicas com crianças em escolas públicas se mostra uma possibilidade real diante da volta do ensino de música ao currículo escolar, aprovada pela Lei 11.769/2008, conquanto a conquista por especialistas da área musical atuando nesse sentido ainda represente um alvo a ser alcançado. Porém, como ressalta Penna (2008), a conquista de espaços para a música na escola depende, em grande parte, do modo como atuamos concretamente no cotidiano escolar e diante das diversas instâncias educacionais. Temos que ocupar com práticas significativas os espaços possíveis e progressivamente ampliá-los.

FONTES CONSULTADAS

ABRAHAMS, F. Aplicação da pedagogia crítica ao ensino e aprendizagem de música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V.12/março, p. 65-73, 2005.

ABRAMOWICZ, A.; SILVÉRIO, V. R.; OLIVEIRA, F.; TEBET, G. G. de C.. **Trabalhando a diferença na educação infantil**: propostas de atividade. São Paulo: Moderna, 2006, 127p. (Série Cotidiano escolar: ação docente).

ALMEIDA, M. B. de; PUCCI, M.. (s/d) **Outras terras, outros sons**. São Paulo: Fax Musical e Ethos. (s/d)

BARBOSA, L. M. de A. et al. (2003) **De preto a afrodescendente**: trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil. São Carlos: EdUFSCar.

BEINEKE, V.. Construindo um fazer musical significativo: reflexões e vivências. **Revista Nupeart**. Florianópolis: UDESC, V.1, n.1, p.68.

BERNARDES, E. L.. Jogos e brincadeiras: ontem e hoje. **Cadernos de História da Educação**, número 4. Jan/Dez, 2005. p. 45-54.

BOSI, A. Cultura brasileira, culturas brasileiras. In: _____ **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308-373.

BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. 10ª Ed. Petrópolis: Vozes. 10ª edição. 1986.

BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos**: a experiência da partilha através da pesquisa na educação. São Paulo: Cortez. 2003. 316 p.

BRANDÃO, C. R. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo**: uma história de pessoas, letras e palavras. Participação de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Editora UNESP. 2005. 149 p.

BRANDÃO, C. R. (Org.) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense. 1999a. 252 p.

BRANDÃO, C. R. (Org.) **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense. 1999b. 211p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF. 1997.

BRITO, T. A. de. **Música na Educação Infantil**: propostas para a formação integral da criança. 2. Ed. São Paulo: Petrópolis. 2003. 204p.

BRITO, M. T. A. de. Música. In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: conhecimento de mundo**. V.3. 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em 20/07/2008.

BRITO, M. T. A. de. **Por uma educação musical do pensamento**: novas estratégias de comunicação. 2007 297 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

CAMARGO, F. M. A atualidade de Freire nos cursos de Pedagogia. In: FREIRE, Ana Maria A. (Org.) **A pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo: Editora UNESP. 2001. 65-69.

CORAZZA, S. M. Nos tempos da educação: cenas de uma vida de professora. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 12, Março. p.7-10. 2005.

DEL BEN, L.; HENTSCHE, L. Educação musical escolar: uma investigação a partir das concepções e ações de três professoras de música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 7, setembro. p.49-57. 2002.

DEL BEN, L. Ouvir-ver música: novos modos de vivenciar e falar sobre a música. In: SOUZA, J. (org.) **Música, cotidiano e educação**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS. 2000.

DUPAS, M. A. **Pesquisando e normalizando**: noções básicas e recomendações úteis para a elaboração de trabalhos científicos. São Carlos: EdUFSCar. 2002.

DUSSEL, E. D. Para uma ética da Libertação Latino Americana III: Erótica e Pedagógica. São Paulo: Loyola; Piracicaba: UNIMEP. S/D. 281 p.

FIGUEIREDO, S. L. F. Educação musical nos anos iniciais da escola: identidade e políticas educacionais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 12, março. p. 21-29. 2005.

FIORI, E. M. Conscientização e educação. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS. 11(1):3-10. Jan./Jun. 1986.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 29. Ed. São Paulo: Paz e Terra. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. 2006a. 79 p.

FREIRE, P. R. N. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra. 33ª edição. 2006b. 148 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. 13ª edição. 2006c. 245 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Editora UNESP. Organização e notas: Ana Maria Araújo Freire. 2004. 329 p.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP. 2001. 300 p.

FREIRE, P. R. N. **Pedagogia do oprimido**. 40ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. 213 p.

FREIRE, V. L. B. **Música e sociedade: uma perspectiva história e uma reflexão aplicada ao ensino superior de música**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1992.

GAINZA, V. H. de. **Estudos de psicopedagogia musical**. 3ª Ed. Tradução de Beatriz A. Canabrava. São Paulo: Summus. 1988. (Coleção Novas Buscas em Educação, v. 31). 141 p.

GOMES, N. L. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, Maio/Jun/Jul/Ago. 2003.

GOMES, N. L. Diversidade cultural, currículo e questão racial: desafios para a prática pedagógica. In: ABRAMOWICZ, A.; BARBOSA, L. M. de A.; SILVÉRIO, V. R. (Org.) **Educação como prática da diferença**. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados). 2006. p. 21-40.

GONÇALVES, L. A. de; SILVA, P. B. G. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte: Autêntica. 1988.

GONÇALVES, L.A.de.; SILVA, P. B. G. Multiculturalismo e educação: do protesto de rua a propostas políticas. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n.1, jan/jun. 2003. p. 109-123.

HOFBAUER, A. Raça, cultura e identidade e o “racismo à brasileira”. In: SILVÉRIO, V. R. et. al. (Org.) **De preto a afrodescendente: trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar. 2003. p. 51-68.

JEANDOT, N. **Explorando o universo musical**. 2ª Ed. São Paulo: Scipione. 1993. 174 p.

JOLY, I. Z. L. Cultura musical na Educação Infantil. In: ABRAMOWICZ, A.; SILVÉRIO, V. R.; OLIVEIRA, F.; TEBET, G. G. de C.. **Trabalhando a diferença na educação infantil: propostas de atividade**. São Paulo: Moderna, 2006. (Cotidiano escolar: ação docente). p. 81-97.

KATER, C. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. **Revista da ABEM**. Porto Alegre, V. 10, março. p.43-51. 2004.

LAZZARIN, L. F. A dimensão multicultural da nova filosofia da educação musical. **Revista da ABEM**. Porto Alegre, v. 14, p.125-131, 2006.

LIMA, S. R. A. de. As rupturas ideológicas do processo cultural brasileiro e seus reflexos na educação musical. **Revista ABEM**, Porto Alegre, V.7, setembro, p. 21-29. 2002.

LOPES, N. A presença africana na música popular brasileira. **Revista Espaço Acadêmico** – Nº 50 – Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Julho/2005.

LOUREIRO, A. M. A. A educação musical como prática educativa no cotidiano escolar. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, Vol. 10. Março. p.65-73. 2004.

LOUREIRO, A. M. A. Sem música, sem alegria. **Revista AMAE Educando**. Belo Horizonte, n. 312, p. 6-12. Nov. 2002.

MAFFIOLETTI, L. A.. Aprendizagem e Conhecimento Musical. In: BECKER, F. (Org.). **Aprendizagem e Conhecimento Escolar**. Porto Alegre: Autores Independentes, 2002, v. 1, p. 97-111.

MERGNER, G. Paulo Freire: algumas idéias sobre a razão na solidariedade. In: FREIRE, A. M. A. (Org.) **A pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p.81-91.

MERLEAU-PONTY, M. O ser-para-si e o ser-no-mundo. In: _____. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

MÜLLER, V. Ações sociais em educação musical: com que ética, para qual mundo? **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 10, março, p.53-58. 2004.

OLIVEIRA, A. de J. Educação musical e diversidade: pontes articulação. **Revista da ABEM**. Porto Alegre, v.14, março, p.25-33. 2006.

OLIVEIRA, I. A. de. **Leituras freirenas sobre educação**. São Paulo: EditoraUNESP. (Série Paulo Freire) 2003.

PELLANDA, N. M. C. A música como reencantamento: um novo papel para a educação. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 10,março, p.13-18. 2004.

PENNA, M. Dó, Ré, Mi, Fá e muito mais: discutindo o que é música. **Ensino de Arte – Revista da Associação dos Arte-Educadores do Estado de São Paulo**, vol. II, n. III. 1999.

PENNA, M. (Coord.) **É este o ensino de arte que queremos?** Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais. João Pessoa: Editora Universitária. 2001. 184p.

PENNA, M. Poéticas musicais e práticas sociais: reflexões sobre a educação musical diante da diversidade. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, vol. 13, set. 2005

PENNA, M. Professores de música nas escolas públicas de ensino fundamental e médio: uma ausência significativa. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, vol. 7, setembro. p.7-19, 2002.

PENNA, M. Desafios para a educação musical: ultrapassar oposições e promover o diálogo. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, vol. 13/março, p.35-43. 2006.

PENNA, M. A dupla dimensão da política educacional e a música na escola: analisando a legislação e termos normativos. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 10, março, p.19-28. 2004.

PENNA, M. Caminhos para a conquista de espaços para a música na escola: uma discussão em aberto. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 19, março, p.57-64. 2008.

MORIN, E. Ética e imaginário. In: PENA-VEGA, A.; ALMEIDA, C. R. S.; PETRAGLIA, I. (Org.). **Edgar Morin: ética, cultura e educação**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez. 2003. 175p.

SANTOS, M. A. C. Educação musical na escola e nos projetos comunitários e sociais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 12, março, p.31-41. 2005

SANTOS, R. M. “Melhoria de vida” ou “Fazendo a vida vibrar”: o projeto social para dentro e fora da escola e o lugar da educação musical. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 10, março, p.59-74. 2004.

SCHAFER, R. M. **O ouvido pensante**. Tradução de Marisa T. de O. Fonterrada, Magda R. G. da Silva e Maria L. São Paulo: Fundação Editora da UNESP. 1991. 399 p.

SILVA, P.B.G. Pesquisa e luta por reconhecimento e cidadania. In: ABRAMOWICZ, A.; SILVÉRIO, V.R. (Org..) **Afirmando diferenças: montando o quebra-cabeças da diversidade na escola**. Campinas: Papirus. (Coleção Papirus Educação). 2005. p.27-53.

SILVA, P.B.G. **Educação e Identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro.** 1987 293 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1987.

SILVA, P.B.G. Pode a educação prevenir contra o racismo e a intolerância? Disponível em:< <http://epp-uerj.net/olped/documento/ppcor/0083.pdf>.> Acesso em:15/08/2008.

SOUZA, J. et. al. **O que faz a música na escola?** Concepções e vivências de professores do ensino fundamental. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2002.

SOUZA, J. Educação musical e práticas sociais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 10, março, p.7-18. 2004.

SUBTIL, M. J. D. Mídia, música e escola. Reflexões sobre as práticas musicais no contexto escolar. In: XII ENDIPE, 2004, Curitiba. **Conhecimento local e conhecimento universal:** a aula, aulas nas ciências naturais e exatas, aulas nas letras e artes. Curitiba : Champagnat, v. 3. p. 273-285. 2004.

SUBTIL, M. J. D. Mídias, músicas e escola: a articulação necessária. **Revista da ABEM.** Porto Alegre, V. 16, 75-82, março. 2007.

SWANWICK, K. **Ensinando música musicalmente.** São Paulo: Moderna. 2003. 127p.

TROTTA, F. Música e mercado: a força das classificações. **Revista Contemporânea**, v.3, n.2, jul/dez, p.181-196. 2005.

VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, Maio/Jun/Jul/Ago. 2003.

ANEXOS

ANEXO 1

BAMBU

Brinquedo de roda das crianças da Bahia, Brasil

Bambu tirabu
Arueira mantegueira
Tirá a Luisa
Para ser bambu*

ANEXO 2

BOA TARDE

Thelma Chan e Thelmo Cruz

Boa tarde,
Como vai você?
Meu amigo,
Como é bom te ver!
Palma, palma,
Mão com a mão,
E agora um abraço
De coração.

ANEXO 3

EU

Thelma Chan e Thelmo Cruz

Meu nome é _____
E eu, sou eu.
Eu tenho _____ anos
E eu, sou eu.
Sou filho(a) da natureza,
Animal racional.
Deus me fez assim,
Porque gosta de mim.

ANEXO 4

ORAS BOLAS

Paulo Tatit / Edith Derdyk

Oi oi oi
Olha aquela bola
A bola pula bem no pé
No pé do menino
Quem é esse menino
Esse menino é meu vizinho
Onde ele mora
Mora lá naquela casa
Onde está a casa
A casa ta na rua
Onde está a rua
Ta dentro da cidade
Onde está a cidade
Ta do lado da floresta
Onde é a floresta
A floresta é no Brasil
Onde está o Brasil

Ta na América do Sul
No Continente Americano
Cercado de oceano
E das terras mais distantes
De todo o planeta

E como é o planeta
O planeta é uma bola
Que rebola lá no céu

Oi oi oi oi
Olha aquela bola...

ANEXO 5

A PULGUINHA

Paulo Tatit/Edith Derdyk

A pulguinha pula à beça
E belisca o teu pé
Do pé pula pra cabeça
Vai fazendo cafuné
A pulguinha tão ligeira
Pula logo pra barriga
Tudo é uma brincadeira
Você quer ser minha amiga

Da barriga pro nariz
Do nariz pra bochecha
Da bochecha pro umbigo
Do umbigo pro joelho
Do joelho pro pescoço
Do pescoço pra perna
Da perna pra orelha
Da orelha pra mão...

Da barriga pro bumbum
Do bumbum pro braço
Do braço pra perna
Da perna pra cabeça
Da cabeça pro umbigo
Do umbigo pro pé
Do pé pra mão
Da mão pra barriga.

ANEXO 6

ANIVERSÁRIO

Paulo Tatit/ Luiz Tatit

Hoje eu sinto que cresci bastante
Hoje eu sinto que estou muito grande
Sinto mesmo que sou um gigante
Do tamanho de um elefante
É que hoje é meu aniversário
E quando chega meu aniversário
Eu me sinto bem maior, bem maior
Bem maior, bem maior
Do que eu era antes.

ANEXO 7

PASSA, PASSA GAVIÃO

Tradicional brasileiro

Passa, passa gavião
Todo mundo passa (bis)

As lavadeiras fazem assim (bis)

Assim, assim (bis)

Os sapateiros fazem assim....

As cozinheiras fazem assim...

Assim, assado

Carne seca com ensopado.

ANEXO 8

TODA FAMÍLIA

Uma só pessoa pode ser uma família toda
Essa pessoa é uma multidão
E vai mudando de geração
Aquele que não é mais só filho, é pai
Aquele que não é mais só pai, é avô
Quem não é mais só avô, é bisavô
Quem não é mais bisavô é tataravô

E daí pra frente é só tatata-ra-tara, tatata-ra-tara
Tatata-ra-taravô....(2x)

Uma só pessoa pode ser uma família toda
Essa pessoa é uma multidão
E vai mudando de geração
Aquele que não é mais só filha, é mãe
Aquele que não é mais só mãe, é avó
Quem não é mais só avó, é bisavó
Quem não é mais bisavó é tataravó.

ANEXO 9

CIRANDA, CIRANDINHA

Tradicional brasileiro

Ciranda, cirandinha
Vamos todos cirandar
Vamos dar a meia volta
Volta e meia vamos dar

O anel que tu me deste
Era vidro e se quebrou
A amizade que me tinha
Era pouca e se acabou

Por isso dona _____
Faça o favor de entrar na roda
Diga um verso bem bonito
Diga adeus e vá se embora.

ANEXO 10

A SERPENTE

Folclore Brasileiro

Essa é a história da serpente
Que desceu do morro
Para procurar
Um pedaço do seu rado
Você também,
Você também,
Faz parte do seu rabão.

ANEXO 11

CAMALEÃO

O camaleão rosa choque ou rosa grená
Despertou numa manhã tão cheia de cores no ar
Deu bom dia para a violeta roxa e lilás
Lavou o seu rosto no orvalho verde a brilhar

Eu visto a cor que eu quero
Se é sol eu sou amarelo

Subiu pelos galhos da figueira e ficou marrom
Encontrou o vagalume aceso e virou neon
Quando viu o sabiá cantando já mudou de tom
Qualquer cor que pinte pela frente ele acha o tom...

ANEXO 12

O ELEFANTE

Autor desconhecido

O elefante queria voar
A mosca disse você vai cair
O elefante teimoso voou
Voou, voou e caiu!

CARNEIRINHO, CARNEIRÃO

Folclore brasileiro

Carneirinho, carneirão
Olhai pro céu, olhai pro chão
Mande o rei, nosso senhor
Para todos se sentarem

Carneirinho, carneirão,
Olhai pro céu, olhai pro chão
Mande o rei, nosso senhor
Para todos se levantarem

Carneirinho, carneirão
Olhai pro céu, olhai pro chão
Mande o rei, nosso senhor
Para todos se ajoelharem

Carneirinho, carneirão
Olhai pro céu, olhai pro chão
Mande o rei, nosso senhor
Para todos se levantarem

Carneirinho, carneirão
Olhai pro céu, olhai pro chão
Mande o rei, nosso senhor
Para todos se deitarem

Carneirinho, carneirão
Olhai pro céu, olhai pro chão
Mande o rei, nosso senhor
Para todos se levantarem.

ANEXO 13

“CANÇÃO DO DANILO”

Pedro, Tiago e João no barquinho
Pedro, Tiago e João no barquinho
Pedro, Tiago e João no barquinho
No mar da Galiléia

Jogaram a rede mas não pegaram peixe
Jogaram a rede mas não pegaram peixe
Jogaram a rede mas não pegaram peixe
No mar da Galiléia

Cristo veio andando sobre as ondas
Cristo veio andando sobre as ondas
Cristo veio andando sobre as ondas
Do mar da Galiléia

Puxaram a rede cheia de peixinhos
Puxaram a rede cheia de peixinhos
Puxaram a rede cheia de peixinhos
Do mar da Galiléia

ANEXO 14

BALÉ

Sandra Peres e Zé Tatit

Pisar no chão com a ponta do pé
Tocar o céu com a palma da mão
Manter ereta a postura
Amolecer a cintura
Balé precisa de dedicação

O bê-a-bá é o pas de bourée
Depois vem o pas de deux, “dois plier”
Nasci pra ser bailarina
É só por a sapatilha
Já sinto bater o meu coração

Papai um dia me deu um conselho
Treinar sozinha na frente do espelho
Às vezes sonho que estou dando um salto
E caio bem no meio de um palco

Tocar o céu com a ponta do pé
Pisar no chão com a palma da mão
Com longos alongamentos
O corpo é um instrumento
Balé precisa de dedicação.

ANEXO 15

ROMEU E JULIETA

Todo Romeu é azul?

Não é, não!

Todo o Reino é azul?

Não é, não!

Toda beleza é azul?

Não é, não!

Todo sorriso é azul?

Não é, não!

Agora tudo mudou

Já era

Quando Julieta passou

Na tela

E a sua luz era amarela

ANEXO 17

UMA ESTÓRIA

Paulo Tatit/ Zé Tatit

Eu vou te contar uma estória
Agora atenção
Que começa aqui no meio
Da palma da tua mão
Bem no meio tem uma linha
Ligada ao coração
Que sabia desta estória
Antes mesmo da canção
Dá tua mão, dá tua mão, dá tua mão...

ANEXO 18

PÉ DE NABO

Sandra Peres e Luiz Tatit

Ser assim é uma delícia
Desse jeito como eu sou
De outro jeito dá preguiça
Sou assim pronto e acabou

A comida de costume
Como bem e não regulo
Mas têm sempre alguns legumes
Que eu não sei como eu engulo

Brincadeira, choradeira
Pra quem vive
Uma vida inteira

Mentirinha, falsidade
Pra quem vive só pela metade

Quando alguém me desaponta
Paro tudo e dou um tempo
Dali a pouco eu me dou conta
Que ninguém é cem por cento

Seja um príncipe ou um sapo
Seja um bicho ou uma pessoa
Até mesmo um pé de nabo
Tem alguma coisa boa
Tem alguma coisa boa....

ANEXO 19

ESTICA, DOBRA

Paulo Santos/ Ana Lúcia Braga

Estica, dobra
Estica, dobra

Dança de criança
Trança que balança
A dança
Trança dança e balança
Dança, trança,
Estica, dobra....
Dança de criança
Trança que balança
A dança
Trança dança e balança
Vai viajar
Pelo céu
Qualquer lugar
Isso é bem fácil assim
Trança dança e balança
Dança, trança

ANEXO 20

BOLACHA DE ÁGUA E SAL

Sandra Peres e Paulo Tatit

Gosto quando vou brincar na rua
Gosto quando encontro o meu amigo
Gosto quando a mãe do meu amigo
Me oferece uma bolacha de água e sal

Gosto de bolacha sem açúcar
Gosto de bolacha sem recheio
Gosto de bolacha sem perfume
Gosto do que é normal

Uma bolacha de água e sal
É uma coisa natural
É barata e não faz mal
De qualquer marca, é tudo igual

Quando a gente tá meio enjoado
Quando a gente está passando mal
Quando a gente fica aperreado
Bolacha de água e sal

Quando a minha vó era criança
Quando a vida era sempre igual
Lá na roça acordavam cedo
Pra comer bolacha de água e sal

Quando meu avô era criança
Veio num navio de Portugal
A viagem ficou na lembrança
Só comiam bolacha de água e sal

O meu gosto é radical
Gosto do que é fundamental
Farinha, fermento, água e sal
Simplicidade no trivial

Se um dia você for lá em casa
Pra brincar comigo no quintal
Vamos combinar um pic-nic
Pra comer muita bolacha....
De água e sal

ANEXO 21

SOL, LUA, ESTRELA

Quando a lua chega
De onde mesmo que ela vem?
Quando a gente nasce
Já começa a perguntar,
- Quem sou? Quem é?
Onde é que estou?

Mas quando amanhece
Quem é que acorda o sol?
Quando a gente acorda
Já começa a imaginar,
- Pra onde é que eu vou? Qual é?
No que é que isso vai dar?

Quando a estrela acende
Ninguém mais pode apagar.
Quando a gente cresce
Tem o mundo pra ganhar
- Brincar, dançar, saltar, correr
Meu Deus do céu, onde é que eu vim parar?

ANEXO 22

VOCÊ CONHECE O VENTO?

Nelson Triunfo

Se que você acredita no claro do cometa
E em quase tudo que existe aqui no nosso planeta,
Mas nem tudo aqui na terra veio pra ficar
Eu posso apagar as letras da caneta
Existe coisa interessante e mais importante
Que nem mesmo o homem com a sua sabedoria consegue explicar
Porém agora eu quero falar, sobre dois amigos: o vento e o ar
O vento é livre, gosta de voar
O homem não vive sem respirar, é como se tirasse um peixe do mar
E o cata-vento?
Cata cata o vento

O vento ta aqui, o vento ta lá; o vento vai embora e torna a voltar
O vento ta no mar; na certa ele não tem casa pra morar
O vento ta aqui, o vento ta lá; o vento vai embora e torna a votar
O vento ta no mar; ta dentro de você, é só você soprar

Eu conheço o vento há muito tempo
Ele é a sensação no calor do verão
O vento faz a festa nas folhas da floresta
Mas se ele fica nervoso, vira um furacão (e não respeita nada na contramão)
O vento traz as águas da chuva, mas ele não tem freio e sobra nas curvas
Tem vento educado e vento sem-vergonha que faz a confusão e foge da raia
Passa pela praia depois invade as ruas
Mexendo com as garota, levantando a saia

Tem vento que é legal, tem vento que é mau;
Tem vento imoral e vento normal
Existe vento brando e vento vendaval,
Tem vento no Natal e no Carnaval
Tem vento estrangeiro invadindo o litoral,
Virando brasileiro, vento tropical
Ele tem mistério, ele tem poder, o vento lhe abraça mas você não vê
O vento não tem asas mas sabe voar,
Não usa passaporte, ta em qualquer lugar
Ta em todo lugar e dentro de você, é só você soprar
O vento sempre complica o bêbado no andar,
Traz ele pra cá e leva ele pra lá
Derruba seu boné só pra lhe xingar

O vento é espião porque sabe sempre onde você está,
Ele leva meu perfume só pra te provocar
E o cata-vento?
Cata, cata o vento.

ANEXO 23

TA NA HORA DE MAMAR

Paulo Tatit / Zé Tatit

Da floresta da Tijuca ao sertão do Ceará
Do Egito até a China, do Saara ao Canadá
Todo bicho quer brincar
Mas é hora de mamar

Mamãe bicho tem paciência e não se cansa de chamar
Diz que se passar da hora o bichinho vai chorar
Macaquinho vem pra cá
Ta na hora de mamar

Macaquinho já mamou tudo que tinha pra mamar
Mas estou vendo no muro um gatinho angorá
Ei gatinho vem pra cá
Ta na hora de mamar

O gatinho já mamou tudo o que tinha pra mamar
Mas no pasto um carneirinho não se cansa de berrar
Carneirinho vem pra cá
Ta na hora de mamar

Carneirinho já mamou tudo o que tinha pra mamar
Mas eu seu de uma preguiça com preguiça de acordar
Ei preguiça vem pra cá
Ta na hora de mamar

A preguiça já mamou tudo o que tinha pra mamar
Já chamei duas três vezes o golfinho lá no mar
Ei golfinho vem pra cá
Ta na hora de mamar

Todo bicho quer brincar
Mas é hora de mamar.

ANEXO 24

SOPA DO NENÊ

Sandra Peres

Que que tem na sopa do neném?

Que que tem na sopa do neném?

Será que tem espinafre

Será que tem tomate

Será que tem feijão

Será que tem agrião

É 1, é 2, é 3

Farinha

Balinha

Macarrão

Caminhão

É 1, é 2, é 3

Rabanete

Sorvete

Berinjela

Panela

É 1, é 2, é 3

Mandioca

Minhoca

Jacaré

Xulé

É 1, é 2, é 3

Alho poro

Sabão em pó

Repolho

Piolho

Caqui

Javali

Palmito

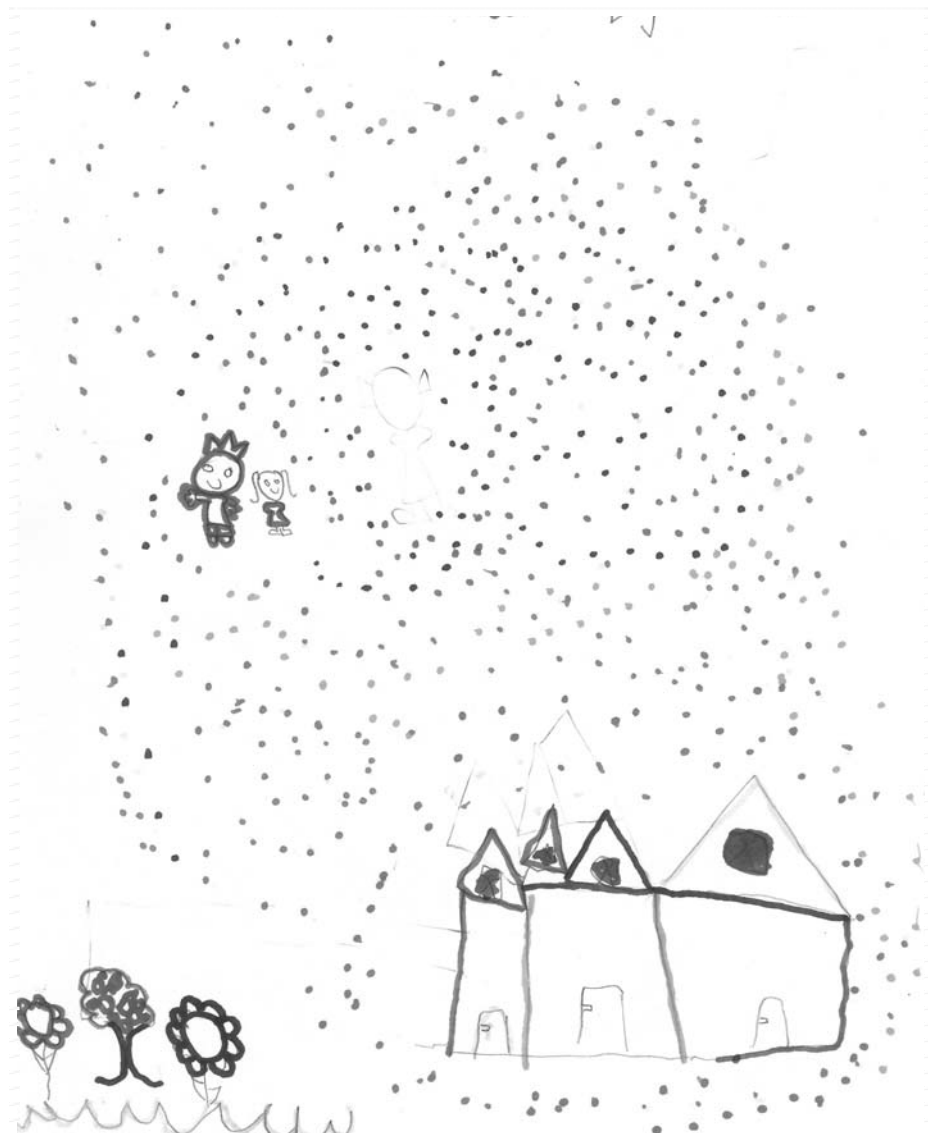
Pirulito

ANEXO 25

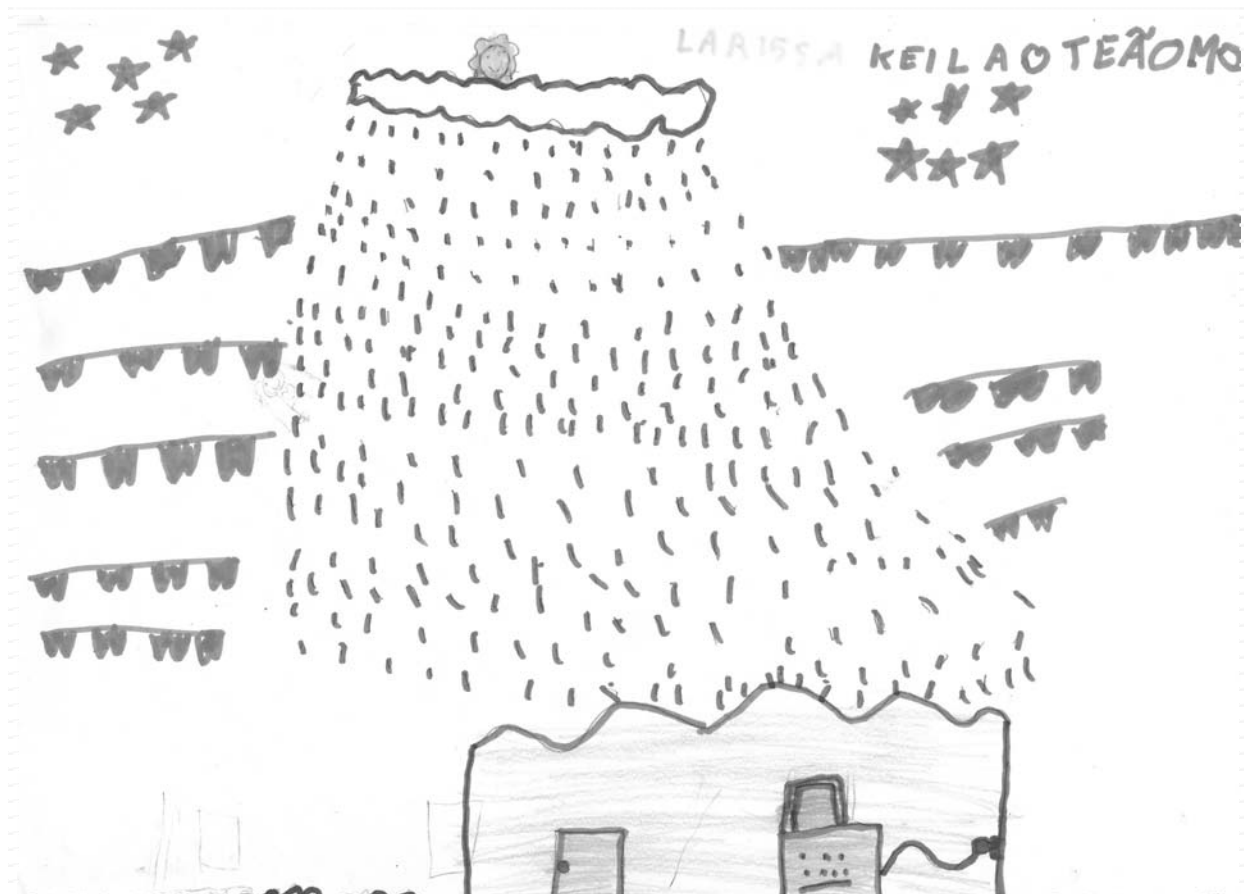
DESENHOS DAS CRIANÇAS



DESENHO DE ELISA, REPRESENTANDO O LUGAR ONDE VIVE



DESENHO DE MARIA, REPRESENTANDO O LUGAR ONDE VIVE



DESENHO DE LAURA, REPRESENTANDO O LUGAR ONDE VIVE



DESENHO DE ISA, REPRESENTANDO O LUGAR ONDE VIVE



DESENHO DE DANILO, REPRESENTANDO O LUGAR ONDE VIVE



DESENHO DE WANDER, REPRESENTANDO O LUGAR ONDE VIVE

ANEXO 26

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO PARA OBSERVAÇÃO E DIÁLOGO COM OS ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA EMEB JANETE MARTINELLI LIA

Eu _____,
responsável por _____, fui informado(a) da realização de uma pesquisa com os alunos da professora _____, pertencentes ao 1º ano do Ensino Fundamental da EMEB _____ a fim de investigar “Música no Ensino Fundamental: contribuições de um trabalho de parceria entre uma pesquisadora, uma professora de séries iniciais e seus alunos”, tendo como pesquisadora responsável a Srª Keila de Mello Targas. Os alunos foram convidados(as) a participar de uma roda de conversa na qual serão compartilhadas músicas que façam parte do cotidiano das famílias ali representadas, assim como serão desenvolvidos diálogos sobre culturas e experiências de vida. Também fui informado que durante os diálogos na roda de conversa serão utilizados um gravador, uma filmadora e uma câmera fotográfica que registrarão os diálogos. Não haverá riscos ou desconfortos, assim como gastos de qualquer natureza. Fui informado de que a participação na pesquisa é voluntária, ou seja, o aluno (a) só participará se quiser. Terei direito a esclarecer todas as dúvidas que possam surgir durante o andamento da pesquisa. Declaro estar de acordo com a divulgação dos resultados da pesquisa, através da tese de doutorado e artigos em revistas e periódicos. Li ou leram para mim as informações acima e tive a chance de esclarecer dúvidas e fazer perguntas sobre esta pesquisa, que me foram respondidas satisfatoriamente.

Assinatura do responsável

ANEXO 27

DIÁRIO DE CAMPO

ENCONTRO 2

19/06/2006

Conhecendo a professora

Hoje fomos (eu e a Ilza) à EMEB novamente. Através de contato telefônico pela manhã, combinamos de encontrar a professora Patrícia, professora com a qual estaremos desenvolvendo nossa pesquisa. Chegando à escola, nos dirigimos à sala de aula da professora Patrícia, responsável por uma classe de 1º ano (antigo pré-primário). É o primeiro ano dessa experiência: crianças com 6 anos frequentando o ensino fundamental. As crianças não estavam na sala porque era horário de Educação Física. Assim, conversamos, naquele momento, somente com a professora. No decorrer do diálogo, Patrícia nos contou que está atuando profissionalmente há 3 anos. Formada em Pedagogia pela UFSCar, ela iniciou sua carreira logo que terminou a faculdade. Inicialmente ela lecionou para uma turma de 3ª série, permanecendo com essa turma no ano seguinte, quando então foram para a 4ª série. Esse é o primeiro ano em que ela trabalha com essa faixa etária (crianças de 6 anos) e ela comentou que está achando muito diferente. O ritmo de trabalho é diferente e ela afirma estar se adaptando ao novo contexto. Perguntamos o que ela achava da nossa proposta, de desenvolvermos um trabalho em parceria envolvendo a música através do qual pudéssemos dialogar sobre identidade, culturas, valorizando a diversidade cultural ali representada. Ela achou a proposta interessante e disse que uma das razões pelas quais ela quis participar da pesquisa foi porque no ano passado, havia uma professora que alfabetizava os alunos através da música. Ela achou que o nosso trabalho poderia ajudar nesse sentido também. No entanto, ela tinha receio de desviar o foco do meu trabalho. Respondi que não havia “meu” foco, que podíamos construir juntas esse foco. Minha intenção era justamente delinear o trabalho em parceria e se alfabetização representava algo importante para aquele momento, e se a música pode auxiliar nesse contexto, poderíamos pensar em algo nesse sentido. Combinamos de conversar novamente na quinta-feira, às 12:30h, na escola, porque nesse dia, em virtude do jogo do Brasil pela Copa do Mundo, não haverá

aula e ela estará na escola até às 15:00h. Assim, poderemos conversar mais, compartilhar mais idéias e ela poderá me falar mais a respeito dos conteúdos que ela vem desenvolvendo com as crianças. Enquanto ainda estávamos combinando esse novo encontro, as crianças foram chegando da aula de Educação Física e a professora precisava continuar sua aula. Assim, cumprimentamos as crianças e nos despedimos da professora.

Minhas impressões

Fiquei muito feliz em conhecer a professora. Estava um pouco aflita por trabalhar em parceria num sentido diferente do que até então eu via como parceria. Explicando melhor: no mestrado eu desenvolvi um programa de formação continuada e, embora contasse, e muito, com a colaboração das professoras, a parceria se configurou de forma diferente: eu propunha as atividades, desenvolvíamos as mesmas e as professoras davam um retorno do que haviam desenvolvido com as crianças. Agora, diante de um novo referencial teórico, de uma nova perspectiva, estava um pouco receosa sobre os rumos que o trabalho ganharia. Após dialogar com a professora, ouvi-la, percebi que o trabalho irá se constituindo de fato em contínua colaboração, que através do diálogo iremos nos estruturando e reestruturando de acordo com as necessidades das pessoas envolvidas nesse trabalho. Isso me confortou e agora me sinto motivada a conhecer mais sobre a professora e seus alunos, a me fazer conhecida por eles.

ANEXO 28

DIÁRIO DE CAMPO

ENCONTRO 14

31 de outubro de 2006

Iniciamos o encontro com uma brincadeira na qual ao ouvir uma música as crianças deveriam ir dando as mãos e formando uma roda.

Keila – Olha....a brincadeira é a seguinte....pega na mão do colega e não pode desgrudar! Essa música é bem calma....

Depois da brincadeira proponho que ouçamos uma canção que eu escolhi para o encontro (na semana passada, Moniele havia trazido uma contribuição e sempre deixávamos que as crianças também trouxessem canções para compartilhar com o grupo).

Keila – Primeiro eu quero que vocês ouçam essa música, depois eu falo sobre ela....essa foi a música que eu escolhi, porquê eu falo depois, ta bom?...eu quero que vocês ouçam. A importância da música está na letra dela....

Juntos ouvimos a canção “Pé de Nabo” do CD Pé com Pé. As crianças fazem silêncio para apreciar a canção.

Keila –agora eu vou contar porque eu achei interessante essa música, porque ela me atraiu....são várias coisas....a primeira coisa é que ela tem um ritmo....sabem como chama esse ritmo? Ritmo de Lundu... dizem que nos tempos coloniais, quando o Brasil era colônia ainda, esse ritmo, o Lundu, ele era dançado pelos escravos africanos nos terreiros das fazendas e ela era uma dança muito bonita! Era uma dança bem dengosa e rebolada! Tocada com tambores e eles também cantavam, e o patrões da casa grande, como eles chamavam a casa principal da fazenda, tinham vontade entrar na roda para brincar junto com os negros mas eles não iam....os brancos resolveram então levar o Lundu para seus ricos salões mas sem os tambores....no lugar nos tambores eles colocavam o violão, o bandolim....o bandolim é um instrumento que veio da Itália no século XVI, então há muito tempo atrás (enquanto falava sobre os instrumentos ia passando uma folha com o desenho desses instrumentos)....e o outro instrumento que eles usavam era o cravo....quando a gente aperta a notinha do cravo, ela pinça as cordas então ela emite um som sequinho....no piano é um martelinho que bate nas cordas, o som é mais longo....então eu vou passar o desenho do cravo e do bandolim...dizem os entendidos que a música popular brasileira começou com esse ritmo...sabem por que eu também escolhi essa música? Ela fala umas coisas, na letra, muito interessantes...ela fala que a gente tem que ser do jeito que a gente é...por exemplo, você gosta de macarrão, Wander?

Wander – Gosto....

Keila – Mas tem comida que você não vai muito com a cara....

Wander – Cebola....ardida eu não gosto!

Carlos mostra um CD que trouxe.

Keila – Você trouxe? Que legal! Depois a gente ouve!....Então o que é muito legal nessa música, além do ritmo, elaela fala que “quando alguém em desaponta, paro tudo e dou um tempo, daqui há pouco eu percebo que ninguém é cem por cento”..... os gostos são muito diferentes! Não é, Crisl? Você, por exemplo, gosta pra caramba da música do Camaleão, não é?

Isa – Eu gosto do Bambu!

Danilo – Eu também gosto do Bambu!

Keila - Ah! Ta vendo? O que é importante nessa música, o que ela está mostrando é que mesmo a gente não gostando muito do que o outro gosta, a gente pode aprender a ouvir e tentar ver alguma coisa de legal naquilo! Agora eu queria sugerir o seguinte, que vocês falassem um pouco sobre isso! Por exemplo, vocês se gostam do jeito que vocês são?

Cris – Eu gosto do Paulo!

Keila – Mas você se gosta?

Cris – Não!

Keila – Não?...se você não se gosta do jeito que você é como é que você queria ser?

Cris - ...cabelo loiro!

Keila – Por que? O que você vê no cabelo loiro que te faz ter vontade de ter cabelo loiro?

Cris – Ué....eu acho bonito!

Keila – Mas e o cabelo escuro?

Cris – Eu não gosto!

Keila – Fora o cabelo, você gosta de tudo em você? Só o cabelo que não?...agora me conta Carol, o que você mais gosta em você?

Cris leva um tempinho pensando.

Cris – O que eu mais gosto de mim do que jeito que eu sou, menos o cabelo!

Keila – E agora eu vou dizer, mesmo te conhecendo há pouco tempo, o que eu mais gosto em você....o seu sorriso! Você tem um sorriso espontâneo!....Danilo, conta para mim, você gosta de você do jeito que você é?

Danilo faz sinal negativo.

Keila - Não? Mas então o que você queria mudar em você? E o que você mais gosta em você?

Danilo fala mas muito baixinho e eu não escuto.

Cris – Ele disse que não gosta do cabelo dele!

Keila – Mas por que?

Danilo – Porque sim....eu não gosto da cor....

Keila – Agora me conta, Danilo, o que você mais gosta em você?

Danilo – Não gosto de nada!

Keila – Como nada?...pensa bem....

Danilo – Eu não gosto da cor do me corpo!

Keila – Por que?

Danilo – Porque sim!

Keila – Que cor você queria?

Danilo – Eu queria ser da cor do André....

André é outro aluno da sala com a pele mais clara que a de Daniel.

Cris- ...e o André da cor dele!

Professora Patrícia – O que fez você não gostar da sua cor? Qual é o problema? Aconteceu alguma coisa? Alguém falou alguma coisa?

Danilo – Todo mundo me fala que eu sou negro....

Professora Patrícia – Você acha ruim isso?

Danilo faz sinal afirmativo.

Professora Patrícia – Por quê?

Danilo fala mas não consigo recuperar seu depoimento. Ele diz algo sobre chamar de negro ser como xingá-lo.

Keila – Você acha que chamar de negro é xingar?

Cris – É....preto é, mas negro não!

Professora Patrícia – Preto é palavrão?

Algumas crianças dizem que sim e outras dizem que não.

Keila – Então quem acha que é? Levanta a mão!

Professora Patrícia – Quem acha que negro é palavrão?

Leandro - Eu!

Professora Patrícia – É a opinião dele, né?

As crianças disputam a vez para ver quem será a próxima a falar.

(...)

Keila – Pode falar, Cláudio!

Cláudio – O que é para falar?

Keila – O que você não gosta em você?

Cláudio – O que eu não gosto?...eu não gosto do meu cabelo....ele é crespo...quando eu corto ele fica crescendo....e eu não gosto do meu nome.....eu queria cabelo vermelho igual meu tio....

Keila – Agora me conta, Cláudio, o que você mais gosta em você?

Cláudio – Da minha pele....só..

Keila – Você gosta da sua pele? Por que você gosta da sua pele?

Cláudio – Porque é bonita!

Keila – É bonita mesmo!

Cláudio – Eu não gosto da pele dele! Parece amarelo!

Professora Patrícia -me chamavam de amarela....

(...)

Keila –....quer falar mais alguma coisa, Cláudio?

Cláudio – Eu também não gosto da cor do meu olho....

Keila – Que cor você queria que ele fosse?

Cláudio – Verde....

As crianças começam a dizer que queria ter olhos azuis e verdes.

(...)

Moniele – O que eu não gosto em mim, é que eu sou muito pequenininha! Mas só que eu tenho uma tia que ela é grande e ela queria ser do meu tamanho! Ela é tão grande que ela nem usa sapato de salto e eu uso direto....vivi como nunca ninguém está contente? E quando eu era criançauma coisa muito feia que eu fiz...eu nunca fui noivinha de casamento...quando me convidaram para ir eu aceitei...só que a minha tia falou para a minha mãe fazer cachinho e eu já tinha cabelo enrolado e antes de ir para o casamento eu não quis mais ir e tiveram que ir atrás de outra menininha....e hoje eu me arrependo...eu queria ter o cabelo liso, liso igual ao de uma vizinha minha....

Keila – E o que você mais gosta em você, Moniele?

Moniele Eu gosto do meu olho!

(...)

Cris – Sabe o que eu também não gosto em mim? É que eu sou muito alta!

Keila – Você acha que você é muito alta, Cris? É o contrário da Moniele!....vou te contar uma coisa, Cris....quando eu era pequena, eu era muito comprida, sabe....e quando eu chegava na sala de aula eu nunca podia sentar na primeira carteira! Porque não era como vocês aqui...vocês colocam as carteiras em dupla, não é? Quando eu estudava no ensino fundamental...eu nunca podia sentar na primeira carteira porque os colegas eram menores do que eu....mas depois, Cris, eu comecei a gostar do meu tamanho! Demorou um pouco....mas hoje eu uso salto mesmo sendo alta!

(...)

Wander – Eu não gosto muito do meu cabelo....

Keila – Por quê?....Como você queria que ele fosse, Wander?

Wander – Laranja...

Keila – Ah! E o que você mais gosta em você?

Wander – Eu não gosto da minha pele...

Keila – Você gosta ou não gosta?

Wander – Não...

Keila – Por quê? Alguém alguma vez falou da sua pele?...Você tem irmãos?

Wander – Tenho!

Keila – E eles têm a pele igual à sua?...mas lembra da pergunta? O que você mais gosta em você?

Wander – Meu corpo.....

Keila – Então tá....vamos deixar o....

Wander – Não! Eu não terminei!

Keila – Tá bom....então pode falar....

Wander – O Cláudio sabe....

Keila – O Cláudio sabe o quê?...Então conta, Cláudio....

Cláudio – Ele falou que o pai dele morreu!

Wander faz sinal de que não é isso que ele queria que o amigo contasse.

Keila – Então fala para o Cláudio!

Wander cochicha no ouvido de Cláudio.

Keila – Então conta para a gente, Cláudio!

Cláudio - O pai dele morreu!

(...)

Moniele – O Calvin tinha falado que ele gostava só de dois tipos de músicas, não é Calvin? E quais são essas músicas?

Kalvin – Rap....

Keila – Calvin, o que você mais gosta em você e o que você menos gosta?

Kalvin – Eu não gosto do meu olho!

Cris– A cor, não ?

Keila – Calvin.....conta para mim o que você mais gosta em você?

Kalvin – Meu cabelo!

Keila – Você gosta do seu cabelo? Legal!

(...)

Keila – Laura, conta para a gente o que você não gosta em você?

Laura – Eu não gosto do meu olho!

Keila – Por quê? Que cor você queria que ele fosse?

Laura – Verde!

Keila – Agora... o que você mais gosta em você?

Laura – cabelo....

Keila – Você gosta do seu cabelo? Que legal....você gosta de mexer no seu cabelo?
....Agora é o Theo....

Theo – Eu não gosto do meu cabelo....

Keila – Você não gosta do seu cabelo? Por quê? O que tem de errado com ele?

Theo – Eu queria que ele fosse vermelho!

Keila – Todo mundo queria ter cabelo vermelho? Mas quem vocês viram que tem o cabelo vermelho e que vocês acham tão bonito assim?

Alunos – Laranja!

Keila – Eu fiquei curiosa para saber....interessante!...mas agora me diz o que você mais gosta em você?

Theo – Eu não gosto do cabelo e nem do olho...

Keila – Mas agora me conta alguma coisa que você gosta!

Theo – Do meu corpo eu gosto....do cabelo e do olho não....

Keila – Só do cabelo e do olho que não?...Mas você acha que seria diferente, que seria bom se você tivesse outro tipo de cabelo e outra cor de olho? O que mudaria para você? Você acha que as pessoas te tratariam diferente?

Theo – É....

Keila – Mas para melhor ou para pior?

Theo – Para melhor....

Keila – Agora eu posso contar um segredinho do que eu não gosto em mim?

Alunos – Pode!

Keila – Eu nunca gostei do meu pé!

Cris – Eu também não gosto do meu....é muito grande!

As crianças se empolgam e começam a falar todas ao mesmo tempo.

(...)

Cris – Você tem que gostar de você! (se referindo a mim)

Keila – Eu tenho que gostar, Cris?

Cris – Tem! Porque você é bonita!

Keila – Mas e se eu não gostar?

Cris – Você tem que gostar porque você é loira e você é branca!

(...)

Keila – Olha, para a gente descansar um pouquinho, vamos ouvir essa música?...Todo mundo em pé....vamos escutar o que a música fala, hein?

Coloco a música “Estica e Dobra” do CD “Canções para brincar”. Ouvimos a canção imitando os movimentos (esticando e dobrando o corpo).

Keila – Vamos sentar de novo? Quem não falou ainda levanta a mão!....Então agora é o Davi!

Davi – Eu não gosto do meu olho....também não gosto do meu cabelo.....da minha cara....

Keila – Do quê?

Davi – Da minha cara!

Keila – Você não gosta?...O que você mudaria no seu rosto?...alguma vez alguém falou que você não tem rosto bonito?

Davi – Minha mãe falou que meu rosto é bonito....

Keila – Mas alguém já te falou alguma vez que seu rosto não é bonito?

Davi – Ninguém falou....

Keila – Então por que você acha teu rosto feio?

Davi – Eu não queria que ele fosse marrom....

Keila – Mas você sabe que você tem uma cor bonita e uma pele bonita?...agora o que você mais gosta?

Davi – Eu gosto do meu cabelo....

Keila – Você gosta? Por que você gosta dele?

Davi – Eu gosto do meu corpo, da minha pele, do meu pé....

Keila – E eu vou falar uma coisa....eu acho o nariz do Davi muito bonito!

Cris – A pele dele?

Keila – A pele e o nariz! Cada um de vocês tem alguma coisa especial!

(...)

Keila – Você (Davi) gosta do seu nome mas queria ter um outro nome antes? Qual é o nome mesmo?

Davi – Roberto....

Keila – Ele queria chamar Roberto Davi da Silva....

Cláudio – É que o pai dele chama Roberto!

Davi – Roberto da Silva!

Keila – Você queria ter o mesmo nome do teu pai?

(...)

Leandro – Eu queria ter olho verdee o cabelo loiro....pele branca....

Keila – Leandro, me conta uma coisa....qual é a cor da tua pele?

Leandro – Meio marrom...

Keila – O que ia mudar se a sua pele fosse de outra cor?

Leandro não responde a pergunta.

Professora Patrícia – Por que você queria que ela (a pele) fosse branca?

Keila – Alguém falou que sua pele não é bonita assim?

Professora Patrícia – Já falaram que é feio?

Leandro -e a minha mãe e o meu pai são separados....meu pai mora

Professora Patrícia – Mora onde?

Leandro – É....de vez em quando ele pega nós eleva nós....

Keila – Você tem irmãos?

Leandro – Tenho....

Keila – Quantos?

Leandro – Dois....

Keila – E o que você mais gosta em você? Que você acha bonito?

Leandro – Eu gosto de mim mas não gosto de gente....

Professora Patrícia – Como assim? Que gente você não gosta?....Você só gosta de você?

Você não gosta dos seus amigos?

Leandro – Da minha família eu não gosto porque eles ficam falando que eu sou feio....

Professora Patrícia – E quem fala isso?

Leandro – Minha mãe, meu irmão, minha irmã....

Professora Patrícia – E você acha que você é feio?

Leandro – Quando eu faço um desenho minha fala que é feio.....

Professora Patrícia – O desenho, mas e você, ela fala que você é feio?

Leandro – Ela falava...agora não fala mais....

Professora Patrícia – E o que você mais gosta? O que você olha e fala “nossa, que bonito isso em mim”....

Leandro – Eu gosto da minha pele....eu gosto da pele minha, da minha mãe, do meu irmão, da minha irmã....

(...)

Keila – Conta uma coisa para mim, Bárbara...o que você mais gosta em você?

Bárbara não fala muito alto e não consigo resgatar seu depoimento.

(...)

Pedro – Eu queria ser igual ao colega do meu pai....

Keila- Mas como é o colega do seu pai?

Pedro – Ele tem cabelo vermelho e ele é branco...eu vou pintar meu cabelo de vermelho....

Keila – Por quê?

Pedro – Porque eu acho bonito...

Keila – Você acha que combina com ele, Cris?

Cris – Não....

Keila – Você acha que é melhor assim? ...Olha aí, Pedro....não estão concordando....estão achando seu cabelo mais bonito assim....e o que você mais gosta?

Pedro – O olho.....

(...)

Keila – Vamos escutar a Gláís? Conta para a gente o que você não gosta em você?

Glaís – Eu não gosto do meu nariz.....

Cris – Eu acho bonito!

Keila – Olha lá! A Cris acha bonito o seu nariz!

(...)

Keila – Vocês sabiam que minha família é toda misturada? Uma avó era bem branquinha e a outra avó bem negra! Minha bisavó, mãe da minha avó também era bem negra... e ela chamava Adelina...eu a vi poucas vezes porque ela morreu quando eu era muito pequena.....a mãe do meu pai chamava Isoldina e ela era negra....e a mãe da minha mãe chamava Guerina....

Cris – Guerina?

Keila Guerina! É um nome diferente, né? Então eu sou uma mistura de um monte de cor! Mas a Glaís ainda não terminou de falar....o que você mais gosta em você?

Glaís – Do meu corpo....

Keila – Então ela gosta do corpo dela!Sabem quem não falou ainda? A professora Patrícia!

Vamos ouvir a professora Patrícia?

Professora Patrícia – Eu não gosto porque eu acho que eu sou muito grande e muito magrinha! Ao contrário da Moniele.....e aí, toda vez que eu vou comprar um sapato, eu sempre gosto dos mais altos....e aí eu não compro porque daí eu vou ficar mais alta! Meu maior medo é de arrumar um namorado bem baixinho.....

Keila – E o seu namorado?

Professora Patrícia – Ele é um pouco mais alto...um pouquinho....e eu gosto do meu olho! Dos meus cílios, eu acho que eles são bem grandes....eu sempre era a última da fila...então eu não faço fila por ordem de tamanho....

(...)

Coloco a canção “Pé de Nabo” do CD Pé com Pé, Selo Palavra Cantada.

Keila – Por que eu coloquei essa música para a gente conversar hoje?Porque a gente é diferente um do outro! Eu queria que vocês pensassem o seguinte: que a cor da nossa pele, a cor do nosso olho, faz parte da gente!

MINHAS IMPRESSÕES

Hoje as crianças pareciam mais calmas do que na semana passada. Comentei o fato com a professora e ela me disse que conversou muito sério com as crianças na quarta-feira passada porque “na terça elas não haviam se comportado”. Ela disse que eles tinham que repensar se queriam continuar fazendo parte do projeto ou não. No final da discussão, as crianças acharam que o projeto é legal e não queriam deixar de participar. Como a professora Patrícia havia me enviado um e-mail contando do diálogo que ela teve com os alunos, inclusive ressaltando algumas falas dos alunos, eu, a Moniele e ela (Patrícia) achamos por bem dialogar com as crianças sobre as nossas diferenças: não gostar da mesma coisa que o colega não significa não gostar do colega. Diante disso, hoje eu compartilhei com as crianças uma música do CD Pé com Pé, chamada “Pé de nabo” que fala justamente da questão de ser feliz como se é, sem precisar ser falso. Conhecer outras coisas além das que eu já conheço e ver o que há de bom nelas. Após ouvirmos a música, sugeri que dialogássemos sobre isso e o resultado foi extremamente rico! Apenas um ou dois alunos deixaram de dar seus depoimentos. Não forcei ninguém a falar. As crianças que não quiseram falar participaram do círculo ouvindo os depoimentos dos colegas. A história de vida daquelas crianças de apenas 6 anos é muito intensa. A maneira como eles lidam com os assuntos do cotidiano difere muito de

crianças da mesma idade em outras escolas. Já lecionei música para crianças em escolas particulares e posso dizer que a visão de mundo difere muito dependendo do contexto em que a criança vive. O que não quer dizer que a criança da escola pública de periferia seja menos feliz que a criança que mora no centro, que frequenta uma escola particular. O que percebo é que ambas contam suas histórias de vida porém de maneiras diferentes. Não ouvi nenhuma criança da EMEB Janete Lia se referir ao dia do Halloween, por exemplo, ou seja, para elas talvez não seja uma data marcante, não interfira no cotidiano. Já nas escolinhas particulares hoje foi dia de festejar o Halloween, de colocar fantasias. Também observo que as crianças que convivem num contexto econômico mais privilegiado, tendem a falar mais das coisas que possuem, das coisas que ganharam ou deixaram de ganhar, das coisas que anseiam ganhar. Crianças que vivem num contexto econômico menos privilegiado parecem se preocupar mais com questões ligadas ao preconceito (cor da pele, dos olhos, do cabelo, textura do cabelo), contam mais do que acontece com seus familiares, do seu cotidiano, dos animais de estimação, do andar de bicicleta, de quem é vizinho de quem. Hoje tivemos depoimentos muito importantes que demonstraram o quanto o padrão de beleza europeu ainda predomina entre nós. O ser loiro, branco, ter olhos verdes ou azuis é anseio da maioria das crianças ali presentes no grupo. Isso me faz lembrar muito das leituras de Dussel, quando ele trata dessas questões, do colonialismo. Enfim, foi uma tarde muito rica e acho que ainda terei muitas impressões posteriores sobre esse dia. O que agora escrevo é apenas um pouco do que me tocou hoje, sem nem ter transcrito ainda os diálogos ocorridos. O que sei é que a cada semana tenho aprendido muito com aquelas crianças e me sinto honrada em fazer parte do cotidiano delas pelo menos uma vez por semana. Para a próxima semana, pedi que as crianças pesquisassem músicas que fazem parte de suas famílias, que foram ensinadas por alguém da família e que compartilhem conosco.

ANEXO 29

ENTREVISTA COM A PROFESSORA PATRÍCIA

PESQUISADORA: KEILA

COLABORADORA DE PESQUISA: MONIELE

12/12/06

Keila – Hoje eu troquei a pilha, Paula....

(...)

Professora Patrícia – ..E eu vi ontem....porque faz um tempão que eu estou tentando entrar na Internet....daí meu irmão pôs uma senha, não sei a senha....não conseguia...daí ela “ah, eu quero ir”....

Keila – Ai, que pena.....e como é que foi a reação deles depois?

Professora Patrícia – Nossa! No dia...trouxe na quarta, né?

Keila – Na quarta....

Professora Patrícia – No dia ...quinta, a genteeles vieram normal, na sexta eles assistiram o DVD, eles ficaram alucinados!

Keila – Vocês assistiram?

Professora Patrícia – Assistimos...eles ficaram eufóricos! Todos se viam dançando, foi bem legal! Aí, depois a gente fez a festinha de despedida, né....que era um bolinho... e a gente colocou o CD e foi muito engraçado porque eles sabem todas as músicas! O Wander cantou aquela “Oi, oi, oi, olha aquela bola”....

Keila – Olha!

Professora Patrícia – E essa música é muito rápida!

Keila – Ela é rápida ...até eu me enrosco....

Professora Patrícia – E o Wander que puxava!

Keila – Que legal!

Professora Patrícia – Com certeza ele aprendeu isso de quarta para sexta....

Keila – Então...eles conseguiram ouvir em casa?Ai que bom! Porque eu estava com medo que eles não tivessem acesso...

Professora Patrícia -a gente perguntou quem tinha, quem não tinha....ela (Isa) era a única que disse que não tinha....mas ela falou que ouviu na irmã dela....na casa da irmã dela tem aparelho e ela ouviu na casa da irmã dela....

Keila – Ela tem irmã mais velha assim?

Professora Patrícia – Tem. Parece que do primeiro casamento do pai dela....

Keila – Ah! Entendi....

Professora Patrícia – Mas foi muito legal!

Keila – Nossa, que bom! Fico feliz em saber!...E eles, como é que reagiram ao se verem na TV?

Professora Patrícia – Então...foi interessante porque eles falaram “nossa, professora! Que barulho!”....E eu “quem está fazendo aquele barulho?”....Aí teve uma hora que mostra o Leandro saindo da roda e ele foi sentar ali naquele cantinho, né...ele não quis entrar na roda aí ele caiu da cadeira! Ai, gente...ele não lembrava que tinha caído da cadeira e na fita mostrava, né...

Keila – É verdade....o DVD mostra ele caindo!

Professora Patrícia – Aí ele “olha aí, eu caí!”.... E a Cris falou “também, você viu onde você estava? Você estava lá sentado e ainda não pára!”....A Isa ficou meio assim porque

a fita mostrou ela se mexendo toda hora né....no começo ela achou engraçado mas depois ela viu que toda hora “Isa, senta”.... “Isa, senta”....Ela ficou meio assim, né....

Keila – Ela ficou chateada?

Professora Patrícia – É....ficou....

Keila – Por ter aparecido tantas vezes pulando?

Professora Patrícia – Eu senti que ela não gostou muito....no começo foi legal: “olha eu”, né.....aí depois....aí eles falaram que pegou mais o pessoal que estava do outro lado né...

Keila – É que a filmadora estava do lado de cá.....

Keila – Eles estavam querendo ver no DVD?

Professora Patrícia - ... O menino....

Keila – E quando apareceu?

Professora Patrícia – Nossa senhora! Eles falavam assim: “Nossa!”....O Davi que fala “nossa, que largo!”...porque ele sabe dançar, né? Então eles falam “largo”, que tem sorte! Vira e mexe ele fala isso e demorou para eu entender que largo quer dizer “nossa, que sorte!”....Eu vivo vendo o Davi falar para os desenhos do Danilo “nossa, que largo!”....Aí eu ia lá olhar e era o desenho do Danilo, né....

Keila – O Danilo desenha bem?

Professora Patrícia – Desenha bem!....E eu “que é esse largo aí”....aí um dia eu percebi e pedi para o Danilo “faz um desenho aqui para mim?” E ele “nossa, que largo!”....Aí que eu comecei a entender....

Keila – E todos assistiram...mas teve alguns...a Cris, por exemplo, não quis....(me referindo à dança no dia da filmagem).

Professora Patrícia – A Cris foi uma que se arrependeu....A Laura também comentou “ah, professora, eu fiquei com vergonha e brincar e não dancei, né?”....Ficou arrependida... Para eles foi uma novidade se verem na televisão!

Keila – É, porque acho que eles ainda não tinham tido essa experiência aqui na escola, né?

Professora Patrícia – Não....Só tem uma outra que a Rita filmou também... de brinquedos....mas não deu tempo dela passar ainda...porque a gente fez um projeto de brinquedos...e eles confeccionaram e depois, na véspera do dia das crianças a gente montou com as carteiras ali e a gente colocou em exposição para as outras classes e ela (Rita) filmou mas ela não conseguiu passar para eles verem....

Keila – É....eu peguei e levei para um rapaz que é conhecido nosso....

Professora Patrícia – Porque se demora já perde.....

Keila – Aí eu falei para que ele que eu precisava do DVD o mais rápido possível....aí ele passou para DVD e eu tenho a fita original...e eu falei: “esse aqui tem que ficar para a escola”....

Professora Patrícia – Ainda a Cris falou assim para mim...ela veio na reunião ontem, com a avó dela e falou assim “cadê aquele DVD?” Aí eu peguei e falei assim “está no armário”....Aí ela falou assim “posso levar?” Aí eu falei “ Ah, Cris, é da escola....” Ela falou “então você não pede para o Juninho, o Juninho é meu sobrinho né, para ele gravar para mim? Aí falei “vou pedir, vou pedir para ele gravar um”....

Keila – Que bom! Que bom!...É...sabe uma coisa....é que a gente não teve tempo hábil para tudo isso mas uma coisa que seria legal....de repente marcar um encontro para os alunos com os pais para assistirem o DVD...

Professora Patrícia – Isso seria bem legal!...Até...ontem teve reunião mas vieram pais minguados, assim...

Keila – Veio pouca gente? E por que eles não vêm?

Professora Patrícia - Na minha turma vem 13, 14,,,

Keila – E por que eles não vêm? É horário de aula?

Professora Patrícia – Então...esse foi um horário bom que eles conseguiram....eu não sei exatamente porque eles não vêm....tem mães que não trabalham, que eu sei que não trabalham.....mas eu acho que eles não vêm.....

Keila – Não gostam de entrar na sala?

Professora Patrícia – Na verdade vieram muitos por conta que também ia ter a matrícula das crianças, né....

Keila – Ah!

Professora Patrícia – Mas numa reunião comum, eles...parece que não têm muita paciência, que não é muito importante....

Keila – E as crianças, não sentem isso?

Professora Patrícia – Sentem...

Keila - ... Quando os pais não vêm?

Professora Patrícia – Sentem...

Keila – Comentam?

Professora Patrícia – Comentam...eles esperam né....tem uma ali no canto, né, a mãe nunca veio...

Keila – Mas ninguém da família dela?

Professora Patrícia – Não....ela mora com a irmã....inclusive quando ela teve problema de comportamento, eu chamei....não veio ninguém....aí ela “a minha irmã não pode”....porque a irmã dela é doente, né...doente assim, ficou internada um tempo, foi aí que ela (aluna) piorou mais....

Keila – É?

Professora Patrícia – Aí em seguida ela saiu mas ela é muito estranha!

Keila – Ela não fala coisa com coisa, assim?

Professora Patrícia – Então....na verdade eu não sei o que éeu acho que tem a ver com medicamento, droga, sabe....acho que deve ter dado alguma....aparentemente ela estava bem...eu não sei o que aconteceu...eu não sei se foi algum tratamento contra essas drogas que ela consome, cigarro, álcool....

Keila – Às vezes é uma desintoxicação.....

Professora Patrícia – Depois ela não veio mais...só veio aquele dia....ela estava muito magra, muitoestava com uma expressão muito ruim....

Keila – É? Ela tinha cara de quem estava sofrendo mesmo?

Professora Patrícia – Assim....olhava para ela, parecia aquela pessoa aidética num estágio já avançado....Quando eu olhei assim.....eu até chorei em casa, fui embora muito mal....ela chegou do nada....

Keila – E ela veio falar da Elisa?

Professora Patrícia – Ela veio para falar das meninas porque ela tem duas, né....

Keila – Ela tem duas?

Professora Patrícia – É...uma comigo e outra com a Maria....

Keila – E a outra tem quantos anos?

Professora Patrícia – Ah....está na 2ª série, está com 8.....na verdade eles têm muitos filhos.....

Keila – É essa que tem 7 (me referindo ao número de filhos)?

Professora Patrícia – A mãe da Bárbara tem 5 meninas! E eu já confirmei: ela está grávida de um outro....então é o sexto! Tem uma outra, também, que ontem o pai veio fazer matrícula e ainda ele brincou com a Renata que ele tinha encomendado um presente de Natal! Aí a Renata falou assim “meu Deus, outro?” Aí ela falou “Patrícia, acho que já é o décimo que sai dali”....Tem uma moça, eu não sei quem é...eu vi ela uma

vez só logo que eu entrei aqui....nem sei se ela tem mais criança aqui....com 25 anos ela já tinha 8!

Keila – Oito filhos?

Professora Patrícia – É...oito filhos....

Keila – Nossa!

Professora Patrícia – Tem um aluno da manhã que é problemático....tem dado muitos problemas mesmo....e ele descobriu há pouco tempo que a mãe é mãe....

Keila – Mas foi por conta disso que ele deu problema, ou não? Foi ante disso?

Professora Patrícia – Quando a mãe engravidou, ela fez de tudo para tirar...então ela se batia na parede...fez de tudo para abortar....aí ela não conseguiu....aí quando ele nasceu, quando ele tinha 3 meses, ele foi para o albergue, né...aí ficou lá....

Keila- A mãe deixou ele?

Professora Patrícia – Deixou...ela era nova, de menor, e a mãe dela não queria, no caso a avó, não queria, não queria criar a criança....aí ficou 3 meses num albergue, aí com 3 meses o pai buscou, casou com uma mulher, a mulher cuidou, mas dizem que ela judiava muito....

Keila – Quanto anos ele tem?

Professora Patrícia – Deve estar com nove....nove anos...já teve problemas sérios, de agredir a professora...chuta a canela, morde, arranha....

Keila – E as outras crianças?

Professora Patrícia – As outras crianças...ele bate muito mas também apanha muito...aí, da última vez, ele deu um problema sério...foi embora para o Conselho Tutelar....a outra, que era casada com o pai dele, que cuidava bem dele, aí ela não estava agüentando....aí ia para um albergue mesmo, até pegar idade para sair....

Keila – É isso que eu falei! Eles têm umas história de vida....eu fico muito preocupada porque hoje em dia....eu não tenho tempo nem de assistir televisão, nem novela, nada dessas coisas, mas o pouco que eu vejo, em propagandas, essas coisas, eu vejo que é justamente para alienar....é bem assim: “olha, você está sofrendo apanhando do marido, do pai, da mãe, mas você pode sentar aqui, agora, na poltrona e fazer de conta que você não é essa pessoa, que você não tem essa vida! Porque é esse público que faz as emissoras terem dinheiro!

Moniele – É outro tipo de vida, né?

Keila – É....eles (me referindo aos personagens da TV) usam outros tipos de referenciais para resolver os problemas...

Professora Patrícia – Eu fiquei muito revoltada.....porque logo que eu vim para cá, a gente não tinha sala, aí a gente ficava na biblioteca, não tinha o parquinho....lá para maio é que veio o parquinho, aí ninguém vinha montar....aí, num belo dia, veio um moço da prefeitura, levou nosso parquinho embora e aí trouxe esse, que já era usado! Nosso parquinho era novo! Esse estava riscado! Ele disse que não, que era novo mas que riscou na mudança....aí nem terminou de montar....então é assim, revoltante!

Keila – E para onde levaram o novo?

Professora Patrícia – Ah! Eles levaram para outra escola! Mas é revoltante porque fica tudo o que é de mais ruim, entendeu?

(...)

Keila – Agora....a clientela aqui dessa escola, é mais do Jardim Gonzaga?

Professora Patrícia – É....pega Jardim Gonzaga e Pacaembu....os pais falam que é a escola da favela....

Keila – Eles falam isso?

Professora Patrícia – Falam!

(...)

Professora Patrícia – Mas eu acho que eu não trocaria ... eu não trocaria a escola da prefeitura, escola da prefeitura, e não do estado...

Keila – O que faria a escola do estado? Tem ensino fundamental no estado?

Professora Patrícia – Tem, tem!....O estado mantém algumas de fundamental....

Keila – o Álvaro Guião mudou, né? Antes era para ensino médio, agora passou para ensino fundamental?

Professora Patrícia – De 5ª a 8ªde 5ª ao 3º agora, né? É, parece que é! E tem o Péricles, que tem ensino fundamental....

Keila – A prefeitura dá cursos para vocês se reciclarem?

Professora Patrícia – Dá, dá sim! Ainda esse ano eu fiz um...acho que foi a melhor coisa da minha vida porque coincidiu, né, eu estava entrando para alfabetização....

Keila – Você nunca tinha trabalhado, né?

Professora Patrícia – Não, não....

Keila – E o que você achou?

Professora Patrícia – Eu adorei! Inclusive eu faço Psicopedagogia na Unicep e, na mesma época em que eu me inscrevi, veio um e-mail da Net com curso de educação infantil, de especialização....Eu não fiz porque eu estava tão revoltada que eu não queria! Porque eu fui obrigada a pegar! Tinha um monte de coisa para escolher e eu fui obrigada a pegar 6 anos, eu fui obrigada a pegar à tarde, porque eu preferia pegar de manhã e outra série, porque eu já tinha arrumado um outro emprego à tarde....Podia trocar mas não me deixaram trocar, então eu fiquei muito revoltada! E aí, eu falo que se eu soubesse jamais teria entrado em Psicopedagogia, teria feito o ensino infantil porque eu adorei! Agora minha briga esse ano é para pegar!

Keila – Mas por quê? Eles forçam a barra para você.....?

Professora Patrícia – Não ...é porque foi assim, no ano passado eles avisaram....uma leva de pessoas iam ser chamadas porque iam abrir as salas de 06 anos....e aí, o que foi passado para nós? Então nós tínhamos que fazer um curso, teve um curso no final do ano, que só poderia pegar 06 anos quem fizesse o curso....até aí foi falado....foi todo mundo fazer o curso....aí chegou na hora da escolha...não tinha só 06 anos....aí começou a escolha, todo mundo começou a pegar outras salas, ninguém queria de 06 anos por causa da atribuição...aí ameaçou e tal, aí todo mundo ficou com medo, aí a gente ficou com medo, porque precisava efetivar! Aí a gente começou a pegar.....mas o problema, para mim, não foi nem ter pego 06 anos.....mas foi eu precisar trocar para trabalhar no Sesi....

Keila – Você trabalhava em dois lugares?

Paula – Eu iria....aí teve sala de uma professora, que ela saiu para fazer mestrado, aí “vamos trocar”....aí não me deixaram trocar....

Keila – Mas você que convive mais com as crianças, desde o começo do ano, você sentiu diferença nelas, no decorrer desse ano? Nesse processo que a gente viveu?

Professora Patrícia – Eu....ainda estava comentando hoje de manhã.....eu acho o negócio do ciclo ser de 09 anos só vai fazer a gente ganhar! Porque quando as crianças vêm do parquinho para a 1ª série, elas vêm sem saber nada...às vezes nem as letrinhas....então, tinha que fazer o trabalho que nós estamos fazendo agora na 1ª série....e tem que dar apoio na 1ª série porque se você não dá apoio na 1ª série o negócio vira uma bola....

Keila – Como é que ficou aquele negócio da progressão continuada? Continua isso?

Professora Patrícia – Então...só reprova na 2ª e na 4ª1ª e 3ª só reprova por falta....

Keila - Senão tem que passar...mas e como é que fica se a criança não tem...se ela não sabe escrever e ler?

Professora Patrícia – Passa.....e aí a gente até leva para o conselho....aí o que a gente tenta fazer são maneiras internas, na escola, por exemplo, a criança se matricula na

escola, ela vai para a 4ª série mas não sabe ler nem escreve direito....a gente matricula na 4ª mas faz uma seqüência da 3ª

Keila – Complicado isso, não? Achei que tivesse acabado!

Professora Patrícia – Não....e no estado é pior! ...eu defendo que a reprovação deveria ser todo final de ano!

Keila – Agora, dos seus alunos daqui, teve algum que não progrediu, que você viu que teria que fazer de novo o 1º ano?

Professora Patrícia – Não....na verdade foram 5 que custaram mais...foi a Glaís, a Nádia, o Wander, o Kalvin e a Isa....

Keila – O Kalvin, é impressão minha, ou ele tem problema de dicção?

Professora Patrícia – Tem....ele vai numa fono...ele tem feito acompanhamento na fono..ontem até teve uma reunião, ela veio....ela marcou as letras que ele troca...

Keila – É...eu tenho dificuldade de entender ele falando....a Ingrid também!

Professora Patrícia – Eu conversei com ele e com o João também....

Keila – O João nem fala muito, né?

Professora Patrícia – É...

Keila – Eu vi ele e fiquei pensando, nossa! Como é que a Patrícia está se virando? Porque ele não fala.....

Professora Patrícia – Ah! Ele conversou, a gente ficou aqui, aí ele veio, sozinho...

Keila – E ele ficou a tarde toda?

Professora Patrícia – Ficou....

Keila – Eu fiquei emocionada quando ele me abraçou quando eu entreguei o CD....ele me abraçava! Porque ele não é de falar!

Professora Patrícia – Não....

Keila – Mas a gente vê no olhar dele...o olhar dele tem muitas palavras!

Professora Patrícia – ... Ele tem um irmão que está na 2ª série e não está alfabetizado e dá muito trabalho...

Keila – É? Porque o João já está....

Professora Patrícia – O João está quase!

Keila – E ele nunca apareceu? (me referindo à presença do pai de João)

Professora Patrícia – Não! Em nenhuma reunião! Ela, sempre que a gente chama, ela (mãe do João) vem! É só arrumar um horário, que ela vem depois do trabalho, que ela vem....

Keila – A mãe dele trabalha?

Professora Patrícia – Ela trabalha!...Ela é super novinha também, eu não sabia....a primeira menina ela teve aos 13! Começa cedo, né?

Keila – Puxa vida, começa cedo mesmo, hein? Não que o pessoas aí, de classe média alta também não comecem cedo mas às vezes tem mais acesso a pílulas de aborto, é mais velado, mas tem também!

(...)

Keila - ...é isso que eu acho que eu mais gostei desse convívio! Ver como é diferente essa troca! Eu gostei dessa troca! Não que eu nunca tivesse convivido numa comunidade assim porque eu estudei em escola pública quando eu era criança....aliás, eu adorava....então eu convivia com outras pessoas diferentes mas o que eu achei legal, aqui, foi conhecer outras histórias de vida e como eles lidam com o cotidiano deles! Falam sobre as diferenças entre eles, de como eles são....

Professora Patrícia – Ela (se referindo à Cris) é muito madura, né? A gente vê que ela é muito madura para a idade dela! Porque ela teve uma história triste também....

Keila – Ela foi criada pelos avós, por quê?

Professora Patrícia – Na verdade, foi assim...o pai dela é irmão da minha cunhada e quando ela tinha 3 aninhos, moravam ela, o pai, a mãe e o irmãozinho, um irmãozinho menor...mas o pai foi assassinado...foi uma história bem triste assim...o pai dela foi assassinado e ela estava com 3 anos e o irmãozinho com 1 mês...e a gente não sabe necessariamente porque, mas ele foi encontrado num terreno com vários tiros na cabeça.....e ela passou então a morar com a mãe....só que a mãe, também era muito nova....deve ter uns 22....21 ou 22 anos....ela teve a Carol com 16, acho que é isso....hoje ela deve estar com 22.....e aí aconteceu de deixar um com a avó, outro com uma tia e saiu por aí... não criou os filhos não....

Keila – Mas ela tem acesso a eles?

Professora Patrícia – Temela tem, ela visita, mas as crianças.... não ficam com saudade...principalmente o menor....ela (Cris) fala que vai morar com mãe, que não vai mais estudar aqui, que a mãe vai pagar a Perua....

(...)

Professora Patrícia – A Cris é um exemplo....de quem conseguiu dar a volta por cima....depois de tudo que ela passou....

Keila – É....ela não aparentaporque o Wander tem esse bloqueio, né?

Professora Patrícia – O Wander tem esse bloqueio....eu falei com a mãe dele hoje....ela vai tentar psicólogo para ele....

Keila – Porque ele começa a falar alguma coisa e não consegue!

Professora Patrícia – Aí, a mãe explicou que, quando ele nasceu, o pai dele ficou preso 5 anos! Fazia 7 meses que o pai tinha saído da prisão....e aí nesse 7 meses que ele começou a conviver com o pai....começou a ver o que era aquilo, o que era ter pai!E aí o pai... dizem, né....que se matou...mas parece que não foi bem isso....parece que é o que eles chamam de “comandante”....parece que o pai dele já foi....ele até tem outros irmãos, filhos do pai, eles se dão bem...

Keila – Mas ele vive com quem agora?

Professora Patrícia – Com a mãe....

Keila – Ela tem só ele?

Professora Patrícia – Eu acho que tem só ele....é o único filho dela....os outros eram só filhos do pai....

Keila -o que eu aprendi, muito, é conviver com histórias tão diferentes sem a intenção de julgar! Por exemplo, “minha vida é pior que a dele”....

Professora Patrícia – É....porque o sofrimento é nosso, né? Não dá para dizer se é maior ou menor...

Keila – Ou que família é mais adequada, que família é mais estruturada....

(...)

Keila – Eu não sei se você percebe essa diferença mas que achei que no começo, quando a gente começou a vir para cá, eles não tinham muita paciência de ouvir o que o outro ia falar....e aí, no decorrer desse processo, eu senti que eles foram se interessando em saber mais, eu não sei se você concorda comigo mas eu achei muito interessante que eles gostaram de ver que a gente não é só o que a gente é aqui dentro....você não é só a professora....então, eu achei interessante que eles gostavam quando a gente estava contando...alguma coisa....

Professora Patrícia – Então....eu estava pensando, que é uma coisa que não devia parar....porque essa coisa de ouvir o outro é difícil! Você viu como é difícil! Então seria bom se continuasse....se não fosse esse processo eu não saberia muitas coisas que acontecem! Eu não saberia o caso do Wander! Eu não saberia! Eu jamais imaginei que o Wander iria se abrir desse jeito! Foi por causa do projeto!

(...)

Keila – É engraçado...a Isa é muito independente, né? Quantos anos ela tem? Só 6?

Professora Patrícia – Acho que ela está com 6 viu...porque ela é de 2000! É....ela vai fazer 7!

Keila – Mas ela é super independente!

Professora Patrícia – Eu até perguntei para a mãe dela na matrícula: “mãe, ela pode ir sozinha? Ela disse:Ah! Pode né professora, para quem se vira sozinha na rua até 11 horas da noite, não pode ir embora daqui ali ao meio-dia?”

Keila – Ah! Porque ela vai estudar de manhã, né?

Professora Patrícia – É....

(...)

Keila – Eu achei legal porque no início, eu não tinha imaginado que a música..eu tinha idéia do que eu queria mas eu achei muito legal essa coisa da música ser a geradora desse diálogo....a riqueza também está nessa troca de histórias de vida....achei muito legal essa troca, deles trazerem (músicas)....o Danilo era especialista em trazer músicas diferentes, né...a Isa também cantou com a Elisa....o máximo foi o dia que eles quiseram dançar *break*!

Professora Patrícia – ...Eu fiquei pensando...como foi acontecer isso? Porque você tinha uma proposta....

Keila –E eu achei muito legal ele trazer a idéia de dançar...eu achei que foi a partir daquele momento que eles realmente se entrosaram! E aí, eu queria ver com você, do seu ponto de vista, como foi essa trajetória? Porque eu lembro que a gente conversou no começo, você tinha outra expectativa também.....Então, eu queria saber como você viu as modificações no decorrer do processo.....

Professora Patrícia – Para mim, eu tinha pensado que ia ser de um jeito mas acabou ficando de outro....A primeira coisa que eu percebi foi aquele negócio que a gente conversou quando você veio com a Ilza, a “barreira do toque”...quebrou! Não tive mais problema de menino sentar com menina, de menina sentar com menino! Nem o João!

Keila – Por quê? Ele não gostava?

Professora Patrícia – Ele chorava! O companheiro dele era o André! Aí, o que aconteceu é que o André começou a progredir mais e ele ficou para trás... Então não dava mais porque estava atrapalhando...Não ajudava porque ele copiava! Aí foi a dificuldade de mudar o João de dupla porque aí ele chorava! Ele ia para aquele canto e chorava, chorava, gritava, berrava e não voltava para o lugar até que eu tinha que ceder e colocar ele de volta com o André! Tentamos uma, duas, três vezes e o mesmo problema! Aí, era uma menina que eu queria por com ele, que dava o par certo para ele avançar...mas não deu... até que eu coloquei ele com uma outra menina, aí ele ficou, mas também porque era a opção que ele queria....aí, devagar, com o projeto, ele perdeu....

Keila – Eu vi que ele se enturmou, né?

Professora Patrícia – Não teve mais problema! Pus ele sentar com a Laura...aí ele também avançou, ele punha ele para sentar de novo com o André...mas eu senti mesmo...que houve quebra dessa barreira!

Keila – Éeu gostei também da gente poder sentar, dançar, encostar um no outro sem agredir!

(...)

Keila – ...Eu vejo que eles têm atitude, eles falam o que pensam e isso vai ser muito importante para eles! Essa coisa do se colocar, do falar, é isso que eu acho que é a riqueza do que a gente viveu com eles! De ver o João falando, de ver o Wander tentando falar mesmo sem conseguir terminar o que começou....a Elisa é outra que não falava e começou a participar....a Isa, não conseguia ficar em nenhum lugar, ia de um lugar para

outro, depois passou a participar...eu achei tudo isso muito rico! E aí, eu gostaria que você falasse mais de como você viu tudo isso...o que mais te chamou a atenção...o que você achou que não ficou legal...o que poderia ser diferente...

Professora Patrícia – Às vezes eu penso um pouco na questão do tempo...assim...as duas horas corridas talvez tenha sido muito tempo...talvez tenha prejudicado, não sei se é bem essa palavra...

Keila – Talvez se a gente tivesse quebrado em dois dias...

Professora – Tinha vezes em que ia bem, mas às vezes que não dava...

Keila – Mas acho que também tem a ver com a faixa etária mesmo...eu também ficava com essa dúvida...ou então diversificar mais, talvez...porque a gente percebia isso...que eles cansavam, trocava de...

Professora Patrícia – Na verdade, ficou muito para eles, a música mesmo! Eles participavam mas acho que ele nem tinham consciência do quanto eles estavam contribuindo! ...Acho que os dias que mais mexeram com eles foi o dia da dança de rua, e o outro dia que teve aquele diálogo na roda....a questão do que eu gosto ou não gosto em mim! Ficou claro o fato da....da cor da pele...a questão do preconceito...

Keila – A gente não tinha idéia do quanto isso estava presente aqui dentro, né?

Professora Patrícia – A questão do “eu não gosto do meu cabelo, eu não gosto do meu olho, eu queria ser mais magro, que queria ter pele dele, eu queria ser igual a ele”.....

Keila – Eu lembro que a Cris falou que queria ser mais magra.....

Professora Patrícia – É ...eu acho a Cris muito nova para ter esse tipo de preocupação.....

Keila – Eu percebo que cada um tem o seu “quê”.....aquela coisinha que não se gosta....

Professora Patrícia – E é muito complicado isso! Eu por exemplo, acho que eu sou magra demais....ainda não estou bem resolvida nessa parte....então, eu consegui me colocar no lugar deles.....

Moniele – É....a Cris falou que queria ser magra, ter cabelo liso....

Professora Patrícia – E é a avó! Porque a avó é muito magrinha, tem cabelo liso....e a avó chama ela de “neguinha”....a madrinha falou “Cris, pega mais um pedaço de bolo” e a Cris falou “Não, madrinha, porque eu já estou muito gorda!”

(...)

Professora Patrícia – É muito cruel! E como é cruel você não fazer parte da média!

Keila – Pega qualquer livreto de propaganda de coisas para o Natal, você vai ver o tanto de “chapinha” que tem para vender! Porque tem que “ter cabelo liso”olha, para mim foi muito difícil aceitar que meu cabelo é encaracolado porque eu não aceitava....ele era liso quando eu era criança, depois foi mudando na adolescência e ficando crespo e foi muito difícil aceitar porque eu não gostava....

(...)

Keila –Eu vi que essa coisa do ser diferente do padrão ainda é muito forte! É muito imposto pela mídia! Se você sai do padrão, você se sente esquisito! Por isso que eu acho que foi importante esse convívio....o de fazer eles perceberem que você pode ser diferente mas nem por isso melhor ou pior!

Professora Patrícia – É...porque assim....a gente está puxando uma conversa que talvez seja legal para eles falarem, né....seja importante....eles estão se mostrando ali, né....

Keila – E para você, enquanto professora, o que a gente vivenciou no círculo, o que representou em termos de sala de aula....o convívio com eles, você acha que esse processo todo propiciou alguma coisa....

Professora Patrícia – Eu senti assim, que eu consegui ter um pouco mais de conhecimento....

Keila – Em relação a eles?

Professora Patrícia – É, em relação a eles....quando alguma coisa não sai do jeito que eu quero, pede uma tarefa e não traz, ou traz tudo suja e rasgada, você começa “porque está tudo sujo”? Começar a entender o que aconteceu com aquela tarefa? Eu acho que tem sido nesse sentido....E não simplesmente chegar e brigar com ele “Ah! Você me trouxe a tarefa toda rasgada!” E aí quando você vai tentar entender o que é que aconteceu você se sente completamente....porque vai brigar com a criança quando ela tentou.....e você começa a ver....

Keila – Eu sei que eu gostei muito de conviver com eles...para mim não foi só um trabalho, uma coleta de dados...

Professora Patrícia – ... eu acho que eu fui feliz! Das quatro que eram para participar do projeto.....eu imaginava que seria de outro jeito...

Keila – Quando eu comecei também tive essa sensação....porque eu tinha outro padrão...aquele padrão assim “você vai fazer um curso”...eu dizia “mas eu não consigo imaginar isso, conviver, construir junto”! Depois eu comecei a ver que o melhor era conhecer e me deixar ser conhecida também! Essa troca mesmo, da gente conversar, conviver! Quando a gente passou a conviver eu perdi essa angústia!

Professora Patrícia – Essa angústia eu também tive!

Keila – Você também teve?

Professora Patrícia – Eu pensava....”não vai dar onde ela quer”.... “a gente não está ajudando”.....

Keila – Imagina!

Professora Patrícia – Eu pensava “vai muito tempo para ela chegar onde ela quer!” Mas aí eu fui vendo que foi tudo tão natural!

Keila – Na verdade eu acho que o rumo era esse mesmo! É que não sabia que essa era o rumo e precisei passar essa angústia toda para ver que era isso mesmo que eu queria! Era ver o quanto a gente podia valorizar um ao outro e aprender um com o outro convivendo junto!

Professora Patrícia – Eu acho que a sua angústia terminou antes que a minha....sua visão foi mais rápida!

Keila – Talvez porque eu tinha um referencial teórico dentro desse contexto.....

Professora Patrícia – A minha “sacada” mesmo foi no dia daquela conversa sobre o que eu gostava ou não gostava em mim....

Keila – E você lembra que nesse dia era para ser outra coisa?

Professora Patrícia – Lembro!

Keila – Era uma outra coisa que a gente ia fazer! ... Eu achei muito legal que a gente não ficou num consenso! A gente pegou mesmo essa coisa do conflito! Essas coisas que dão conflito mesmo!

(...)

Keila – A gente ainda vive numa sociedade que faz isso com a gente.... “o bonito é ser loirinho do olho azul”.....eles (me referindo aos alunos) me ensinaram a me aceitar mais do jeito que eu sou!

(...)

Keila – Eu sei que eu gostei muito de conviver com vocês...foi um semestre muito produtivo, muito gostoso...espero que tenha sido bom para vocês também!

Professora Patrícia – Para mim foi! E elas gostaram!

Keila – Você sente que elas gostaram?

Professora Patrícia – Eu acho ... acho sim...percebi que foi importante para eles...o que mais ficou foram as músicas....as brincadeiras que eles aprenderam...as coisas sobre o ser igual e ser diferente....eles formam fila para falar....o Leonardo fala “espera, agora é a minha vez....porque é um de cada vez, depois que eu falar é a sua vez”....

Keila – Eu tive a sensação, não sei se é real ou não, mas eu tive a sensação de que eles melhoraram a auto-estima deles, no sentido de “eu faço parte desse grupo, eu tenho um nome, eu posso falar, eu posso me colocar e vou ser ouvido”... você também viu dessa forma?

Professora Patrícia – Eles ficam felizes, né...em poder participar dessa forma...é engraçado você acompanhar o progresso, como vai mudando, né?

(...)

Keila – Tem que multiplicar, né? A gente tem que fazer esse projeto....

Professora Patrícia – Dá dó, né? Perder isso....é justamente isso que eu quero destacar no meu projeto: que a gente continue, que eles continuem...que a gente continue a ouvir...eles continuem a falar....

Keila – O diálogo, né...a proposta que eu tenho é que uma das cópias da tese tem que vir para a escola, vir para cá...eu admiro o seu compromisso....eu vejo que você tem um compromisso com a escola....com os alunos...eu quero te agradecer muito!